

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E INOVAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO**

Nataliane Isabela Oliveira Martins

RITMOS DE PENSAMENTO: RASTROS DE COTIDIANOS-EDUCAÇÃO

Sorocaba
2019

Nataliane Isabela Oliveira Martins

RITMOS DE PENSAMENTO: RASTROS DE COTIDIANOS-EDUCAÇÃO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera

Sorocaba/SP
2019

Nataliane Isabela Oliveira Martins

RITMOS DE PENSAMENTO: RASTROS DE COTIDIANOS-EDUCAÇÃO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 26 fev. 2019

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera
Universidade de sorocaba

Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba

Prof. Dr. Hylío Laganá Fernandes
Universidade Federal de São Carlos

Aos meus pais, que me escolheram para ser sua filha, de coração e alma.

A minha avó Brígida (em memória), que tanto me cuidou e acolheu em sua vida. Ao meu avô João de Góes, que me ensinou e ensina o amor das pequenas coisas e da fé.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão aos encontros e desencontros que resultaram de pulsações das idas e vindas neste processo que originou a produção desta dissertação.

À minha querida professora, orientadora e amiga Alda Romaguera, por ter apresentado este universo de liberdade e pesquisas possíveis, me incentivando cada vez mais a adentrar os cotidianos escolares. Pela paciência e amorosidade em nortear meus trajetos e transmitir toda sua força política e pedagógica.

À Marcos Reigota, professor, biólogo, por ter aceitado fazer parte da banca, por suas andarilhanças e aventuras em narrar-se que me encantaram e deram força para trilhar este caminho na dissertação. Por trazer a mim as perspectivas ecologistas como um encontro entre a resistência e o mundo das possibilidades.

À minha parceira de grupo, professora, Marta Catunda, que me afeta com sua sonoridade sensível e delicada. Pelas contribuições, conversas e conselhos durante esta pesquisa. Por ter aceitado ser suplente na Qualificação.

Ao Professor Hylío Laganá, biólogo, por ter aceitado fazer parte da banca, por suas contribuições e leitura da dissertação na Qualificação e por ter aceitado fazer parte da banca de Defesa.

Ao Coletivo Ritmos de Pensamento, por proporcionar essa descoberta de si, no outro, com o outro, e em espaços diversos.

Parceiros de grupo Ritmos de Pensamento, por todas as experiências compartilhadas, andarilhanças, trocas estéticas, éticas, cultivando afetos e partilhando o ser-em-grupo.

À Ana Godoy, por sua contribuição significativa no processo de pesquisar, pelos exercícios de escrita, leituras sensíveis, correções, revisões.

À família, mãe, pai, por estarem sempre presentes ao meu lado me apoiando e cuidando, além de me incentivarem e mostrarem a importância de dar continuidade aos estudos. Por serem meus exemplos de vida, humildade, bondade e fé.

Ao Eduardo, Fernando, José e Lilian, minha também mãe de coração, por terem trazido ao mundo Caíque, João Lucas, João Felipe e Matheus, primos, amigos, crianças, que me fazem sempre voltar à infância e me ensinam o amor genuíno e a importância do carinho.

Aos tantos amigos de Fartura – SP, que provam o quanto podemos estar juntos mesmo longe uns dos outros, e por serem a prova viva de que o tempo não apaga certos laços.

À Amanda Pin, amiga de infância e tempos, por me apoiar e estar sempre ao meu lado independente da distância, pelos tantos conselhos, por ser irmã de coração.

À minha amiga de outra vida, Natália Pessini, parceira de viagens, ouvinte, por podermos compartilhar histórias, momentos, reflexões e conseguirmos enxergar evolução e crescimento em todas as experiências.

Aos amigos que vieram com a pesquisa e que sempre estiveram ao meu lado, Éder, por provar que aqueles que vêm das margens, do interior, também podem fazer acontecer e adentrar os cotidianos. Laurinha, por sempre estar e se fazer presente, ouvinte, amiga, confidente.

Aos meus colegas da graduação, a todos aqueles que passaram por mim e deixaram um pouco de si, levando assim um pouco de mim também.

Aos meus colegas de escola, por compartilharem vivências e sentimentos por esse espaço que carregamos e carregaremos dentro de nós sempre, por compartilharem suas fases, épocas, descobertas, receios em pré-vestibulares e principalmente o mesmo desejo de alçar voo pelos céus afora.

A todos os meus professores da “E. E. Cel. Marcos Ribeiro, do município de Fartura – São Paulo, por todos os ensinamentos, parcerias e vivências que foram capazes de me fazer nunca esquecer dos anos que vivi naquela escola e que fizeram o meu amor pela educação nascer.

À Universidade de Sorocaba (Uniso), universidade comunitária, por abrir suas portas para alunos e não alunos, proporcionando assim vivências universitárias a todos.

À Capes, pela bolsa de estudo integral do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Comunitárias – PROSUC - CAPES/Uniso, permitindo assim uma vivência integral e intensa de todas as ações do mestrado na Universidade de Sorocaba (Uniso).

E por fim, mas não menos importante, a todas as pessoas que por mim passaram e ainda passarão, por sempre estabelecermos trocas enriquecedoras e significativas, por podermos olhar nossas experiências com amor e humildade, comprovando assim o afeto e sensibilidade do humano, de existir.

Gratidão,
Ubuntu

Sou feita de retalhos

Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas que me acrescentam e fazem ser quem eu sou.

Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade. Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.

E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.

E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados. Haverá sempre um novo retalho par adicionar à alma.

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte de suas histórias. E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".

Cris Pizzimenti

RESUMO

De que maneira podemos experimentar outros modos de fazer educação? Quais são os possíveis espaços para habitar e potencializar pensamentos e modos de expressão, desenvolvendo interações entre arte educação e cultura? De que modo essas ações provocam, afetam e inspiram educadores em seus processos e práticas? Como trabalhar com o cotidiano escolar saindo da monotonia para gerar experiências significativas que nos façam ressignificar e produzir novos sentidos e possibilidades para seu uso e novas maneiras de habitá-lo? Que tipo de cotidianos-educação estamos defendendo e como aproximar esse cotidiano dos educadores? A presente pesquisa envereda por possíveis caminhos e trajetos que levem à reflexão desses questionamentos por meio das ações do Coletivo Ritmos de Pensamento, especificamente pelo curso de formação para educadores desenvolvido no Sesc-Sorocaba nos anos de 2017 e 2018, e as tantas idas e vindas trilhadas por mim por entre cidades, universidades e exposições. A presente dissertação transcorre por experiências que ora são de narrativas, orientando os percursos quanto a pontos de partidas e chegadas, e ora são cartográficas, tomando a experiência como objetivo. Com embasamento nas perspectivas ecologistas de educação, busco a partir das narrativas e cartografias ir ao encontro do cotidiano escolar como fonte de possibilidades, potencializando e inspirando os processos educativos.

Palavras-chave: Perspectivas ecologistas. Educação. Cotidiano escolar. Narrativas. Cartografia. Formação docente.

ABSTRACT

How can I experience otherways of producing education? What are the spaces to inhabit and potentiate thoughts and modes of expression, developing interactions between art, education and culture? In what way these actions provoke, affect and inspire educators in their processes and practices? How to work with school education leaving out the monotony to generate experiences that make us re-signify and shape new meanings and possibilities for its use and new ways of inhabiting it? What kind of daily education are we advocating and how do we approach the daily life of educators? The present search wends through possible ways and paths that lead us to reflections about this questioning through the actions of Collective Thought Rhythm, specifically the course educators' formation at Sesc-Sorocaba, 2017- 2018, and the so many comings and goings tracked by me by, through cities, universities, expositions, etc. The present dissertation elapses through experiences, now narratives orienting the routes as to departures and arrivals, now cartographical, making use experience as a goal. Based on the ecological perspectives of education, I seek from the narratives and cartographies to meet the everyday school as a source of possibilities, boosting and inspiring the educational processes.

Keywords: Perspectives ecologists. Education. School everyday life. Narratives. Cartography. Formation of educators.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Apresentando a defesa. Arquivo Pessoal	28
Figura 2 – Minas, flores e eu	44
Figura 3 - Fartura, crianças e eu	45
Figura 4 - O que você quer ser quando crescer?	55
Figura 5 - Plantando feijõezinhos na escola com o Dudu.....	58
Figura 6 - Sobre nós / Sesc-Sorocaba. Leandro Jesus, 2017. (1).....	68
Figura 7 - Sobre nós / Sesc-Sorocaba. Leandro Jesus 2017. (2).....	69
Figura 8 - Trecho do livro O que é uma casa. Bonfim; Medeiros, 2012	70
Figura 9 - Psicologia no cotidiano – Folder divulgação	75
Figura 10 - Minas, tambores e eu.....	79
Figura 11 - Vida singular Pocinhos	80
Figura 12 - Quilombo, pés na terra.....	81
Figura 13 – Transmut(ação)	82
Figura 14 - De pontinho em pontinho, nós.....	83
Figura 15 - Oficina imagética de Alik Wunder, disciplina de Daniel Munduruku.....	200
Figura 16 - Amigo, abraço, rei	204
Figura 17 - Apresentação final de disciplina Educações em conexões-poético-político-estéticas	208
Figura 18 - Apresentação final de disciplina Educações em conexões-poético-político-estéticas	209
Figura 19 – Sentir, sentir.....	211

Figura 20 – Banquete de imagens	219
Figura 21 – Bené na escola.....	220
Figura 22 - Exposição Osso – Tomie Ohtake	221
Figura 23 - Claudio Mello e Luís Serguilha - Corpo, relações-afetivas no cotidiano.....	223
Figura 24 - Vamos bater uma foto? Não é selfie – Quilombo Cafundó	224
Figura 25 - Marcos Reigota, Leandro Belinaso e Bené Fonteles.....	225
Figura 26 - Rodrigo Barchi e Luís Serguilha	226
Figura 27 - Movimentos de pensar com Marcos Reigota	227
Figura 28 - Defesa do “doutorzinho”	228

SUMÁRIO

1	PARA COMEÇAR	25
1.1	Entrando na Uniso	29
1.2	Entrando no Mestrado	30
1.3	Bio:grafia: uma história	40
1.4	Trajetos da vida	44
2	NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS E FICCIONAIS	59
2.1	Diálogo do caminho dos pés	59
2.2	Cartografia como método, acompanhar processos	60
2.3	A aventura de narrar-me	63
3	CHEGANÇA (NO RITMOS)	65
3.1	Encontrando os ritmos	66
3.2	Incerteza	71
3.3	Grupo GREece: um breve histórico	73
3.4	Coletivo Ritmos de Pensamento e Educação pelo Desenvolvimento –cotidianos educação	84
3.5	Curso Sesc 2018: Criança e Naureza	137
3.6	Ritmos de outrar-me	190
4	IDAS E VINDAS: ENCONTROS COM OS OUTROS	193
4.1	Perspectivas ecologistas: mundos possíveis	193
4.2	Munduruku e eu, Munduruku em mim	198

5	CONCLUSÃO: POR UM OUTRO MODO DE EDUCAÇÃO	213
5.1	Resistindo para existir	215
5.2	Registros insignificantes, ou, potentes, ou sem foco, ou, fortes, ou...	218
	REFERÊNCIAS	230
	ANEXO A – CURSO DE FORMAÇÃO 2017	234
	ANEXO B – CURSO DE FORMAÇÃO 2018	239

1 PARA COMEÇAR

Insisto, não desisto.

Cartografar, cores, cartografar com cores e palavras-chave fios, tela teia rede que trazem entre si a movimentação do pesquisar, a relação entre o que se experencia, e o que se resulta dessa experiência.

Busquei sentidos de relevo em tons fortes, os ritmos vêm entrelaçados estilo danças circulares, de mãos dadas em movimentos frenéticos acompanhando o som, o vai e vem do corpo em composições com chamados outros. Adentro um novo espaço desconhecido, as cores inundam a alma, percorrem frestas e brechas para construir, significar, representar. Os fios não tem medo de existir, de ir além, ultrapassar suas próprias limitações.

Sobre tantos trajetos encontros e desencontros neste cotidiano das linhas lâminas barbantes que se cruzam em seu próprio existir, repouso, repouso entre minhas perguntas e questionamentos que se movimentam dentro desta pesquisa, repouso sobre as fibras e filamentos do tecido tom pastel, repouso quando me demoro conversando e fazendo vizinhança com os diversos tons/possibilidades, perspectivas díspares, efeitos de acontecimentos, que continuam se cruzando a cada aproximação, e continuam se cruzando a cada separação, e continuam a vibrar e pulsar e buscar novos caminhos e modos para existir, e.

Quais são os possíveis modos para habitar uma superfície educação? E um tecido espaço, e um trajeto de possibilidades? E.

Quais são os possíveis modos de des(enrolar) cotidianos escolares significativos, e ações capazes de nos fazerem produzir novos fios e tecelagens em novos sentidos e recursos com a educação. E.

Como resistir, como existir para resistir e fazer ninhos e novelos de experiências enriquecedoras? E.

Como agir e existir em coletivo pulsante de traços reverberantes? E. E.

Parto das narrativas para trazer ainda mais vida e sentido às questões, o onde existo, e o onde existi me constroem e fazem parte daquilo que virei a ser, que virei a pesquisar. Vivo, vivo, inspiro e expiro cada acontecimento quase como em processo meditativo, nem sempre é possível filtrar pensamentos, filtrar as dificuldades do trajeto, mas sempre é possível encontrar potências e forças no desconforto do descontrolo dos fatos. Des(controle), como tramas em algodão, de repente, quando se olha, ve-se teias confusas, distintas, nota-se então uma criação inesperada, consequência de caminhos também inesperados. O que é possível encontrar quando os destinos não são planejados, não possuem ordem, início, meio e fim? Fim, meio, início? A que me sujeito quando decido me aventurar em cartografias do existir, distantes daquilo que se pré determina quando andarilho por entre ruas de ritmos?

Ao escolher um barbante, um objeto específico, uma fonte para beber, acompanho suas vibrações. Ritmos de pensamento, coletivo, grupo, pessoas, pensamentos, conquistas ressoantes em espaços de tempo como linhas que desenrolam e fazem torções em campo com outras cores, em pegadas com outros lugares, entrelaçando-se, entrelaçando-se e abrindo ritos de passagens em/com novas construções, performances, cotidianos, formações.

As bordas sustentam todo conteúdo interior, e todo conteúdo que teima vazar pelas beiradas, mundo afora, não se contentam nas existências mínimas, estão em constante busca por diferentes rumos, diferentes passos. Sinto como se o cotidiano escolar e o curso de formação para educadores, o qual decidi me aproximar, desenvolvido no SESC-Sorocaba nos anos de 2017 e 2018, são como bordas e os fragmentos que teimam em sair do dentro para fora, teimam em buscar novas formas de existir. As bordas, por mais que pareçam fechadas, concluídas, permitem o vazamento do conteúdo, permitem o vazamento de cotidianos-educação que resistem indo sempre ao encontro de novos contextos

para construção de novos cotidianos. Os entrelaçamentos, linhas, novelos, barbantes, cores, danças circulares, desejam apenas ir ao encontro de... Continuar cartografar, por meio de diálogos entre artistas, teóricos, experiências, exposições, recursos estéticos em diferentes suportes e inserindo recursos do cotidiano, ou quando se desenvolve atividades sobre sonoridades, a partir do próprio corpo, ou quando se utiliza da cartografia dos pássaros para pensar encontros com pessoas, ou quando nos deparamos com cartografias de um corpo casa, um conjunto de composições que trazem outra textura às redes como possíveis cotidianos.

Entre chegar e partir, e a construção de mundos poéticos entre nós, entrenós, um banquete oferecido de prontidão a cada alma que aqui se aloja, se abriga em dimensões estéticas, imagens, e o profundo deslizamento no resistir, no não desistir, e insistir. Em pincéis para escritas, retratos, vídeos, se proliferam a vida na/da arte, aguçando os sentidos, estilhaçando criações, esgarçando potencialidades, compondo com a realidade das dificuldades, envolvendo assim espaços além da escola, além das salas de aula.

O relevo e a saliência de cada fio por fio explode interações e modos de luta, de pesquisas, de incansáveis diálogos sobre a situação da educação, explodem, porque, por mais que possa parecer pequeno a olho nu, é avalassador. A conexão e a união de pessoas em uma mesma causa e efeito, causa comum, batalha comum, que aqui, neste cotidiano, neste Programa de Pós Graduação e nesta linha de pesquisa, se expande e se avoluma, e se fortalece. E. Não tem fim, E, continua. E.

Figura 1 - Apresentando à defesa.
Arquivo Pessoal. 26/03/2019



1.1 Entrando na Uniso

É possível encontrar novos caminhos dentro de caminhos já existentes, as janelas vão se abrindo, os acontecimentos vêm chegando, nem sempre rápidos, nem sempre devagar, acontecem. É como sair de casa pela manhã para caminhar, de repente, um pássaro, de repente, um conhecido, de repente, a chuva, ou até a preguiça. É como planejar uma viagem especial e durante o trajeto dar-se conta do desconhecido, perder-se, encontrar-se, e no final respirar, olhar para trás e dizer 'isso não estava nos meus planos', e 'que bom, ainda bem, foi maravilhoso'. Nesse encontro com os de repente que o caminhar sugere, habitam as novas possibilidades, os acontecimentos inesperados, ou melhor, não planejados. Dentro de uma ação e outra moram os hiatos de possibilidades infinitas, hiatos poéticos que também desenharam nossa vida e dão forma, assim como o pré-estabelecido.

Ao final de minha graduação, precisava cumprir a pendência em bioestatística, busquei e conversei com diversas universidades e faculdades do município, mas a Universidade de Sorocaba era a única que abria as portas para não alunos cursarem disciplinas separadas da grade curricular, eu não precisei ser graduanda para assistir a determinadas aulas, o que torna um diferencial ainda maior para a universidade.

Daí se inicia minha relação com a Uniso, universidade comunitária, que se apresenta pronta de portas abertas para alunos cursistas de outras universidades, e mesmo não alunos.

No decorrer dos seis meses de minha pendência, sentia algo pela Uniso que ainda não conseguia definir, e talvez nunca precise, nunca tenha fim, o eu como cartografia entende que os processos acontecem durante, e foi exatamente nesse momento de minha vida, que senti um pertencimento a este lugar, e senti que logo menos voltaria a andarilhar por estes corredores, só não sabia como, e nem quando.

No hoje, compreendo o caminho incerto e não planejado que surgiu no meu processo de pendência e que faz parte de minha jornada, uma pequena semente estava sendo plantada e regada para que, futuramente, pudesse brotar, pudesse enraizar, se conectar com a terra, a terra deste espaço. Talvez agora o mestrado seja momento de florescer, ou de a pequena planta virar árvore, talvez não, e será possível saber? E será preciso concluir?

1.2 Entrando no Mestrado

Durante minha trajetória como estudante de graduação em Ciências Biológicas e com a aproximação na educação ambiental no Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, me deparei com diversos questionamentos relacionados aos conteúdos e o modo com o qual são apresentados no cotidiano escolar. Ainda nesse contexto, me deparei com perguntas e observações referentes à educação inclusiva e como ela acontece nos espaços educacionais, formais ou não formais.

Tais questionamentos sobre a educação especial tiveram ainda mais reverberação na medida que desenvolvia o trabalho de acompanhamento pedagógico de uma criança que apresentava o transtorno do espectro autista no ano de 2016 e início de 2017, o que permitiu a aproximação de sua realidade cotidiana e uma vivência significativa.

Por esse motivo, em minha pesquisa inicial buscava encontrar caminhos para desenvolver possíveis alternativas de uma educação ambiental inclusiva, mas sabendo da variação diagnóstica do transtorno do espectro autista, decidi me aproximar da deficiência visual, porque durante o estágio obrigatório no zoológico, pude presenciar alguns episódios e situações que me causaram um certo desconforto: preconceitos, olhares de canto e em alguns casos até exclusão. As crianças com deficiência visual tinham uma vivência diferenciada dos colegas que enxergavam, e mesmo o setor de educação ambiental sendo prestativo e coerente com a situação dos deficientes, sentia falta de atividades específicas

para esse público. É a partir dessa premissa que nasce o projeto inicial para o mestrado, com a reflexão sobre o quão didático e funcional o zoológico poderia ser, independente da condição física ou psicológica do visitante.

Mas, ao iniciar o mestrado e me aproximar de algumas disciplinas e principalmente do Grupo de Pesquisa Estética e Cotidiano Escolar/Ritmos de Pensamento, meu trajeto se tornou outro, tomei gosto pelos ritmos, que também faziam surgir outros questionamentos dos quais senti um chamado e maior conexão. Com o tempo as andarilhanças e profundos mergulhos nesse coletivo me leva refletir sobre os rumos da pesquisa, percebo as afetações dos encontros, encantamentos e uma enorme sensação de pertencimento, como se estivesse voltando pra casa ou ainda me reencontrando depois de um longo período.

As experiências me aguçaram a memória, desde muito cedo estive próxima de atividades culturais e artísticas dentro e fora do colégio, muito nova entrei para a banda de minha cidade, tocava clarinete e vivia brincando de ser artista. Mais tarde em grupos de dança e canto na igreja, teatros na escola, participação em eventos e etc. Logo depois de minha formação católica, crisma, decidi me apresentar para a igreja e contribuir com as aulas de catequese. Me recordo de sentir um prazer enorme em fazer parte da vida das crianças, além de perceber também desejo e apreço pela educação que se iniciava.

Pensar sobre o fazer, formar, forma(ção), formar para a ação docente, das múltiplas práticas de que me aproximei nascem novas perguntas, trajetos, destinos que incertos ou não, pairavam sobre mim.

É possível experimentar outros modos de fazer educação? Quais são os possíveis espaços para habitar e potencializar pensamentos e modos de expressão, desenvolvendo interações entre arte, educação e cultura? De que modo essas ações provocam, afetam e inspiram educadores em seus processos e práticas? Que tipo de cotidianos-educação estamos defendendo e como aproximar esse cotidiano dos docentes?

Nesta pesquisa, pretendo me debruçar sobre duas dentre diversas ações que o grupo de pesquisa desenvolve. Escolho observar dois momentos específicos, nos anos de 2017 e 2018, no Sesc-Sorocaba, o curso de formação para educadores.

Foi ao encontro com os módulos desses cursos, e principalmente com as questões levantadas por eles, que pude compreender os cotidianos escolares nos quais o Coletivo e as pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação da Universidade de Sorocaba estão inseridos. Além disso, as práticas pedagógicas que ocorrem nos referidos cursos e nas demais ações do Coletivo contribuem para uma ressignificação das metodologias utilizadas no contexto escolar. Considerando que os cotidianos escolares vão além dos espaços escolares e entendendo que são nos próprios cotidianos vividos que se encontram as resistências. (REIGOTA, 2008)

Recolho as pistas do método da cartografia de Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Lílina da Escóssia (2009), a fim de acompanhar os processos e trajetos realizados por esse coletivo, dando maior ênfase aos cursos do Sesc.

Trago ainda, escritas, imagens, músicas, desenhos, dentre diversos processos criativos que foram gerados ao longo do percurso da pesquisa.

Através das narrativas, trago minha história, trajetos percorridos, estranhamentos, conexões, sentimentos e as descobertas como mestrandas em educação, é um modo de estruturar a experiência do mundo e de mim mesma, tecendo meu próprio universo que emerge do processo de narrar-se. Há um entrelaçamento de vidas pelas histórias narradas e sensações.

Para compor esta pesquisa apresento quatro capítulos:

O primeiro capítulo busca ambientar o leitor. Trago os objetivos, métodos, trajetos de vida e alguns autores e conceitos importantes que são essenciais para o processo da pesquisa.

Já o segundo capítulo apresenta alguns autores e materiais sobre as narrativas e o método da cartografia.

No terceiro capítulo se dá o verdadeiro encantamento dos primeiros encontros e viagens com o Coletivo, e logo um estranhamento com os cotidianos vivenciados, momento de incerteza ao experienciar de perto as ações.

Enquanto isso, o quarto capítulo traz vivências com outras universidades, disciplinas eletivas, trabalhos de disciplinas etc.

E por fim, o último e quinto capítulo trás a conclusão da pesquisa respondendo os questionamentos que movimentaram o projeto em conjunto com as experiências.

1.2.1 Bolsista de mestrado em educação pela Capes

Ser bolsista integral de mestrado trouxe possibilidades para que eu pudesse vivenciar o mestrado de modo intenso e participar de praticamente todas as atividades, seja no encontro com grupos de pesquisa, participação em congressos internacionais e nacionais, eventos organizados pelo Coletivo Ritmos de Pensamento, eletivas e vivências em outras universidades, etc. Além de participar das ações do coletivo, dentro da universidade também fazia parte da organização dos encontros e eventos, e também da revista científica Quaestio – Revista de Estudos em Educação.

No coletivo, pude viver a experiência de se estar por inteiro, na organização, construção, realização e

acontecimento. Meus encantamentos vieram dessa aproximação intensiva, da ligação das vivências com as suas próprias perguntas, crescer como grupo, experimentar outros modos de ser em grupo, constituir-se como um coletivo pulsante de conexões e relações entre os meios que se habita. E mais que isso, descobrir outros prazeres dentro de uma função, a certeza do gosto pela captura de momentos, registros fotográficos, escritas, ações artísticas, etc. Mais do que uma simples função ou trabalho a ser cumprido, mais presença, sintonia e gratidão resultantes desse íntimo contato.

Já na revista de educação *Quaestio*, no cargo de secretária, tive a oportunidade de aprender e entender um pouco mais sobre o funcionamento, responsabilidades e os cuidados que são imprescindíveis para o avanço na classificação do periódico. Template, registro digital do autor online – orcid, cadastros de novos avaliadores, equipe editorial, submissões, indexadores e, por fim, mas não menos importante atas e pautas dos encontros mensais que eram realizados com a equipe editorial, essas eram algumas das ações atribuídas a mim.

Poder participar da equipe da *Quaestio* no mestrado foi extremamente enriquecedor e me aproximou um pouco mais da realidade acadêmica, permitindo também que eu estivesse próxima das pesquisas, resumos e autores recentes das publicações e estudos.

1.2.2 Vida primária, escrita

Assim como um atleta treina à exaustão antes da prova para alcançar o melhor resultado possível, e um cantor faz anos seguidos de aulas para o empostamento da voz, de maneira a aproveitar o máximo da sua ressonância corporal, sem causar problemas futuros, um pesquisador prestes a escrever sobre sua pesquisa também necessita exercitar-se para, com a escrita, abrir caminho, sem se perder em meio ao leque de possibilidades que surgem no campo do trabalho, cuidando para que o leitor tenha uma experiência rica e prazerosa, e igualmente não se perca pelos

caminhos do texto. (PROENÇA, 2017, p. 28-29).

Logo quando ouvi falar de Ana Godoy, me interessei pelo seu trabalho, pela colaboração sensível nas dissertações e teses de mestrado e doutorado, por não apenas se posicionar diante das palavras, mas sim ir ao encontro delas, buscá-las em uma série de exercícios sugeridos, experimentações significativas, provocadoras, instigantes.

Escrevo neste instante sem nenhum prévio pudor do que pode vir adiante. Entre tantas invasões e atravessamentos, rasgos possíveis, explícitos, os exercícios de escrita resignificaram meu cotidiano, ampliaram minha visão diante de tudo, eles eram sempre muito variados, mas as caminhadas foram o que mais fizeram avançar, caminhar sobre o meu próprio bairro, caminhar sem destino, caminhar e observar os detalhes mínimos.

Achei extremamente difícil caminhar sem ter um destino determinado, sem ter aonde chegar, um fim. A todo momento estava tracejando um caminho em minha cabeça, virar à esquerda, depois à direita, passar em frente a uma certa casa e depois em frente ao mercado. Não, estava errado, estava perdida sem realmente estar. Respirei, não se trata apenas de um exercício de escrita, pensei comigo, senti a necessidade de adentrar, me jogar no desconhecido, inspira, expira. Andei, corri, voltei, atravessei algumas ruas, em segundos e segundos mudava minha rota, não, não pensa, vive, flui, esse riacho não possui curso pré-determinado.

Começo a mudar meu olhar e aguçar meus sentidos, a combinação perfeita do canto e voo dos pássaros todos os dias no mesmo horário, como se estivessem voltando para casa, se recolhendo no anoitecer para voar novamente na manhã, alçar vida no céu. Os patinhos sempre nadavam à tarde no rio, mesmo com alto índice de poluição no local. Também voltei a um antigo costume de observar as estrelas, as constelações, a lua e suas fases, pensei nas diversas fases que tive em minha vida, desde muito pequena até o presente momento, quantas mudanças, descobertas.

Fazia também percursos internos, observando e refletindo sobre tudo que me chegava, como, quando, onde.

Busquei entender muitas das coisas, mas já sabia que muitas das coisas não se entende, apenas se vive, acontece. Me pegava pensando na intensidade em que tudo chegavam à pele. Para além de exercícios de escrita.

Tive de abandonar minha lapiseira e voltar aos tempos de criança usando apenas lápis de escrever para compor os textos. No início, bem difícil, as mãos cansavam com facilidade, penavam diante de um objeto que fora tão usado durante a infância.

Ana também sugeria leituras, nem sempre relacionadas com a pesquisa, mas sempre relacionadas de algum modo, comigo, e meus momentos de tornar-me pesquisadora.

Senti com o tempo, um reconhecimento, uma parceria firmada e forte para além do Skype. Parceria essa que tudo se trazia para os diálogos, tudo o que se vivia, alegrias, decepções, medos, fortes sensações, fim de determinadas fases e início de outras. Senti com o tempo, a importância de traduzir o que se vive, no silêncio das vozes da escrita, e principalmente na força em que isso consiste. Senti com o tempo, um pertencimento às palavras, que não existe modo correto de usá-las, que não se trata apenas de invenções, mas que elas podem curar e principalmente resignificar muito daquilo que nos ocorre. Por isso faço disso um estardalhaço. E defendo fortemente a capacidade de as palavras emitirem gritos e manifestos, forças e sutilidades.

Essa experiência de valorizar os arredores, observar o dia a dia, os sabores, os sons, toques, que acontecem no exterior e também interior valorizaram e enriqueceram o modo de pesquisar e de construir esta dissertação.

Sobre o escrever¹.

Escrevo para transcender nas palavras, transcender ao que era no ontem, cada palavra está envolvida por minhas experiências e vivências.

Escrevo para dar vida aos pensamentos e sentimentos, escrevo para me libertar de medos e ansiedades, para aguçar os sentidos diante da vida, dos detalhes cotidianos que não percebemos e que passam por nós como ar rarefeito, cortando nossos corpos feito lâminas invisíveis e separando-nos de nós mesmos.

Escrevo quando lembro de pessoas, pessoas e suas histórias, seus sorrisos, suas memórias, suas dores, medos e aspirações, quando compartilhamos momentos e conversas do vai e vem da vida, sentados à beira de um riacho ou à beira de uma fogueira no anoitecer frio de inverno.

Escrevo naturalmente, quando tento descrever ou atribuir significado às experiências de vida, é isso: atribuir significado, sentido maior de ser e estar no mundo, de soprar para o mundo aquilo que habita meu íntimo.

Escrevo quando estou distante de tudo e quando estou próxima de tudo - fisicamente, mentalmente, no âmbito desconhecido ou familiar. Às vezes, é complicado encontrar palavras que definam sentires, porém é bonito de ver isso acontecer, de se ver viver, e indefinir, habitar o incerto que também nos transita, do qual também fazemos parte. Escrevo nos cadernos de caligrafia de minha infância, nos computadores que ficaram mais sofisticados com o tempo. A escrita, minha

¹ A fonte *courier new* indica os textos nos quais produzo narrativas livres.

amiga, parceira de vida, me habita e me desenha neste mundo feito pincel e tela em branco.

Escrevo para me conhecer. Para vir a ser.

Utilizo a escrita ainda como um dos modos de revelar-me a vida, existir neste mundo. Penso na força das palavras, e sinto uma necessidade imensa de transcrever a voz de meus pensamentos, que não têm som, o som se dá na leitura do outro, no pulsar e no modo como as palavras afetam o outro, é desse som que digo, que busco, parto, das possíveis provocações, pensamentos, na troca em que o outro naturalmente se dispõe a fazer ao se entregar à leitura.

É bonito acompanhar uma escrita, é como se estivéssemos observando processos, transformações, como contemplar uma borboleta ao deixar seu casulo, uma flor brotar devagar ou uma casca de árvore criar forças. Mas cada acontecer tem seu próprio tempo, cada lugar tem seu próprio tempo, os processos podem surgir devagarinho, conquistando seu espaço aos poucos, ou vir feito avalanche, levando tudo, trazendo o novo, infestando o novo.

Os meus encantamentos vieram feito avalanche: efeito avalanche. E me pegaram desprevenida me inundando da cabeça aos pés, me pintaram da cabeça aos pés, exigindo que eu me soltasse no mundo, que me deixasse afetar, aprender, viver. Para que assim eu pudesse absorver e perceber as diversas possibilidades, modos de me tornar cada vez mais eu e de me encontrar.

Você entenderá, querido leitor, que esta dissertação é recheada de encantamentos, coletivos, pessoas, lugares, caminhos, cotidianos.

Eu não esperava brotar dessa forma, e talvez, se esperasse, não brotaria, seria mecânico demais. Eu não esperava sentir cada vez mais a necessidade de não pertencer a lugar nenhum, mas de pertencer a vários de uma única vez. Onde eu estava todo esse tempo - adormecida, esperando, apenas

sobrevivendo -, talvez estivesse buscando formas de chegar até aqui, de atravessar para esta superfície das possibilidades, acontecimentos, pulsações.

A terra que habito permite que eu traga para fora o que mora aqui dentro, são tantas danças, movimentos de vai e vem, poemas, músicas, pinturas, escritas, penso que posso estar e existir de tantas formas, cores, tons, timbres, e que tudo isso faz de mim o lugar onde pretendo estar, criando, no aqui e agora, aquilo que vier a ser.

1.2.3 Sonetos de tons

A ideia de inserir as imagens na dissertação foi pela sugestão da orientadora Alda Romaguera, ao lhe contar sobre o gosto pela fotografia e iniciar os registros do grupo Ritmos de Pensamento, logo percebemos a forte contribuição e potência que tais registros trariam à pesquisa. No decorrer do tempo durante os trajetos e conquistas do Coletivo Ritmos de Pensamento, congressos e outras participações, disponíveis no capítulo Idas e vindas: Encontros com os outros, compreendemos as proliferações positivas que tais acontecimentos trariam para a dissertação.

A partir desse sentido, comecei a montar um acervo fotográfico de todas minhas idas e vindas, mesmo tendo consciência de que nem todos os registros entrariam na pesquisa.

Levando em consideração a necessidade de utilizar imagens sem a ideia de ilustração, decidi inserir algumas delas no decorrer do texto, mas trazê-las também fora do texto, em um capítulo separado da dissertação, para desprender também o conceito de imagens não utilizáveis, que não estão perfeitas o suficiente, que possuem erros. Pensei nelas como força, força dos processos, pois para chegar até os registros úteis, foi preciso dar de frente com as falhas, a falta de qualidade, o ângulo ruim ou até um registro esteticamente utilizável, mas que não conversou o suficiente ou não

coube na pesquisa.

Além disso, quando se decide desenvolver uma pesquisa cartográfica, o espontâneo ou o não planejado é uma das bases sustentadoras dessa metodologia, assim sendo, é comum existirem erros e imperfeições, uma vez que habitamos um trajeto incerto, a pesquisa se dá na vivência, nos experimentos. Outro motivo que me leva a dar visibilidade a essas imagens, é a necessidade de a maioria das pesquisas darem relevância e atenção à perfeição, quando na verdade tanto o pesquisar quanto a escolha dos recursos que farão parte do trabalho envolvem momentos difíceis e imperfeições, é importante trazer essa realidade para dentro da dissertação e não tentar fugir ou inibi-la, potencializando assim algo que normalmente é ignorado.

1.3 Bio:grafia: uma história

Contar uma história leva tempo e toma tempo. Leva tempo para ser contada e toma o tempo de quem escuta e lê. É atividade real que consome minutos ou horas do narrador e do ouvinte e do leitor. E, como atividade real, pode ser o exercício de uma arte, cujos parceiros estão em confronto, situados no mesmo espaço, se a narrativa é oral, e distantes entre si, separados no espaço e no tempo, no caso da narrativa escrita. (NUNES, 1998, p.14).

Os trajetos estão repletos de experiências, histórias, lugares, pessoas, caminhos, encontros e desencontros que são potências para a condição de ser e estar no mundo.

O conceito de bio:grafia se encontra no livro *Educação Ambiental: Utopia e Práxis* (2008), de Marcos Reigota e Bárbara Heliodora Prado, como um posicionamento político que defende o narrar a sua própria história. As narrativas são utilizadas para compor os caminhos, mas também servem como oportunidade para refletir, ressignificar e compreender as escolhas e condições que me fizeram aluna, mestranda, bióloga e principalmente pessoa. Ao

apresentar o meu cotidiano, seja no convívio familiar, social, profissional e até em momentos de entretenimentos, trago o eu como sujeito da história e as potências de minha própria voz, do meu pertencimento ao mundo, além disso as narrativas são “portadoras de possibilidades de construção de identidade, de cultura e de expressão política”, de acordo com Reigota e Prado (p. 124).

Ao me aproximar de meu percurso de vida, desde minha infância até o encontro com o grupo de estudos Ritmos de Pensamento, no mestrado, pude rever meus caminhos com olhares outros e encontrar forças para contar-me em uma pesquisa, mas principalmente para revelar fatos extremamente pessoais e importantes que contemplam não apenas as minhas próprias escolhas e cotidiano, mas daqueles à minha volta também.

[...] as lembranças que todos têm de onde vieram, moldam seu sentido do “eu” e, dessa forma, afetam as maneiras como constroem suas vidas. Ademais, as histórias de vida são “narrativas explanatórias” que desempenham um papel crucial na vida cotidiana. Na verdade, as histórias podem ser usadas para explicitar as diferentes motivações e trajetórias de vida, mas também como evidência do processo de auto validação implícito na narrativa autobiográfica (SCHÖRNER, 2006, p.103).

Por meio desse exercício descritivo, busco incorporar e compartilhar descobertas, sentimentos, saudades, prazeres e inquietações existenciais, políticas e pedagógicas, proporcionando ao leitor uma aproximação de minha realidade e meu processo de formação e posicionamento.

É utilizando essas narrativas e reflexões que me aproximo cada vez mais das ações coletivas desenvolvidas no grupo de estudos Ritmos de Pensamento, evidenciando assim as práticas pedagógicas e o cotidiano escolar defendidos ao encontrar outros modos de fazer educação.

Recolho do livro uma citação que traduz meus pensamentos:

O mundo está cheio de histórias, de acontecimentos e ocorrências e eventos estranhos que só esperam a ser contados.', Hanna Arendt escreveu (1968, p. 67). Em extensão à proposição arendtiana sobre a pluralidade e riqueza das histórias com as quais convivemos, adicionaria que o mundo não apenas está repleto de histórias esperando para serem contadas, mas também para serem escritas, recontadas, lidas e relidas. Como Roland Barthes eloquentemente colocou, 'aqueles que desprezam a releitura sujeitam-se a ler a mesma história em toda parte. (1974, p.15). (TAMBOUKOU, 2016, p. 67).

Cada acontecimento nos afeta de um modo e em determinados momentos, lugares, é preciso prestar-se sensível ao que nos rodeia e nos cerca, uma cidade é feita de linguagens e imagens, é composta por sensações que muitas vezes escapam aos nossos olhares, estamos parecendo estar sempre com pressa demais para parar, nossas interpretações não encontram a boca da gramática, palavras para descrição, não temos tempo, estamos correndo, é preciso contar, mas para contar é preciso olhar.

Essa tal aventura de narrar-se e desnudar-se

Durante a disciplina Cultura, Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I, desenvolvida no primeiro semestre de 2018, Marcos Reigota nos apresenta um de seus últimos artigos publicados, Ecosofia Tropical, Educação Ambiental Canibal e a Aventura de Desnudar-se, o qual conta com a participação de André Yang e Rodrigo Barchi.

Nesse artigo, os três utilizam suas próprias narrativas, trazendo discursos sobre o cotidiano com elementos políticos, culturais, ecológicos, educativos e sociais, vivenciados pelos próprios narradores, que buscam em suas próprias resistências, militâncias e trajetos realizar um diálogo com as questões contemporâneas, suas próprias formações como sujeitos e os entrelaçamentos dessas esferas, a partir de um desnudamento de si.

Após ser estimulada pelo artigo, vou buscar outras escritas de Marcos Reigota sobre as narrativas ficcionais, que

me provocaram de modo intenso e muito significativo, fazendo a importância e o conhecimento do eu como sujeito de minha própria história, assim sendo a importância de minhas origens, trajetos e caminhos outros, dentro e fora da universidade.

Em minhas escritas cotidianas, decido me aventurar e também contar um pouco de mim, os desafios enfrentados, conquistas, história de vida, sensações e descobertas, aos poucos escrevia e desenhava um dos capítulos que fariam parte de minha dissertação.

1.4 Trajetos da vida

Figura 2 – Minas, flores e eu



Fonte: Arquivo pessoal – 06 jul. 2017.

Os nômades

Existem nômades que se sentem
Em casa em qualquer lugar
Outros, em lugar nenhum
Vivem em busca de jornadas
Em busca de sua própria impermanência
Existem nômades
O pensar nômade
O sonhar nômade, o espírito nômade
E existe ainda, o escolher ser
nômade

Figura 3 - Fartura, crianças e eu



Fonte: Arquivo pessoal. 12. ago. 2017.

Dia primeiro: o sono leve. Outubro de 2000

Era uma manhã gelada de interior em Fartura-SP; o sereno tomava conta do orfanato, era quase impossível enxergar um palmo à frente. Naquele dia, fui acordada por uma pessoa que nunca vi; às pressas, me pediu para vestir a roupa e correr para o carro que já estava à minha espera, me colocou uma mochila nas costas e quando estava quase fechando a porta do carro, pude ouvir alguns cochichos:

- É, ela vai ir morar com a mãe dela.

Não dei muita atenção àquele comentário, eu já morava com minha mãe, ela já cuidava de mim, eu já tinha uma mãe, pensava.

Mais adiante, o carro fez uma parada, o moço desceu e me pediu para que eu ficasse em silêncio que ele já voltava. Naquele momento, pensei em diversos modos de fugir, correr dali, voltar para minha mãe, pensava, quero voltar para minha mãe, não quero ir.

Viajamos por algumas horas até chegar à cidade de Botucatu, também no interior de São Paulo. O moço chamou uma mulher, deu minha mochila para ela, falou algumas coisas, se despediu e foi embora. Aquela mulher era minha mãe biológica, que eu nunca tinha visto na minha vida, eu tinha cinco anos e uma confusão imensa começava a se desenhar em minha cabeça.

Pausa 1: os olhos se enchem de água)

Eu tinha apenas três meses quando cheguei ao orfanato, o que sei é que minha mãe biológica não tinha condições de cuidar de mim e por isso colocou meu irmão e eu lá. Até os cinco anos, vivi e fiz diversos outros irmãos ali, éramos muitos, cada um com uma história específica, claro. A

casa que nos abrigava era imensa, tinha piscinas, campo de futebol, parquinho, quadra de esportes, horta, serraria, malharia, sala de estudos, etc. Tudo para poder cuidar da melhor maneira do grande número de crianças e adolescentes desabrigados da região.

Pausa 2: consigo ouvir o barulho dos balanços do parquinho, nostalgia, infância)

Pausa 3: lembrei que um grande amigo do mestrado foi visitar o orfanato; Eder me disse que levou seus alunos de Riversul lá, mundo pequeno, não?)

Muitas pessoas trabalhavam no local, mulheres e homens, a coordenadora se chamava Brígida e era como a mãe de todos, e claro, minha também, minha mãe. Eu era muito pequena para entender essas coisas de mãe de sangue e mãe de coração, para mim era simples, é minha mãe, ora. Outro responsável por aquele espaço era um padre, João, que era o pai de todos, sei que ele fez muito por aquela instituição, ambos fizeram. E que até hoje as pessoas que moraram lá, assim como eu, têm os dois como pais, como família e exemplos.

Dia último: De volta às origens, à origem. Janeiro de 2002

- Ela não é sua mãe, eu sou sua mãe, você não deve chamar ela de mãe.

A experiência com minha mãe biológica sempre foi conturbada demais para uma criança entender, para eu entender. Houve um tempo em que precisei ficar afastada dela em uma outra instituição para crianças, porque ela batia muito em mim e no meu irmão. Nossas condições também não eram as melhores, e nem sempre havia comida, a fome esteve muito presente em parte de minha infância.

Mas em outubro de 2001, eu fui levada ao fórum, na frente do juiz. Olhei nos olhos dele e disse que queria ser adotada pela Brígida, e que ela era minha verdadeira mãe. E em janeiro de 2002, o juiz disse sim, aprovou a adoção e a coordenadora do orfanato ganhou a minha guarda, que era o que tanto queria, assim como eu. Voltei para Fartura, voltei para o orfanato, não como moradora, mas como filha da coordenadora. Agora eu tinha uma casa de verdade, uma família. Dali em diante, vidas outras se iniciariam, escola nova, coleguinhas novos, de volta à terra de origem, de volta às origens.

Em algum momento, o destino uniu a minha vida com a de Brígida, fazendo com que brotasse nela o desejo de me ter como filha, de cuidar de mim. Em algum momento, eu percebi que era ela e ninguém mais, estávamos destinadas, vidas cruzadas, vidas únicas, porque entre as muitas crianças que viviam naquele espaço, ela me escolheu e fez de mim especial, fez de mim sua filha de coração. Hoje, a palavra mãe é pouco para descrever o sentimento e o amor que cresceu dentro de mim durante todos esses anos, percebo que evoluímos juntas, aprendemos a nos respeitar e, principalmente, aprendemos a ser amigas.

A adoção ainda é um desafio em minha vida; cada detalhe e fato está fragmentado de algum modo sobre aquilo que sou e que estou me tornando, mas ao entrar em contato com pessoas, pessoas e suas histórias diversas, não fáceis, nasceu em mim o desejo de olhar-me, olhar para dentro e buscar entender, escrever, narrar e sentir cada acontecimento de outro modo, ressignificando.

Infância: de interior

Brincadeiras de criança, pés imundos, café da tarde com bolinho de chuva feito pelos avós,

tardões incríveis no sítio, comer a fruta do pé, subir na árvore, pescar, nadar no rio, pisar no espinho, pegar os bichos na mão sem medo, ir ao circo, ver elefantes, tigres, leões. Ali mesmo, tudo em um só lugar, em uma cidadezinha do interior.

Crianças, muitas crianças, eram parentes, amigos, vizinhos, amigos dos vizinhos. Inocentes, simples, humildes, com uma única preocupação, a próxima aventura. E assim crescendo naqueles dias quentes intermináveis, quanta energia, quanta vontade de viver. O almoço de domingo com a família adotiva, ninguém vidrado em um aparelho de celular, todos interagindo, se curtindo fora de um aplicativo, tempos de saudade, vida partilhada e coletiva. Momentos que fazem parte de mim, que marcaram, mulheres na cozinha, tempero especial de vó e os homens proseando o cotidiano. Percebo que nos dias de hoje, as pessoas estão cada vez mais alienadas, seus encontros de família são frios e rápidos, não existe contato direto, ninguém permite se afetar.

Interior, sobre realmente se sentir em casa. Longe, onde estão as pessoas mais importantes, onde é e vai ser sempre sinônimo de saudade e boas lembranças. É esse o peso de quem decide voar, de quem decide deixar para trás. É o peso de contar os dias para chegar aquele feriado ou um simples fim de semana, é aproveitar cada minuto, é dar valor para as coisas simples. É voltar e ver como tudo mudou e principalmente, como você mudou. Quando volto para esse pedacinho de mundo, percebo o quanto mudei, cresci, ressignifiquei sentidos, amor, vida, relações. E me lembro que às vezes posso me sentir estagnada, mas que estou sempre caminhando para uma versão melhor de mim.

Mais tarde vem a escola, o primeiro dia de aula, a vergonha de se apresentar, tanta criança olhando para a menina lá na frente, - sou nova, tenho tantos anos||, gaguejando. De repente, em um piscar de olhos, brincando no recreio, ouvindo músicas, dançando, se apresentando nos eventos,

pintando, brincando de ser professora, brincando de ensinar. Uma lousa verde pregada na parede do quarto, do lado, giz colorido, salto alto da mãe no pé pra empoderar e um livro de ciências na mão, quando as amiguinhas não eram os alunos, a brincadeira de ensinar acontecia mesmo assim, a menina, a lousa, e o quarto. E o que você vai ser quando crescer, perguntavam, ela dizia: professora. Vivências que sustentariam escolhas futuras, o sítio, verdes cheiros, o amor pelos animais, pela vida, a biologia. A escola, as crianças, danças e arte, a docência, o educar. Desde cedo possui um amor pelo movimento, pelas cores, pela escola, mas não me percebia como um ser reflexivo acerca de tais assuntos.

Logo a menina foi mudando, passando por fases, menina mulher, uma desconstrução para construção. As bonecas e as brincadeiras foram substituídas pelo celular, computador, vôlei e os primeiros namoradinhos. Mas calma, estar em casa às 22h, no máximo. Os tempos passando, preocupações surgindo, o que fazer e para onde ir, vestibulares, faculdades e cursos, tantos questionamentos. Final de ciclo, final de ensino médio, dar adeus aos amigos queridos, aos antigos professores, logo eu que amava a escola, as pessoas, tudo. O final de ciclos também marca o início de novas descobertas, é o momento para realizar os sonhos de menina, sair do interior e buscar o novo e diferente na cidade grande, porém, é preciso deixar para trás os familiares, professores, amigos e a tão amada escola. A faculdade, sinônimo de amadurecimento, experiências boas e ruins, transformação do eu. Outras formas de se descobrir, a menina que está em constante formação e aos poucos se aproximava dos segredos da vida. Aprendeu a ver de longe, por uma tela de computador e celular, seus primos crescerem, começava a entender toda aquela preocupação – exagerada|| de sua mãe, sentia saudades e percebia que, mesmo distante, tudo e todos daquele lugar estavam dentro

dela, morando nela, viajando com ela.

Escola: minha segunda casa

Escola e eu, eu e a escola. Nossa relação sempre se inicia bem cedo e na verdade nunca tem fim, não para mim. Tenho uma escola dentro de mim, algo que me habita, a vida, nesta vida eu andeilhei por diversos espaços, cidades, caminhos, pessoas, histórias, pessoas e suas histórias, seus fracassos, vitórias. Minha sala de aula é a minha própria história, meus professores são todas as pessoas que encontrei durante o meu trajeto, a lousa verde pronta para receber o giz, são as situações, perdas, ganhos, decepções. A vida é a minha escola, me sinto conectada com cada vírgula com a qual me deparo. Eu amo a escola.

Quando era aluna, participava de tudo, desfile de 7 de setembro, apresentações, Proerd (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência), Feira de Ciências, esportes, grêmio estudantil, representação de sala, fanfarra, Escola da Família aos finais de semana, etc. Meus colegas e eu sempre nos envolvemos com a nossa escola, de várias formas. Apreciávamos as aulas de arte da dona Claudia, na qual arte era muito mais que pintar uma obra de Tarsila do Amaral; as aulas de ciências da dona Ivete, com todos os experimentos; ou quando a dona Marcinha lia Meu pé de laranja lima (VASCONCELOS, 1968) para nós. Adorávamos todas as aulas, vivíamos na casa dos professores, amigos secretos no final do ano, encontros de turma, viagens, feira de profissões, e os nossos reencontros que acontecem quando voltamos a Fartura.

Pessoal, hoje vocês vão escrever uma carta sobre a vida de vocês, como vocês se veem daqui dez anos? Que futuro vocês querem ter? Quais são seus sonhos? Escrevam, se debruçem, depois iremos

enterrar essa caixa em algum lugar, e desenterrar quando completar esse tempo.

Foi o que a nossa professora de português, Marili, sugeriu. Amei a ideia e até hoje lembro direitinho do que escrevi, estou ansiosa com a abertura da nossa caixa de pandora, faltam 3 anos. Ah, a gente era feliz, sabe? Do nosso jeito, cada um com os seus defeitos. Eu passo pela minha escola e penso comigo: a melhor época da minha vida - quando eu odiava faltar, odiava perder os conteúdos e ficar atrasada nas disciplinas. Nunca matei aula, nunca. No último dia de aula, meus colegas e eu choramos muito, choramos feito crianças, por nossa despedida, nosso final de ciclo; abraçados, assistimos juntos às nossas trajetórias, escrevemos dedicatórias para os professores e dissemos para os alunos que ficaram:

Aproveitem, aproveitem, porque acaba.

Na realidade, a maneira como cada um se relaciona com a escola é única. Algumas amigas de outras salas dizem que odiavam, não suportavam os professores; até hoje isso não faz sentido para mim, eu olho para a escola e penso nos encontros, nas trocas, em tudo o que acontece naquele espaço, as descobertas, medos e até os dolorosos adeuses. Eu amei a minha escola, e percebo que ainda amo; não só a escola que existe dentro de mim, ou fora, mas todas as escolas que pulsam nos tantos corações por aí, porque tem, viu, e como tem.

Uma ovelha: desgarrada

Desde muito cedo me senti conectada com a biologia. Quando criança, era sempre muito curiosa e questionava tudo, adorava observar a natureza, os animais no sítio, as plantas de minha vó; seguia as formiguinhas e tentava encontrar suas casas. Ao ingressar no ensino médio e estudar um

pouco mais a fundo, não tinha dúvidas, o desejo de ser bióloga tomou conta de mim.

No ano de 2012 fui aprovada no vestibular de verão da PUCSP Campus Sorocaba, saí de minha cidade para iniciar a graduação, com muitas expectativas sobre os novos caminhos e enfrentamentos. Muito diferente do contexto escolar, na universidade nunca me senti totalmente à vontade ou parte de algum grupo; era uma das únicas alunas vindas de escola pública, os conteúdos e disciplinas eram complexos e meus conhecimentos prévios estavam bem abaixo, se comparado com meus colegas de classe, que vieram do ensino particular. Muitas vezes, ficava perdida e com muita dificuldade em acompanhar a turma que estava sempre à minha frente, mas não desisti, mesmo precisando fazer algumas disciplinas pela segunda vez.

- Nossa você veio de escola pública, parabéns, como é que conseguiu ser aprovada? Deve ter sido muito difícil pra você. E não foi difícil, me orgulho de ter estudado no ensino público durante toda a minha vida, pois mesmo minha escola sendo uma das melhores no estado, observei, vivi e me aproximei ainda mais de algumas questões e dificuldades da educação contemporânea.

Na universidade, as disciplinas de licenciatura me atraíam muito, metodologias, pesquisas, estágios em escolas, leituras e trabalhos. Mas ao realizar o estágio no Parque Zoológico Municipal Quinzinho de Barros, no setor de educação ambiental, encontrei outros espaços dentro de mim mesma, encontrei a educação e seus modos outros, a certeza do amor pelas crianças e as ações não formais.

Essa coisa de: "virar gente grande"

Graduanda do curso de ciências biológicas nas modalidades licenciatura e bacharelado, esse era o título que finalmente inseri no currículo, com esperança de logo conseguir um trabalho e

iniciar a profissão, enviei diversos currículos para escolas do município, mas nenhuma me respondeu. Surgiu então uma oportunidade, distante da biologia, mas próxima da licenciatura, por ser dentro de um colégio. Durante um ano letivo, fiquei com uma criança portadora do transtorno do espectro autista no período da manhã, e fiz parte da secretaria do colégio à tarde. Trabalho árduo, muito árduo, mas que, no final, assim como todas as situações, me transformou. Construí relações quase familiares com colegas de trabalho e alunos, me sentia à vontade; a escola, um ambiente que sempre me acolheu e me fez feliz. Vi meus esforços gerarem resultados no desenvolvimento e aprendizagem do Eduardo (o Dudu - como vamos chamá-lo aqui), que alegria, que gratificante. Vi seu processo criativo sendo desenvolvido, vi empatia em mim pelo aluno.

Música alta, tinta e papel na mão, colher folhas de árvores e inventar com elas, observar suas diferenças e características, plantar feijãozinhos no algodão no copo plástico, quem nunca? Eu já; marcou-me. Vi, vivi e me vi. Quando o assunto é matemática, não quero, não gosto, não faço; faz sim, aprende sim, é preciso, vamos de novo. Na secretaria do colégio, quantas leis, quantos detalhes, sistemas, professores, alunos, cadastros, inscrições, atestados, cancelamentos de matrícula, pais, declarações, bilhetes, arquivos, estagiários, currículos, históricos, transferências, plano escolar. Eu vi o trabalho e a importância da secretária e suas ações internas. Mas vi, acima de tudo, uma equipe querida, unida, e uma direção impecável com seus funcionários.

Nesta mesma equipe conheci Rodrigo Barchi, pesquisador e coordenador do curso de Geografia da Universidade de Sorocaba, perguntava sobre o mestrado, a educação ambiental, falava de minha pesquisa. Mal sabia eu que, futuramente, essa relação íntima com a educação ambiental seria ressignificada.

Figura 4 - O que você quer ser quando crescer?



Fonte: Arquivo pessoal. 07 set. 2004.

Experimental: o sensível

No dia em que eu conheci o Dudu, ele não olhava nos meus olhos, tinha dificuldades, e estava com muita vergonha. Brinquei um pouco com ele, disse que iríamos mexer no computador, dançar, pintar e correr muito nos corredores do colégio. Ele riu, disse que queria, disse: "Vamos, vamos então!", todo empolgado.

Todos os dias eu entrava às 6h45m, guardava minhas coisas e descia para recebê-lo; depois, íamos até a sala e assistíamos a algumas aulas. Com o tempo, percebi a liberdade e a confiança que o colégio tinha no meu trabalho, foi aí que comecei a inserir outras atividades na rotina do Dudu. Era preciso mais do que simplesmente pintar desenhos e seguir pontilhados, era preciso mexer o corpo, dançar, mexer as mãos, abusar das tintas, caminhar pelos espaços outros do colégio, no jardim, coletar folhas, ouvir músicas, brincar, etc.

Durante algumas manhãs, levava Dudu para a sala de artes, soltava o Palavra cantada e dizia: "Vamos fazer arte? Vamos bagunçar? Vamos pintar as nossas mãozinhas?" Ele adorava, eu adorava.

No outro dia, íamos ao jardim coletar folhas, observávamos seus tamanhos, cores, texturas; realizávamos coletas e trabalhos com elas.

Dudu era sensível, dizia eu te amo com facilidade, era amigo de todos os alunos e professores; por onde passava era só alegria. Mas tinha suas próprias limitações, resistências e dificuldades, até porque nem todos os dias eram feitos de diversão, era preciso aprender, fazer as atividades e lições de casa, assim como os outros alunos.

Com o tempo, a convivência fez de mim uma outra pessoa. Eu o acompanhava em todas as tarefas, mas também acompanhava os preconceitos, olhares e desconfianças de alguns;

eram poucas pessoas que se comportavam assim, mas pude sentir um pouquinho do que é ser diferente, do que é não ser igual a todo mundo, mas, principalmente, percebi o que é o afeto com o aluno, abraçar, andar de mãos dadas, ouvir eu te amo ou ver uma cara emburrada após as lições de matemática, percebi o calor que havia nessa troca.

Cresci muito durante o tempo em que fiquei com ele, vi um mundo diferente, e permiti que esse mundo mudasse o meu.

Foram dias difíceis no colégio, por mais que sentisse um carinho imenso por Dudu e por todas as crianças, eu não estava feliz. Precisava continuar a minha busca, o meu caminho, precisava de mais, foi aí que pensei no mestrado.

Foi ali naquele cotidiano que fui cultivando a sementinha de voar, buscar outros horizontes, não seria fácil abandonar a enorme família que havia conquistado, pessoas que se preocupavam comigo e estavam presentes, mas sempre soube que em algum momento seria preciso, como sempre é - sim, a gente que tem sede de mundo não se contenta com pouco, sempre quer mais, ir mais longe, fazer diferente, fazer acontecer e adentrar outros territórios.

Figura 5 - Plantando feijõezinhos na escola com o Dudu



Fonte: Arquivo pessoal. 07 dez. 2016

2 NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS E FICCIONAIS

2.1 Diálogo do caminho dos pés

Escolho este fragmento do texto de apresentação do livro *Cadernos de viagem*, do artista Rubem Matuck, escrito por Norval Baitelo Júnior (MATUCK, 2003):

Primeiro órgão de conhecimento do homem em sua nova e frágil condição de ser terreno (não mais aéreo, uma vez que as grandes florestas se transformavam em savanas) foram seus pés. Sua mobilidade tridimensional, nas copas das árvores, comandada por quatro (ou cinco) membros com capacidade de se agarrar, se transfere para as pernas. As garras inferiores se transformam nos pés. E os pés passam a ser o mais importante contato e meio de comunicação com o meio ambiente. E os pés logo aprendem que a nova lógica não pertence ao universo dos saltos, mas se constitui de caminhos. E os caminhos se traçam – pelos próprios pés – na terra e no chão, o verdadeiro inferno para o arborícola que temia a queda de seu paraíso, que tinha os maiores inimigos no chão. Caído, ao anjo cabia apenas caminhar. Sua vida passou a se constituir de traçar caminhos, diálogos dos pés com a terra, que conduzem ao tempo que está por vir. Dos fios dos caminhos nasceram os desfiares da fala, das narrativas, das histórias e estórias.

O improviso, o repentino, o imprevisto. Pesquisar é intrigante, é ir por dentro do desconhecido se fazendo conhecer, sem medo, tateando as possíveis instabilidades e inseguranças que podem surgir dos caminhos. Pesquisar é correr riscos, habitar universos de surpresas, descobertas de si, cansaços. Pesquisar é caminhar com os pés descalços, sem sapatos, pele e solo, pés no chão para sentir os terrenos incertos, ora secos, ora encharcados de trajetos e lugares e pessoas e um turbilhão de multiplicidades. Caminhar é pesquisar, viajar é pesquisar, jogar-se no mundo dos acontecimentos e vibrações que surgirem, das pulsações, dos atravessamentos.

2.2 Cartografia como método, acompanhar processos

Ao chegar ao programa de mestrado da Universidade de Sorocaba e assistir às bancas de defesa ou qualificação de meus colegas, percebi uma certa diferença nas pesquisas, desde o modo como são apresentadas até o formato do trabalho. Decidi me aprofundar um pouco mais e me aventurar a ler algumas teses e dissertações de antigos alunos, a liberdade presente na maioria delas fez com que despertasse ainda mais o meu interesse pelo mestrado. Percebi que muitos dos pesquisadores que não são da casa apresentam um certo estranhamento ao se deparar com o modo de pesquisa desenvolvida na linha de cotidiano escolar da Uniso e alguns até acreditam estar fora dos métodos científicos acadêmicos.

Não há regras ou objetivos, apenas a direção, o caminhar e percorrer fontes diversas, espaços diversos que se inter cruzam formando o percurso investigativo, não prescritivo, traçando suas metas no decorrer das experimentações, conforme descrito na Pista 1 do documento Cartografia como método de pesquisa intervenção (COSTA, 2014, p. 17) – material pistas do método da cartografia, se trata de valorizar o caráter de transitoriedade, efemeridade advindos do plano da experiência, mesclando sensações que passam pelo corpo e afetos. É na complexidade dessas mesclas que se encontram novas potencialidades que possam vir a ser exploradas na pesquisa.

É preciso estar atento às pistas que aparecem no percurso. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem no próprio percurso da pesquisa (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2009, p. 12).

O caminho do pesquisador que utiliza o método cartográfico se desenha sobre seus próprios trajetos e os envolvimento que surgem no decorrer do mesmo, formando assim uma enorme rede de vínculos, culminando em

histórias, encontros e desencontros, afetações e etc.

Nesse contexto, cada pesquisador e cada objeto de estudo habitam um “meio”, circulam em formas de se relacionar, constituindo um território que envolve marcas, estratos, conexões, relações. São as circunstâncias, os elementos que se estabelecem entre os encontros que podem ou não trazer outras marcas, romper com sentidos conhecidos e fundar outros impensáveis. Logo, são essas relações que devem ser mapeadas no método cartográfico, para se conhecer a realidade em sua complexidade. (ROMAGNOLI, 2009, p.171).

Os resultados gerados num caminhar cartográfico nos remetem à ideia de construção de saberes em conjunto, algo que se encaixa totalmente na pesquisa em que se envolve um coletivo de pessoas, ações, pessoas e suas ações no instante em que ultrapassam os muros da universidade. O ponto de partida é buscar um saber que surge, que vem, emergindo do acontecer e não o contrário, quando o pesquisador possui todo um planejamento de atividades a ser seguido. Na cartografia o trajeto é o planejamento, o trajeto e tudo aquilo que existir a partir dele, buscando assim entender o percurso e seus efeitos, somando à pesquisa. O sentido dessa metodologia está implícito na própria etimologia da palavra: metahódos, ou seja, a pesquisa é o caminho (hódos). Porém cartografar impõe uma reversão em transformar o meta-hódos em hódos-meta, que sugere uma aposta na experimentação do pensamento de um método não para ser aplicado, e sim experimentado e assumido com ações. Lembrando que a pesquisa não abre mão do rigor, mas que o mesmo passa por uma resignificação, o rigor do caminhar está na sua precisão, nos movimentos das andanças. (COSTA, 2014, p.10)

As leituras, disciplinas, escritas, congressos, conversas entre os colegas, experiências do grupo juntamente com as vivências na educação estão totalmente ligadas à pesquisa, como afirmam Passos e Barros (2009, p. 17), “Todo projeto é intervenção que sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num

mesmo plano de produção ou de coemergência”.

Desde muito pequena me aventurava nos diários, contava sobre meus dias, guardava cada papel de chiclete, recibo de cinema, registrava meu olhar diante da vida e com o tempo podia observar meus próprios progressos, clarear pensamentos, sentimentos, dúvidas, exteriorizando os acontecimentos em forma de textos e colagens. Cotidianamente estava criando uma coleção de minhas lembranças, assim podia voltar a elas quando quisesse lembrar de algum momento importante, quando sentisse saudades ou apenas para observar situações de outras perspectivas e refletir. Escrevia muito quando me sentia chateada ou quando algo saía de meu controle e percebo que até hoje isso é muito comum entre minhas práticas, é um modo outro de olhar os detalhes de uma vida, se auto olhar por meio das palavras. Em minha primeira participação em uma oficina de artes na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sobre educação e arte, mudei meu modo de escrita, não há necessidade de ser sempre em linhas retas, não existe modo certo ou errado, existem modos próprios de expressão, pensei. Assim meu diário passou a ser um caderno de campo, de viagem, não necessariamente viagem e campo como espaço físico pois acredito ser possível viajar sem ir para longe, não é preciso muito, pois sinto que posso buscar meu nomadismo dentro do próprio cotidiano. Sempre carregava meu caderno para todos os cantos, éramos e somos quase inseparáveis, sinto que existem momentos e falas que é necessário registrar, não se pode perder. Nos tornamos um só nos aventurando na pesquisa, percebo que posso criar com ele, poesias, músicas, pinturas, colagens, algo que me remeta a algum momento, curso, oficina, congresso ou até um alguém.

A verdade é que mesmo sem consciência, a minha pesquisa cartográfica se inicia nos primeiros momentos de encontro com o Coletivo Ritmos, o modo como me permiti afetar e a maneira como fui afetada geraram diversos atravessamentos sobre a pesquisa inicial, criando assim novas perguntas sobre modos outros de fazer e pensar educação.

2.3 A aventura de narrar-me

O mundo está cheio de histórias, de acontecimentos e ocorrências e eventos estranhos que só esperam a ser contados. Hanna Arendt

Viagem do cotidiano

Da casa à universidade, da universidade pro mercado, do mercado pro crossfit, do crossfit pra casa, da casa pro interior, do interior à cidade grande, da cidade grande pro Sesc, do Sesc pra casa, da casa ao shopping, do shopping ao centro, do centro à casa, da casa ao parque, casa, c(asa), ca, sa, asa.

Eu estava aqui, embaixo dessa amoreira, pensando o quanto adoro amoras e jabuticabas e carambolas, ou acerolas, que cheirinho de infância, que viagem.... Fui lá no sítio da minha tia quando era criança e subia nos pés para pegar as frutas e continuo aqui embaixo da amoreira. Que viagem. Sabe, eu percebo o quanto eu viajo, meu deus, quando era mais nova usávamos a expressão – viajar na maionese||, já ouviu falar? O fato é que eu estava refletindo agora aqui, a gente não precisa de muito pra viajar, é possível fazer isso dentro da sua própria casa, em seus próprios pensamentos, claro, eu sei que é gostoso sair de casa e conhecer espaços diferentes, mas digo eu, olha só, eu fui a infância e voltei agora de pouco e ainda estou sentada e achando tudo isso uma maravilha.

Mesmo frequentando os mesmos lugares sempre, na correria do nosso cotidiano, podemos desenvolver olhares outros sobre o que acontece ao nosso redor, olhares ressignificativos, percebo que faço muito isso diante de minha vida, meu mundo, e eu sei que pode parecer bobagem falar disso,

mas sabe, isso está em mim, sou um sujeito de minha história e memórias, e isso reflete em meus cadernos de campo, ex-diários de uma garota de Ensino Fundamental.

Viajo quando penso em minha infância, consigo ouvir os sons do parquinho, dos balanços, viajo quando sinto saudades de alguém, um cheiro, um abraço, quando penso no futuro, o que pretendo vir a ser, virar ser, crescer. Viajo pensando demais e aprendendo a filtrar tais pensamentos, pensamentos esses que criam o mundo em que vivo. Viajo planejando viagens, cidades desconhecidas, outros países, sonhos, medos também, ora pois. Tudo isso sentada sob uma amoreira imaginária, em uma praça imaginária, em uma cidade imaginária, será mesmo que tudo isso é imaginário? Ou existe aqui dentro de mim? Não sei, e talvez nem precise saber, meu deus, que viagem!

3 CHEGANÇA (NO RITMOS)

Dia um

Hoje eu comecei a participar de um Coletivo Ritmos de Pensamento, fiquei refletindo ontem à noite, antes de dormir, sobre o que seriam esses ritmos e quais pensamentos estariam ao seu redor.

No começo, fiquei um pouco confusa, mas logo entendi as duas vertentes que desenham os encontros, dentro da universidade há o Grupo de Estudo: GREeCE - Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar, no qual há encontros quinzenais para discutir sobre as agendas de eventos e realizar estudos e discussões de bibliografias indicadas. Dentro deste mesmo grupo há o Coletivo Ritmos de Pensamento, que desenvolve trabalhos, projetos, participações, formações de professores em outros espaços, universidades, instituições e etc. Logo de início este Coletivo Ritmos de Pensamento me chamou a atenção, fiquei curiosa para acompanhar de perto suas ações.

Todas as pessoas se apresentaram, e por mais que eu estivesse chegando agora, senti um ar familiar, acolhedor, todos foram muito receptivos comigo, mesmo sem me conhecerem, me senti à vontade, como se já pertencesse àquele grupo há muito tempo. Psicólogos, biólogos, pedagogos, artistas, músicos, geógrafos, cada participante vem de uma área específica e nem todos são professores, alguns estão no mestrado, doutorado ou pós-doutorado.

Depois das apresentações, foram discutidas as atividades do semestre, os locais onde iremos, não entendi muito bem essa relação e as atividades que esse grupo realiza pela cidade afora, mas estou muito curiosa e quero participar de tudo o que estiver ao meu alcance.

Quando as atividades na universidade se encerraram, fomos até a casa da Verônica, jantamos e

comemoramos o início de um novo semestre que estava por vir, para mim, chamado novo ciclo, outros inícios. Tinha um músico se apresentando, incrível como todos se sentiram à vontade e cantaram também, e claro, não consegui ficar de fora.

Cheguei em casa toda maravilhada e um pouco zozna daquele lugar desconhecido, o grupo, o que será que fazem, de onde vêm, quem são, quero fazer parte disso, meu deus, como quero fazer parte disso.

Não me contive e entrei no site da Uniso para saber um pouco mais, confesso que não entendi muito bem os conceitos, mas senti, senti que aqueles seriam os conceitos e experiências nos quais logo menos eu estaria imersa, flutuando, pesquisando.

3.1 Encontrando os ritmos

Por que Nós?

Sempre tem gente pra chamar de nós Sejam milhares, centenas ou dois

Ficam no tempo os torneios da voz

Não foi só ontem, é hoje e depois São momentos lá dentro de nós

São outros ventos que vêm do pulmão

E ganham cores na altura da voz

E os que viverem verão

Marcelo Jeneci (2010)²

²Por que nós? - Marcelo Jeneci (Feito pra Acabar) (canção). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l9skm8ye4t0>.

De repente, um grupo e um coletivo te tocam e te transformam, te faz evoluir, te agride com vida. De repente, pessoas, histórias e experiências chegam. Trazem consigo luz, cor, sentido aos ritmos do pensar.

O sentimento é de quem está chegando agora, se adaptando a tantas novidades e diversidades, pessoas, experiências, eventos futuros e novas responsabilidades. Mas também, autoconhecimento, olhar para dentro, uma verdadeira ressignificação de tudo, conceitos, vida, sentimentos, pensamentos, ressonâncias, movimentos, etc.

Aceita no programa de mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba, que alegria, quanta expectativa, o despertar. Disciplinas obrigatórias, eletivas, grupos de estudos, orientação, nada muito diferente da graduação, até aqui. Até aqui, até começar a me inspirar, me descobrir, a cultivar o amor pela arte, música, ecologia, e todas as suas relações, ao entrar para o Grupo de Estudos Ritmos de Pensamento.

É como se eu estivesse adormecida, esperando para ser acordada, por vibrações de almas, unidas pela mesma causa e luta, a vida e a educação, que atrai e faz conexões com pessoas e lugares distintos, afetando e arrastando todos com suas ações interventivas, artísticas, poéticas, uma verdadeira jornada de sentir e se permitir sentir sem medo. São experiências geradoras de energia, contato, luz e calor que aqueceu o que estava perdido, no escuro: meu ser.

Figura 6 - Sobre nós / Sesc-Sorocaba. Leandro Jesus, 2017. (1)



Figura 7 - Sobre nós / Sesc-Sorocaba. Leandro Jesus 2017. (2)



Figura 8 - Trecho do livro O que é uma casa. Bonfim; Medeiros, 2012

Pela janela, eu avistava
aquelas formas variadas,
aquilo que na imprecisão
se revelava.

E toda forma me continha,
em toda estranha criatura
que no ar se desenhava,
dentro dela, eu estava.

E me via caminhando
em terrenos inconstantes
e ali é que encontrava
a solidez do instante.

Pela janela,
onde meu olhar fugia
eu entrava numa casa
que era realmente a minha.

3.2 Incerteza

Incerteza de quê?

Fome de quê?

Mas o que se vai fazer?

E por quê?

A próxima é você, hein?

Já terminou tudo?

Se encontrou finalmente?

Não começou ainda?

Olha o tempo, menina.

Dois anos é pouco.

Incerteza de quê?

Você tem que ser mais rápida, hein?

Os começos pedem tempo, ou não, para acontecer, não se controla, nem sempre as palavras estão fáceis na ponta dos dedos, os fatos simplesmente acontecem. É preciso olhar delicadamente para essas vivências e encontrar forças e efeitos outros, criar políticas outras. Percebo que neste momento, lugares, cidades, espaços contam histórias e essas histórias estão em nós, como uma marca, tatuagem na vida, histórias de aprender e de saber, de entender mais, e mergulhar nas profundezas das oportunidades.

Olho para o Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) e, embora ainda não o conheça tão a fundo, penso no quanto de força ele traz em si, e o quanto de força ele faz nascer em mim. Essas forças me envolvem e me lembram de o quanto é possível conquistar uma educação melhor, um mundo melhor, mesmo diante de tantas dificuldades. Esse modo de agir como grupo me provoca algo que ainda não consigo explicar, na verdade estou confusa, e ao mesmo tempo me sentindo perdida diante de tudo o que venho experienciando.

Comecei a pesquisar melhor sobre crianças com deficiência visual ontem à noite, mas quando me dei conta estava me questionando sobre as pesquisas que são desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação da UNISO e como o grupo se insere nas mesmas. Me pergunto se ainda pretendo pesquisar, me pergunto se pretendo obter um título ou vivenciar, me pergunto como trilhar meus caminhos daqui em diante, e se fosse pesquisar o Coletivo Ritmos de Pensamento, como seria?

E assim os encontros que inauguram alguma coisa em nós, pequenos começos, pequenos gestos, vão parecendo sem importância ao olhar do outro. E são tantos os começos: há começos dolorosos, há começos harmoniosos, há começos que se sonha, há começos que se adia, ou ainda, que nem deveriam começar. Há começos que se planejam, outros simplesmente acontecem. Mas independente dos tipos, dos quando e porquês, começa-se, e assim faz-se existir.

Sinônimo de liberdade e despertares, o meu começo carrega consigo um ar de leveza, de simplicidade, curiosidade, uma boniteza que vem inaugurando encontros entre seres, que vem aspirando ao novo e suas texturas desconhecidas, penetrando – novos – conceitos por diferentes fissuras e fendas. O meu começo surge com as decisões que pairam sobre minhas incertezas, e toma corpo no instante em que mergulho no desconhecido, misterioso, os encontros com o Grupo Ritmos.

Mia Couto considera a incerteza parte importante dos processos:

Se há razão para temer as incertezas, haverá outras tantas razões para temer a certeza. Porque, afinal, a certeza pode excluir, pode afastar-nos da complexidade e diversidade do mundo, pode criar uma falsa ideia de segurança e de superioridade racional e moral. Se os radicais religiosos (e outros fundamentalistas) tivessem menos certezas viveríamos, com certeza, num mundo mais seguro e mais feliz. (COUTO, 2016, p. 6).

E continua, “Amo a incerteza como amo a certeza. Mas talvez hoje seja necessário fazer um elogio faccioso a favor do que é incerto. Ao fim e ao cabo, a incerteza é um abraço que damos ao futuro. A incerteza é uma ponte entre o que somos e os outros que seremos”. (COUTO, 2016, p. 6).

Com o passar das vivências no mestrado me dei conta de que minha pesquisa inicial sobre as atividades de educação ambiental para crianças com deficiência visual não se encaixava em meus novos questionamentos.

3.3 Grupo GREece: um breve histórico

O Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) se insere na linha de pesquisa Cotidiano Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE/Uniso) e foi criado em agosto de 2016. Esse grupo pretende reunir conceitos e pesquisas que abordam as dimensões ético-estético-políticas da arte e da cultura, criando combinações que possibilitem ampliar visões de mundos nascentes. O grupo se desenha como coletivo que estuda, pesquisa e produz pensamentos e artefatos culturais na universidade.

Esse Grupo de estudos e pesquisa se forma como um Coletivo Ritmos de Pensamento, que estabelece conexões entre a pesquisa acadêmica e as áreas da cultura, arte e educação, de modo a sintonizá-las num ritmo próprio, desenvolvendo para isso ações que andarilham outros espaços, ritmando pensamentos e novas conexões que geralmente acontecem fora da universidade, em espaços culturais, Ongs, etc.

Essas ações estão embasadas em espaçotempos (ALVES, 2003) que se criam entre a pesquisa acadêmica e diferentes áreas de cultura, arte e educação, enfatizando a ecosofia em seus “três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana” (GUATTARI, 2012, p. 8). Interessa-nos pensar multiplicidades na singularidade, numa perspectiva ecologista de educação. Desse modo, tomamos conceitos inerentes aos estudos da “subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado” (GUATTARI, 2012, p. 55), para mover a busca por “novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro” (GUATTARI, 2012, p. 55), através do corpo, da palavra, do pensamento, criando interfaces com a poesia, a literatura, a música, a psicanálise.

No ano de 2016, o projeto piloto do Ritmos de Pensamento surge no espaço Psicologia no Cotidiano³ – Sorocaba, trazendo artistas, psicólogos e psicanalistas para tratar temas como as potencialidades do corpo, a arte e a política do impossível, criações e resistências e as influências da escrita. É nesse evento que se inicia o movimento de ritmar pensamentos e criar conexões outras a partir de ações as mais diversas, dando origem ao Coletivo Ritmos de Pensamento.

³Disponível em: <http://www.psicologianocotidiano.com.br/contato/contato.php>

Figura 9 - Psicologia no cotidiano – Folder divulgação



Em 2017, o Coletivo alcança maior visibilidade ao conversar com as cidades e outros espaços movimentando pensamentos e ressignificações, tecendo novas conexões e parcerias. No mesmo ano, em maio de 2017, o coletivo participa de uma Residência Artística em prol da APA Pedra Branca, no município de Caldas – MG, que mobilizou encontros de criação coletiva entre artistas e travessias por afloramentos rochosos, riachos, matas e fontes de água para saudar e homenagear um lugar ameaçado pela mineração predatória.

Entre os artistas convidados para a residência estava Bené Fonteles, artista cujo trabalho é marcado pela potência de tracejar as artes, a do viver em estado de conexão, transcendendo e transmutando no mundo. Em Sorocaba, Bené participa de mais dois eventos organizados pelo Coletivo, a visita ao Quilombo do Cafundó em Salto de Pirapora-SP, em parceria com a Secretaria de Cultura de Pirapora, e uma roda de conversa no Sesc-Sorocaba, com a presença dos pesquisadores Leandro Belinaso Guimarães (UFSC) e Marcos Reigota (Uniso) sobre os movimentos de pensar a dimensão estética, ecológica e política da vida cotidiana.

As ressoantes aproximações entre o Coletivo Ritmos de Pensamento e o Sesc-Sorocaba – que possui importância na cena cultural e artística da cidade, garantindo à população um fluxo de eventos e apresentações relevantes para a construção da personalidade no contemporâneo – iniciam um fluxo de novas indagações e oportunidades. Assim, de agosto a outubro aconteceu no Sesc o Curso “Ritmos de Pensamento: movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana”, desenvolvido por participantes do próprio grupo, professores, psicólogos e artistas que buscaram responder à seguinte indagação: “É possível experimentar outros modos de ser-em-grupo?”

A relação com o Sesc se acentua ainda mais quando o coletivo é convidado para participar do curso “Cinema e Ambiente - Artes visuais e escritas sobre mudanças climáticas e degradação ambiental”, organizado por Solange Alborado, no Sesc de Santos. A programação de quatro dias contou com palestrantes como Marcos Reigota, Rubens Matuck, Ana Godoy e Alda Romaguera. O projeto Cinema e Ambiente é constituído por atividades de educação não formal, facilitadoras da democratização de saberes artísticos, estéticos e culturais, específicos relativos às mudanças climáticas e à degradação ambiental, inspiradoras de atitudes participativas. Atividades sobre o fazer cinematográfico ficcional e documental que envolvem a participação de formadores de opinião sobre cinema, escritores, produtores, diretores,icineiros e público geral.

Em 2018, o Coletivo continuou atravessando novas fronteiras e desafios, ritmando pensamentos e gerando conexões outras. Milton Hatoum abre passagem no Sesc-Sorocaba ao falar de seu último livro 'A noite da espera', que compõe a série de três volumes intitulada "O lugar mais sombrio", o qual se passa em Brasília. Nessa conversa, evidenciou-se a relação entre o cotidiano e as subjetividades, o pessoal e o coletivo, a partir da experiência política de jovens durante os anos 1960 e 70 e sua importância e ressonância no contemporâneo.

O Coletivo participou ainda de ações interventivas e artísticas no Instituto Tomie Ohtake, conversas e estudos sobre Guattari na PUC-SP e da vinda para Sorocaba dos integrantes do grupo Sabuká Kariri-Xocó, ocasião em que os integrantes desse povo indígena visitaram uma escola do município e a Ong Floresta Cultural localizada no Parque Três Meninos, em Sorocaba, movimentando rodas de conversas, dança, cantos, como forma de compartilhar sua história, cultura e modos de ver o mundo, deslocando os nossos.

POCINHOS DO RIO VERDE E UM ENCONTRO COM OS QUILOMBOLAS: RITMANDO COM BENÉ FONTELES

Bené Fontéles, artista, cozinheiro, xamã e compositor, me sensibiliza com suas vivências, lutas, aura e energia. Me inspira com o seu olhar divino de vida, pessoas, grupos, culturas, vivendo um fluxo de conexões e maneiras diferentes de pensar, sentir e lutar. É me olhar e ver meu tamanho em relação ao mundo, os povos indígenas, a natureza e suas comunicações "ruidosas" no silêncio adentro a mata, ou no jongo (dança de roda africana) do Quilombo. Sim, tribos de um tipo moderno, unidos por corações, mãos e fio ancestral, espírito guerreiro que continua a lutar por suas terras e cultura, sem desistência, a intervenção da roda tem que continuar. A intervenção de Bené tem que continuar, o quanto me permito afetar e ser afetada, me permito ouvir-te, olhar-te, sugar-te, cada palavra, Bené. Sou quem sou, porque

somos todos nós, Ubuntu, como diria ele. Ressignificar todos e tudo à minha volta, me desconstruir em cada encontro e desencontro, renascer, tornar-me um ser transcendental de viés político e finalmente, ecoar, como tenho feito, como pretendo continuar fazendo.

É esse silêncio que nós devemos cultivar, o silêncio da alma, daquilo que transmuta aos nossos olhos, o silêncio da meditação. A todo momento é trânsito, correria, estresse, celular, que nos afastam de nosso centro. Devemos então, ouvir e sentir as paisagens, o vento e a energia dos ancestrais. Salve o povo, salve o quilombo, salve os indígenas. Que sejamos seres encarnados, sonhos encarnados, pois é do sonho que nasce a luta e da luta a libertação. (FONTELES, visita ao Quilombo Cafundó em Salto de Pirapora, realizada no dia 23 de Maio de 2017).

Penso no quanto me permito afetar e ser afetada por tudo à minha volta. É estar onde deveria estar, é ritmar o pensar. Respiro e inspiro novidades a cada instante, lugares, pessoas, definições, significações, ressignificações, e construo em cada vivência diferentes conceitos e ideias. Cheguei e já me sinto em casa, como se fosse meu destino estar aqui, é estar onde deveria estar e mais do que isso é sentir a resistência dessas lutas, do quilombo, do indígena, e de Bené. Arte, vida e educação em um só lugar, buscando entender as suas relações e conexões abruptas com o mundo afora.

Abundantes experimentações. Observo e questiono o conceito de ser-em-grupo, comportamentos, pensamentos, habilidades, talentos e visões de mundo. Me lembro de quando fazia parte do grêmio estudantil de minha escola, tantas opiniões, ideias, discussões, sonhos impossíveis, e no fim, projetos desenvolvidos lindamente. A imperfeição estava exposta e fazia parte de nossa essência. Penso que como seres humanos, estamos a enfrentar dificuldades a todo momento e estamos lutando a todo momento, dentro do ser-em-grupo, dentro de tantas potências de pensamentos, obstáculos surgirão.

Pocinhos do Rio Verde: uma residência artística

Figura 10 - Minas, tambores e eu



Fonte: Arquivo Ritmos de ensamento.

Figura 11 - Vida singular Pocinhos



Fonte: Arquivo pessoal. 18 a 20 ago. 2017.

Quilombo Cafundó

Figura 12 - Quilombo, pés na terra



Fonte: Arquivo Ritmos de Pensamento. 18 a 20 ago. 2017.

Figura 13 – Trasmu(ação)



Fonte: Leandro Jesus. 25 maio 2017

Figura 14 - De pontinho em pontinho, nós



Fonte: Arquivo pessoal. 02 dez. 2018

3.4 Coletivo Ritmos de Pensamento e Educação pelo Desenvolvimento – cotidianos educação

Curso Sesc 2017: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana

Entre as diversas atividades que o Coletivo Ritmos de Pensamento desenvolve, decido me aproximar dos cursos e oficinas oferecidas no Sesc-Sorocaba, que foram capazes de trazer mais elementos para pensar cotidianos-educação.

Outra forte contribuição do grupo que ajuda a firmar esse pensamento vem da pesquisa em andamento iniciada em 2018 pelo GREeCE, com os estudos de teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, em um período de 20 anos. Cada participante do coletivo ficou encarregado de ler algumas dissertações e teses defendidas nos últimos tempos e em seguida deveria apresentar em sala para levantarmos discussões e diálogos sobre os determinados trabalhos. Por meio desses estudos pudemos perceber que existe uma ampla diversidade de pesquisas na Universidade de Sorocaba que estão embasadas nas perspectivas ecologistas de educação.

Marcos Reigota defende em uma entrevista para o canal Debate em Ação sobre Educação Ambiental em 24 de outubro de 2017, que a essência política, as leituras do mundo das possibilidades, as rupturas, alternativas metodológicas com essas perspectivas, as práticas pedagógicas de difundir uma educação ambiental libertadora, são os possíveis modos de trabalhar e divulgar a educação dos cotidianos escolares.

O Coletivo Ritmos de Pensamento desenvolve, juntamente com o Sesc, desde 2017 cursos de formação de educadores ambientais. Esses cursos estão inseridos no Programa de Educação pelo Envolvimento do SESC Sorocaba, coordenado por Alexandre Anézio e Marcos Bravin. Na primeira experiência, o curso se desenhou em dez módulos de três horas cada, ministrados pelos integrantes do Grupo e pensados a partir da perspectiva ecologista da educação.

Os dias de cursos eram sempre muito intensos, os ministrantes preparavam o local para o acolhimento dos participantes com muito cuidado, escolhendo cada objeto, recheado de recursos estéticos, cores, dinâmicas, sons, imagens, tudo para deixar o cursista cada vez mais à vontade, livre para experimentar as oficinas, se entregar, esquecendo o modelo- aula comum e entrando em provocações práticas, artísticas, causando assim deslocamentos como expectadores e desenvolvendo pensamentos em educação.

O público-alvo desse curso foram os professores do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, professores especialistas de diversas áreas, Geografia, Biologia, Português, Matemática, etc.. Sabemos que nesse tipo de público existe um contato menor entre educador e aluno, diferente do Ensino Fundamental I e Educação Infantil, em que o contato é bem mais amplo, exercendo uma convivência maior com os estudantes.

No decorrer das oficinas, houve uma aproximação significativa entre cursistas e ministrantes, as ricas trocas realizadas durante os módulos foram suficientes para causar conversas e debates fora dos horários de cursos, resultando assim na criação de grupos em redes sociais como Facebook e WhatsApp, que perduram até os dias de hoje. É muito comum os cursistas realizarem conversas, divulgarem seus trabalhos, convidarem outros cursistas e até ministrantes para irem às suas escolas, afirmando que houve uma continuação do curso para formação de educadores mesmo após o seu término no Sesc-Sorocaba.

Os professores demonstraram muita receptividade nas atividades propostas e sempre trouxeram os seus próprios cotidianos de sala de aula como pistas para serem discutidas dentro do curso, contribuindo assim com suas narrativas, enriquecendo as discussões e potencializando ainda mais os questionamentos e pensamentos das atividades propostas.

O ambiente do curso servia como um suspiro, um modo de dizer e declarar que sim, existe união nessa luta de resistência para com a educação, e que o fato de se estar ali é um dos diversos modos outros de se buscar e lutar por

alternativas que rompam com adversidades que o cotidiano pode apresentar e apresenta.

Durante os meses de curso, a conexão entre os participantes era nítida, a alegria nos encontros e a sintonia do grupo fazia do ambiente um local agradável, de imensa contribuição, tanto no âmbito profissional como pessoal.

E como participante do curso, participante do Coletivo Ritmos de Pensamento e participante também na organização dessa formação para educadores, eu me sentia extasiada com tudo que ali acontecia, e pensava e dizia: “Existem possibilidades outras e isso já está reverberando no município de Sorocaba, aqui, a minha volta, eu faço parte desta luta, ninguém está só”.

Dentre as minhas funções como participante do Coletivo estava o fazer registros e ajudar nas necessidades das ações; as minhas lentes eram extremamente voltadas para o público, uma vez que, encantada com o poder das relações que cresciam no decorrer dos dias, além disso o modo como as atividades eram aceitas pelos cursistas me deixava mais à vontade ainda para participar e me envolver, a ponto de querer criar um contato mais íntimo com o curso e entender a fundo suas indagações e ações.

Não era apenas sobre como os cursistas chegavam e como saíam, mas como eu, aluna, bolsista e também integrante do grupo, era afetada pelas atividades desenvolvidas. Era sobre as novas descobertas e olhares outros para uma educação que parecia distante, mas que, na verdade, estava acontecendo bem próxima de mim, na Universidade de Sorocaba: uma educação das possibilidades, que não deveria se distanciar da educação que ocorre nos cotidianos escolares, muito pelo contrário, é dessa educação que os cotidianos são feitos, ou deveriam ser.

Ao final do curso todos receberam um certificado de participação, com trinta horas de formação.

A próxima etapa desta dissertação usufruiu do diálogo entre os depoimentos dos cursistas, participantes do Coletivo Ritmos e agregados, juntamente com as perspectivas ecologistas. Cada cursista escreveu sobre suas

afetações, encantamentos, percepções que procederam do Curso Formação para Educadores, tanto em 2017 como 2018. Recebi alguns relatos de experiências que foram significativos para me aproximar ainda mais das oficinas, de seus acontecimentos e principalmente dos embasamentos teóricos utilizados na construção dos módulos, trazendo cada vez mais o cotidiano escolar.

A seguir, passo a apresentar uma conversa com os relatos dos oficinairos.

Tecendo cotidianos possíveis I: No meio do caminho tinha uma linha

Eder Proença e Kátia Pereira

Os conhecimentos podem ser construídos como rizomas, como raízes daquele capim que o povo chama de tiririca, que brotam num lugar e reaparecem em outro, que se aproximam e se afastam como numa dança sem coreografia pré definida, em que são os próprios rizomas que livremente e caoticamente constroem a coreografia. (GARCIA, 1999, pg. 45)

O que cabe em uma linha? O que dizem as nossas linhas? Trace sua linha nesta folha e em seguida, construa um corpo com ela, ressignifique sua linha, componha. Agora, com seu personagem já pronto, iremos trocar as nossas produções, e explorar linhas outras, partilhe suas sensações ou estranhamentos perante as linhas dos seus colegas, e passe adiante, não tenha medo de abusar da sinceridade, se permita ser provocado.

As folhas caminham sobre a sala por entre as mãos, por entre os dedos, digitais, o contato com a construção do outro faz surfar impressões íntimas e particulares, expressões, olhares estrangeiros. O observador lê a imagem à sua frente de acordo com o que habita seu íntimo, há uma relação entre o papel, o corpo formado com a linha e quem o recebe. Risos soltos, leves, que corpo estranho, “este está feliz, este está com cara de chapado, olha esses olhos, hum, este aqui parece com um ET, ou o smigow, achei aquele outro bem estiloso, e esses olhos parecem ser deressaca”.

O que o outro pensa, ou, o que eu penso. Estamos todos dentro de processos históricos, não podemos nos entregar, murmúrios reais. Existem os desanimados, de monte, aqueles que desistem da batalha, mas não podemos nos fixar nisso, não podemos, ainda há luta, amigos.

Entre os diálogos pós-dinâmica, brotam assuntos que estavam em pauta no momento, como as questões das exposições fechadas devido ao Movimento Brasil Livre (MBL) e o Movimento Escola sem Partido. O subterrâneo escolar que Éder carrega ainda fresco de sua tese conversa com os desafios e as adversidades presentes, não há conservadorismo, na política sim, mas fora dela, há resistência, afirma. É preciso conquistar os nossos espaços, e se não há espaço, conquistaremos, buscaremos brechas e frestas, caminhos possíveis, e conquistaremos.

No relato de Éder sobre a sua oficina ele defende que:

No encontro que Kátia Pereira e eu propusemos e que inaugurou o curso no Sesc, em 2017, queríamos que a reflexão sobre um cotidiano escolar que pulsa, que contém inúmeros contágios de uma perspectiva ecologista em educação e faz o cotidiano da escola revirar, possibilitando atravessamentos indisciplinados e transdisciplinares, éticos, estéticos e políticos de experiências outras, menores e marginais (Eder, relato de experiência, 2017).

E continua:

Nossa aposta é sempre nas microações, nas políticas do chão da escola, quando damos a oportunidade de nossos e nossas estudantes falarem, ou apresentarem seus talentos; quando abrimos a escola para que os dependentes químicos possam ter um espaço de diálogo e reflexão; quando valorizamos todos os profissionais da escola, chamando-os para compor os saberes, conectando as diferentes linhas que atravessam a nossa vida, enriquecendo-a e fazendo-a pulsar ainda mais. (Eder, relato de experiência, 2017).

É por meio dessas perspectivas ecologistas e das microações que a metodologia, os objetos estéticos e os diálogos

são pensados na construção do módulo. Há uma conexão intensa entre aquilo que se pesquisa e se exerce, e aquilo que é trazido para um curso que busca formar educadores. Dessa forma, o ministrante utiliza da sua própria fonte de resistência e modo de luta neste mundo. Não existe uma separação entre o que é feito em seu cotidiano escolar e o que se compartilha com professores, que vivem suas práticas cotidianas, existe a realidade que é enfrentada diariamente, é construída em conjunto lado a lado, e que é discutida nos debates dos encontros.

Em seu relato de experiência, Éder também defende que utilizar palavras, artistas e determinados teóricos não nos tiram da realidade em que estamos, e muito menos mudam políticas pedagógicas para solucionar as questões de ensino e aprendizagem, mas é possível resgatar de cada encontro ou exposição, possibilidades para construção de novos cotidianos, permitindo sua respiração e existência com toda sua força, pulsando para aqueles que o constituem, permitindo se pensar em coletivo, como sugere “As três ecologias”, de Félix Guattari (2001).

Ecologia, educação, cultura e cosmovisões de mundo, são temas fortemente defendidos por Bené Fonteles em sua luta artivista. No artigo Des-objetos de Alik Wunder e Alda Romaguera (15/12/2010), há uma pergunta direcionada ao artista, que aborda sua forma de pensar, criação, e a resistência em coletivo, levando em consideração o “cosmos interno” de cada um, ou seja, como isso poderia ser colocado em movimento nos encontros com outras cosmovisões de mundos. Nessa entrevista, Bené ressalta que sem as cosmovisões coletivas, não seria possível haver o imaginário de cosmos interior, ou seja, os cosmos próprios de cada um. Esse pensamento casa com os questionamentos levantados pelo grupo de estudos ritmos de pensamento durante as oficinas, no qual se busca respostas para a potente pergunta sobre a possibilidade de crescer como um grupo, ou seja, é possível experimentar outros modos de ser-em-grupo?

Essa questão abre o curso de 2017, juntamente com as dinâmicas e a leitura do livro “O que cabe em uma linha” de Leca Machado e Raquel Conti, e durante todos os encontros essa pergunta continua a pulsar, aflorando diálogos

possíveis, trazendo colaborações e várias outras indagações, dando continuidade para a reverberação e construção de pensamentos em cotidianos escolares, com o Coletivo Ritmos.

Tecendo cotidianos possíveis II: Entre Manoel de Barros e Emmanuel Marinho Alda Romaguera e Rosana Faustino

Ao sermos tocados pelas sutilezas cotidianas, nesse espaço e tempo permeado pelas diferenças, nós educadores, passamos por um processo de modelagem dos nossos modos de agir e pensar, fazendo com que possamos (re)inventar, pois “virar as costas para o cotidiano é abrir mão da possibilidade” [...] (SPINK, 2008, p. 71)

Diálogo das afetações, de quem lê e quem escreve, Manoel de Barros não usa falas, recita, recita a poesia das gentes do fim do mundo, do interior, do pequeno:

Poesia a gente não descreve, a gente descobre, a gente acha, eu sou procurado pelas palavras, não tem inspiração eu não conheço o que é isso só conheço de nome, então eu acho que eu sou excitado por uma palavra, ela me excita, ela se apaixona por mim, as amigas que ela tem por aí pelo mundo se encontram pelo cheiro, pra desabrochar num poema, e desabrocha em mim, poesia é o belo trabalhado, é uma artesanaria, ela acontece ela chega ao fim quando você conseguiu dar as formas, ao dia, ao som, a cada palavra a cada sílaba a cada letra, poesia é a definição de palavras com um canto dentro.

Eu sou dois seres. O primeiro é o fruto de amor entre Alice e João. O segundo é lettral: é o fruto de uma natureza que pensa por imagens, como diria Paul Valéry. O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidades. O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades, frases. (Só dez por cento é mentira, 2010)

“Só dez por cento é mentira, sobre Manoel de Barros”, dirigido por Pedro Cezar em 2010, conta a vida do poeta sul-mato-grossense com entrevistas alternadas com a vocalização de seus textos. O documentário abre as cortinas da oficina para linhas, canetas, tecidos, papéis, prosas, versos, poesias, poemas, poéticas, imagens, palavras. Palavras, orações, verbos, frases, termos, locuções. Locuções, falas, discursos, linguagens, conversas, vozes, linguajares.

Linguajares, produção, criação, fabricação, formação, elaboração, construção. Obra, artefato, fruto, resultado, trabalho. Mostra, exposição. Ateliê.

Entre chegar e partir, e a construção de mundos poéticos entre nós, entrenós, um banquete oferecido de prontidão a cada alma que aqui se aloja, se abriga em dimensões estéticas, imagens e o profundo deslizamento no não clichê de palavras prontas, ditas em cotidianos. No altar, se exibem escritas, retratos, para fazer proliferar a vida na/da arte, aguçar os sentidos, estilhaçar criações, esgarçar potencialidades, fazer existir composições de escritas poéticas que envolve espaços além da escola, além das salas de aula.

No relato de oficina, Alda conta sobre sua própria experiência comoicineira e cita as dinâmicas proporcionadas aos cursistas com os poetas Manoel de Barros e Emmanuel Marinho, os quais servem de atravessamentos para as pesquisas e escritas que são/estão sendo construídas e que tem proliferado pelos espaços outros. Além disso, a pergunta da construção em coletivo continua a pulsar sobre as éticas, estéticas, políticas e pedagógicas nas ações:

Este exercício vivido em duas manhãs ampliou para mim o sentido da pergunta que nos movimenta neste curso: de que diferentes modos podemos ser-em-grupo? Podemos nos aproximar da dimensão estética e ensaiar poéticas com nossos cotidianos. Ao fazermos este gesto, declaramos uma escolha: afastamo-nos dos fazeres escolarizados e abrimos espaço para produções de sentidos com professores, com estudantes, conosco. (Alda, relato de oficina, 2018)

No início de 2018 Rosana Faustino nos presenteou com sua dissertação (FAUSTINO, 2018) e com as reverberações poéticas de seu cotidiano escolar. Os diálogos aconteceram entre educadora/poetas/educandos pelos movimentos poético-político-estéticos desenvolvidas no contexto das aulas de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola de Pilar do Sul - SP. Esses estudantes tiveram a oportunidade de se aproximar de Emmanuel Marinho e adentrar o mundo das sensibilizações, com oficinas de escritas e produções inventivas, gerando a publicação do livro 'A

poética do eu: poemas que nasceram em sala de aula', com os trabalhos e exercícios da poesia dentro do cotidiano escolar. Para complementar sua pesquisa e atribuir mais força, ela decidiu trazer para o curso de formação esse mesmo trabalho e diálogo, enriquecendo ainda mais as práticas e possibilidades em educação.

Em sua pesquisa ela defende que a literatura tem sido muito utilizada nas escolas apenas como recurso didático, e principalmente para o cumprimento de metas específicas. E infelizmente o papel de comunicar ideias e pensamentos acaba ficando restrito, o educador tem de estar sempre procurando frestas entre as obrigatoriedades dos currículos para poder criar diálogos entre as escritas literárias e os estudantes, as imposições são diversas e acabam por engessar as práticas educativas. Em seguida, Rosana faz uso dos olhares outros para com a educação, o exercício de atribuir outros significados, experimentações da arte, na arte, na criação de infinitos mundos, que são múltiplos pelas possibilidades de singularizar, defendido por Alda em sua pesquisa *Arte e escrita e(m) educação*, apresentações do Seminário *Conexões Deleuze e vida e Fabulação e...*, em 2011.

Trazer as poéticas para o cotidiano escolar pode ser um trabalho árduo diante das tantas adversidades existentes, mais uma vez, o curso propõe práticas e exercícios, sugestões, que driblem esses empecilhos que estão muito enraizados nos cotidianos.

A criatividade e o desenvolvimento da linguagem acontecem por meio das poéticas, seja na leitura ou escrita, o estudante está no processo de atividade lúdica, o educador deve aproximar as crianças, adolescentes, jovens e adultos das poesias, familiarizar todo tipo de público e todo tipo de lugar, realizando um movimento de busca. (LOPES, 2013)

Poesias, prosas, poemas, podem e estão sendo discutidos em diversos ambientes fora da escola, praças, exposições, coletivos. etc. Os cotidianos possíveis existem e resistem de modos outros, e a partir dessa oficina os educadores carregam esse conceito e prática para dentro de suas próprias práticas e é possível e fácil medir isso por

meio de conversas e diálogos.

No início, durante e principalmente ao final de cada oficina, os professores oficinairos traziam relatos e levantavam questões sempre muito positivas para as discussões; além disso, contavam como se sentiam diante das práticas desenvolvidas, sobre suas certezas, incertezas, valores, compondo diálogos e fortalecendo cada vez mais o valor dos cursos.

“A chita representa nosso corpo e as cores”.

“As crianças fazem parte de uma leveza que existe em mim.”

“Estou me descobrindo um pouco arteira nesse curso.”

“Preciso de alguns dias, esse curso está me mudando.”

“A energia do corpo-casa que está materializando o pertencimento de estarmos impregnados nestes corpos.

A cada frase e sensação, os participantes traziam a maneira como estavam vivenciando os momentos, impregnados pelas práticas e sensibilidades. Com o passar do tempo os diálogos ficaram cada vez mais intensos, os oficinairos não hesitavam em compartilhar histórias de família, os resgates de ancestralidade, suas relações, e a cada fala, acontecia uma nova construção em coletivo com a educação.

“Aqui eu sinto necessidade de resgatar minha essência, é algo que não sei explicar. É como se eu estivesse conversando com meu eu interior.”

“Cheguei e logo me aproximei dessa atividade que lembra meu filho, refleti sobre a maternidade e a pós maternidade e o modo em que um filho faz a diferença em nossas vidas.”

“To me sentindo aluna novamente, esse momento de sensibilização é muito importante para mim.”

“Não consegui não compartilhar com meus alunos, levei pra escola e expliquei para as crianças o encontro de

ontem, depois levei para casa para meus filhos.”

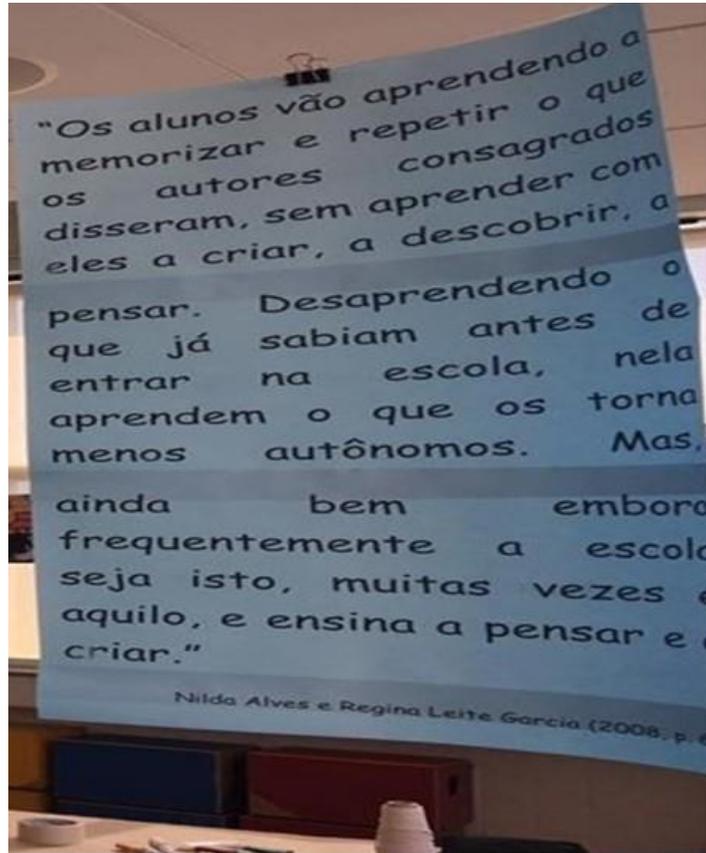
“Não acredito que perdi a oficina ontem, esse curso esta me despertando muitas possibilidades, sou extremamente grata por essas ricas trocas que tem acontecido entre nós.”

“Levarei esta vivência para dentro de minha própria sala de aula, e para perto de meus colegas de profissão, isso não pode ficar apenas por aqui.”

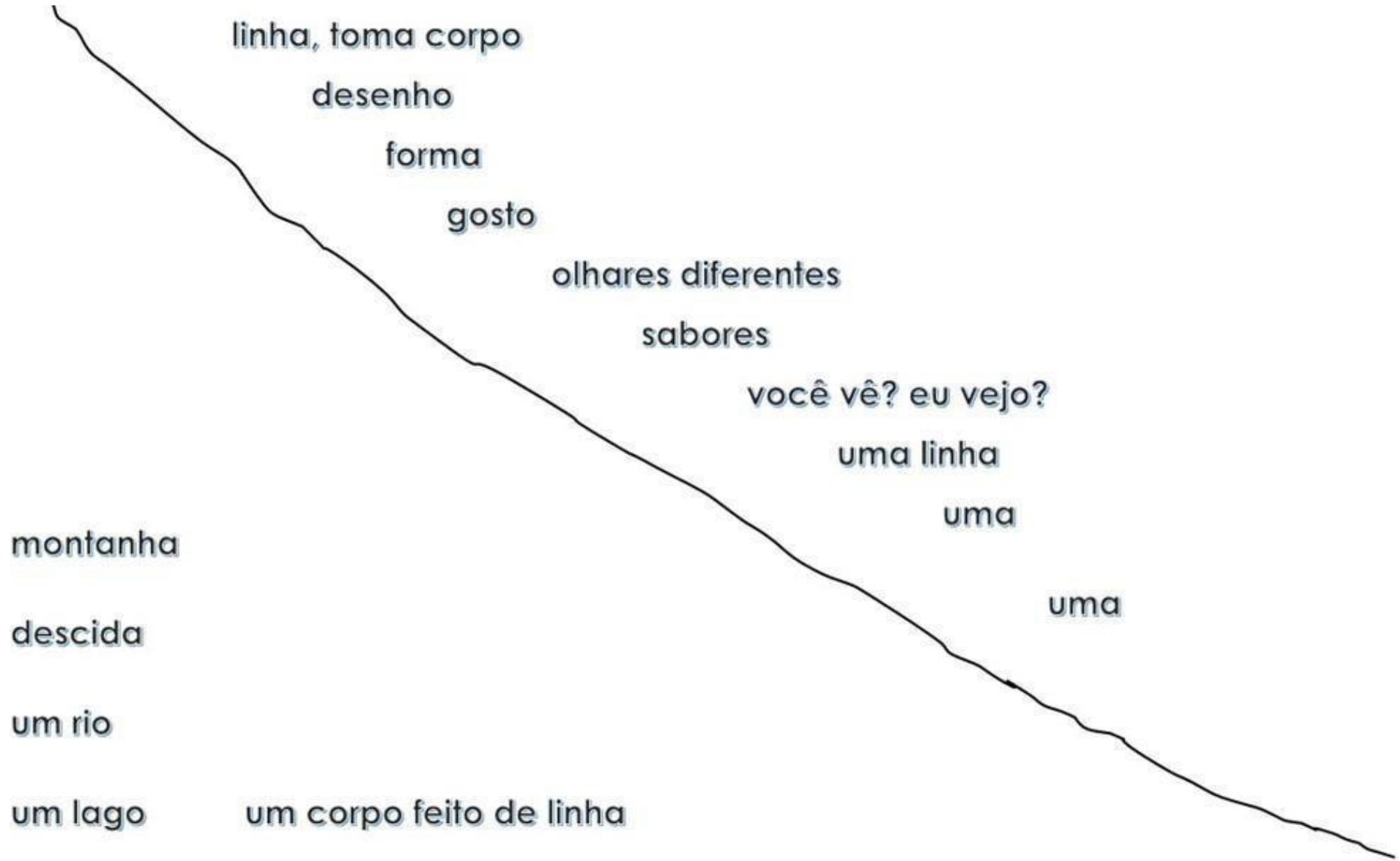
Com o tempo, os discursos tiveram um salto imenso para fora dos cursos, encontramos práticas dentro das próprias salas de aulas dos professores quando eles enviavam acervos fotográficos e contavam suas práticas. Além disso, algumas pessoas tiveram um encantamento e uma relação íntima decidindo se aproximar do Coletivo Ritmos, e alguns deles, decidiram cursar o mestrado na Universidade de Sorocaba. É desta forma observamos o impacto causado em cada participante, pelos seus diálogos, pela escolha de levar o curso até suas escolas, ou quando decidem adentrar e estabelecer uma aproximação com o Coletivo Ritmos de Pensamento.

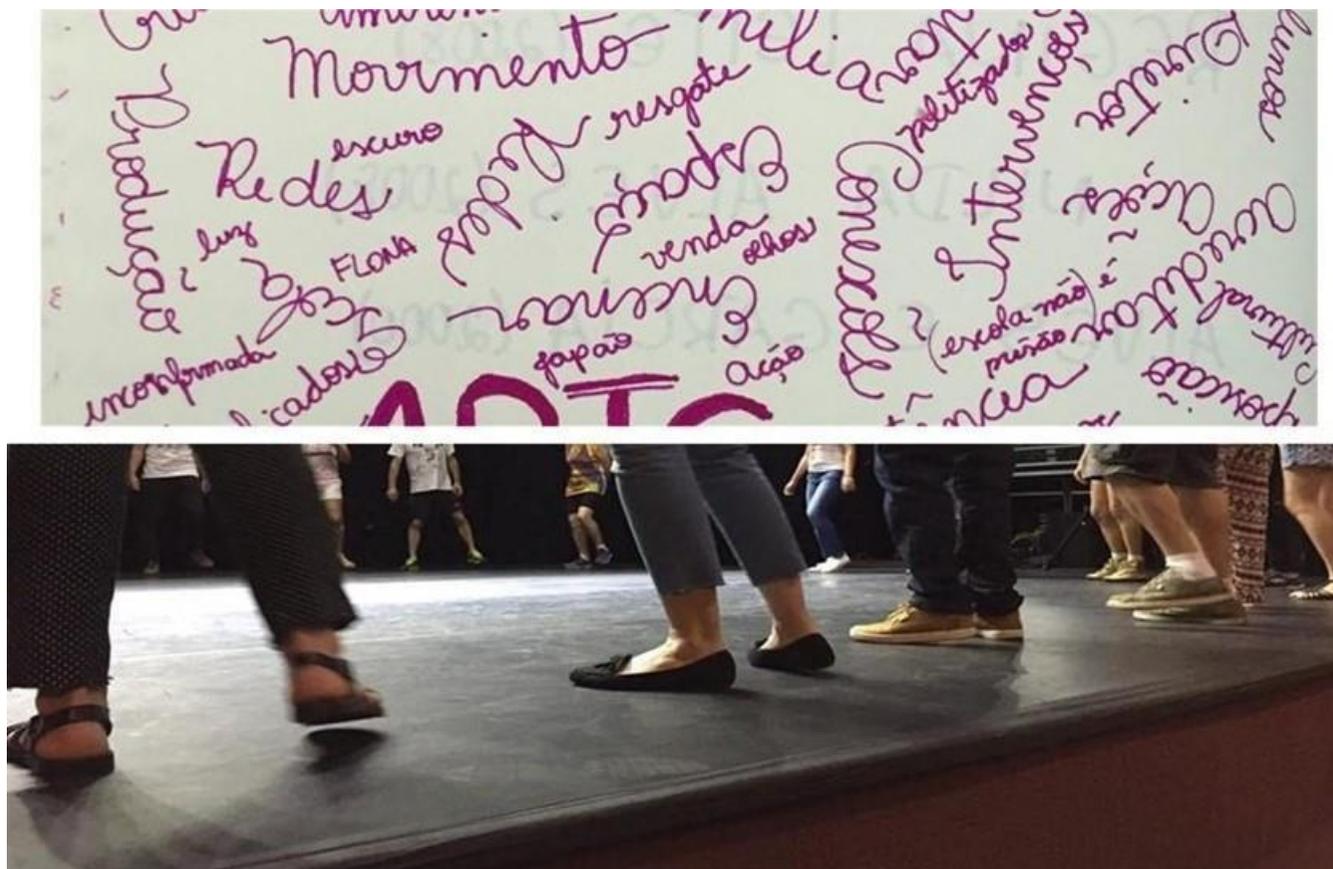
Imagens, poesias, escritas, vidas efêmeras em cri (ações) artísticas, das letras, fontes, das imagens, construção, da união singular entre ambos, emparelhados, metafísicos, da busca pela pergunta das respostas do “é possível ser-em-grupo” e a construção de pensamentos e novos cenários em educação, educ (ação), cri (ação), não obstante, form (ação).

Curso de formação para educadores 2017

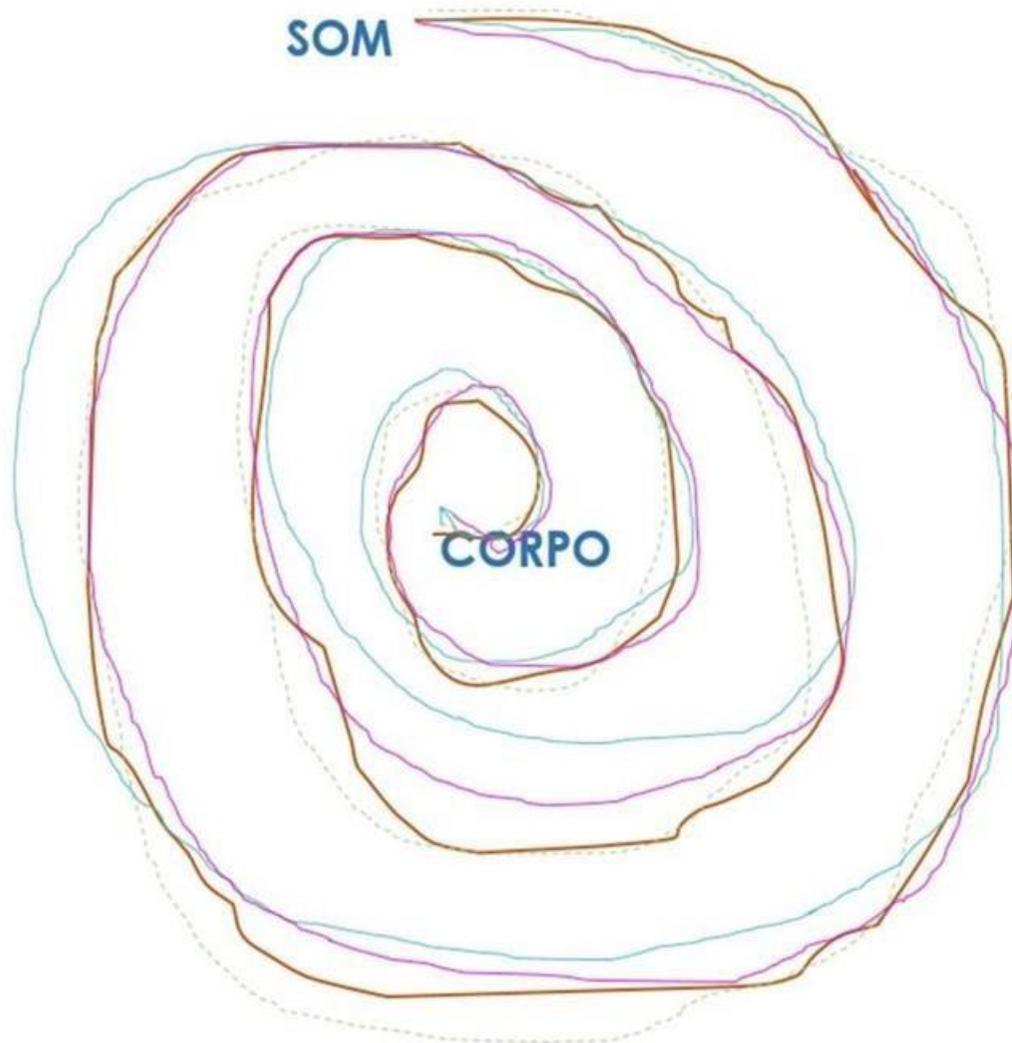


Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Práticas educativas. Oficineiros: Eder Proença e Kátia Pereira
Arquivo pessoal. 15/09/2017 e 16/09/2017.





Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Sonoridades corporais. Oficineiros: Mauro Tanaka
Arquivo pessoal. 16/09/2017 e 17/09/2017.



Meu corpo também canta pelo mundo afora, dança sobre os ladrilhos da escola, ritmo próprio, pés, movimento no espaço, cotidianos sonoros...



Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana Módulo: Construções subjetivas.
Oficineiros: Verônica Hoffmann e André Yang. Arquivo pessoal. 22/09/2017 e 23/09/2017.

a construção do eu só é possível nas



relações



narrar-se como possibilidade; escrita de si



empoderamento político

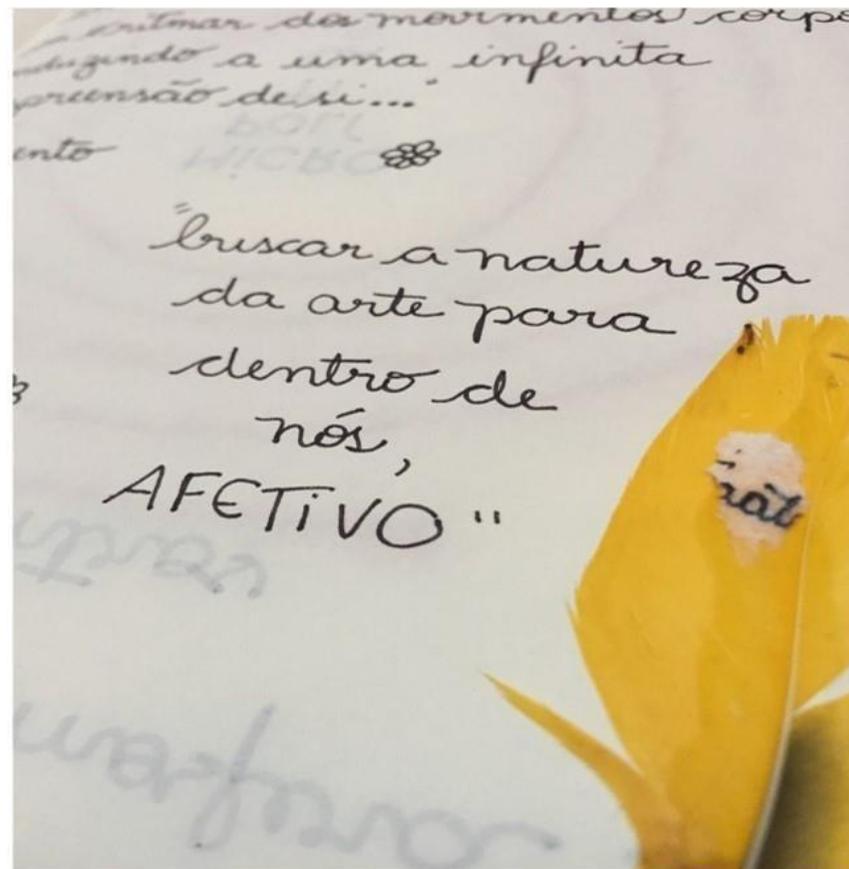
somos sujeitos de nós mesmos



acolher possibilidades de



vivências



Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Construções subjetivas.
Oficineiros: Carmen Machado Arquivo pessoal. 22/09/2017 e 23/09/2017

Cena 1: corpo em movimento

Cena 2: diálogos pele e chão

Cena 3: cotidiano dos primeiros passos

(INTERVALO)

palco da vida

Cena 4: conquistando o cenário (escola)

Cena 5: resitências visíveis

Cena 6: o fim ou o início

Final: aplausos.

Cortinas de fecham.

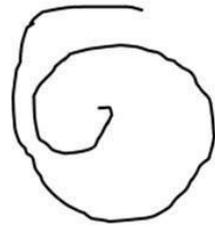


Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Cartografias afetivas.
Oficineiro: Leandro Jesus Arquivo pessoal. 29/09/2017 e 30/09/2017.

TRACE SEUS CAMINHOS?
COMO ELES SÃO?
QUE SABORES TÊM?
SÃO CAMINHOS VISÍVEIS?
OU INVISÍVEIS?
QUAL SUA RELAÇÃO COM ESTE CAMINHO?
PENSOU? VO-OU?



Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Ecologia sonora. Oficineiros: Marta Catunda e Rodrigo Reis
Arquivo pessoal. 06/10/2017 e 07/10/2017.



Canto a céu aberto

Apitos natureza



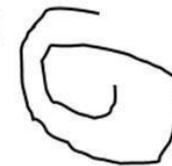
União do cosmos



Alvorada de

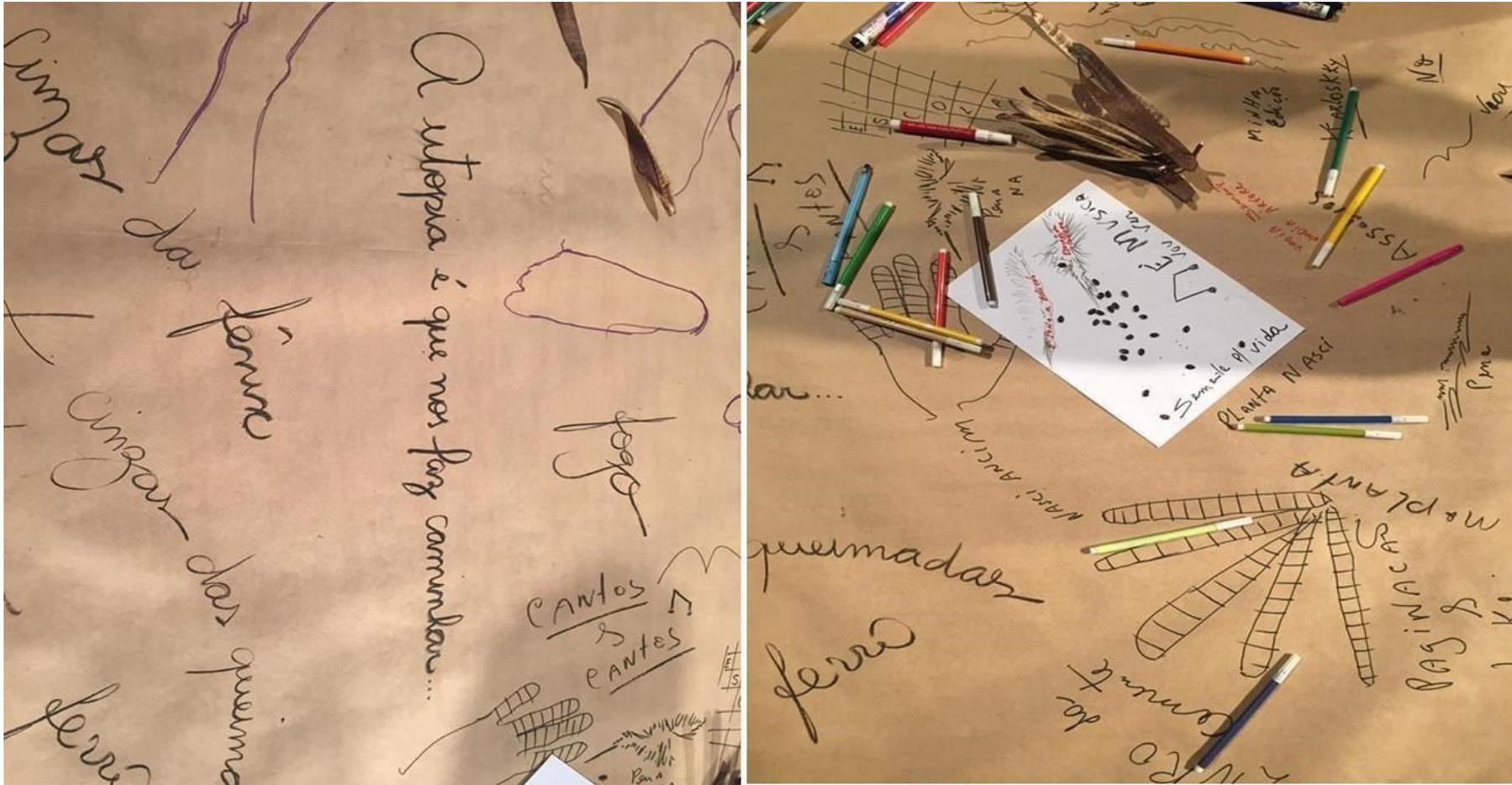
pássaros melódicos

Canário, saracura, trinca-ferro, irerê, sabiá



Estados mutantes água corrente cadeia de

montanha



Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana Módulo: Processos de criação.
 Oficineiros: Adriana Lima e Raquel Fayad. Arquivo pessoal. 07/10/2017 e
 08/10/2017.

Lápis, tinta, papel na mão

Guache não mancha a roupa

Eu quero a cor do céu

Eu quero a cor do sol

Pode por terra

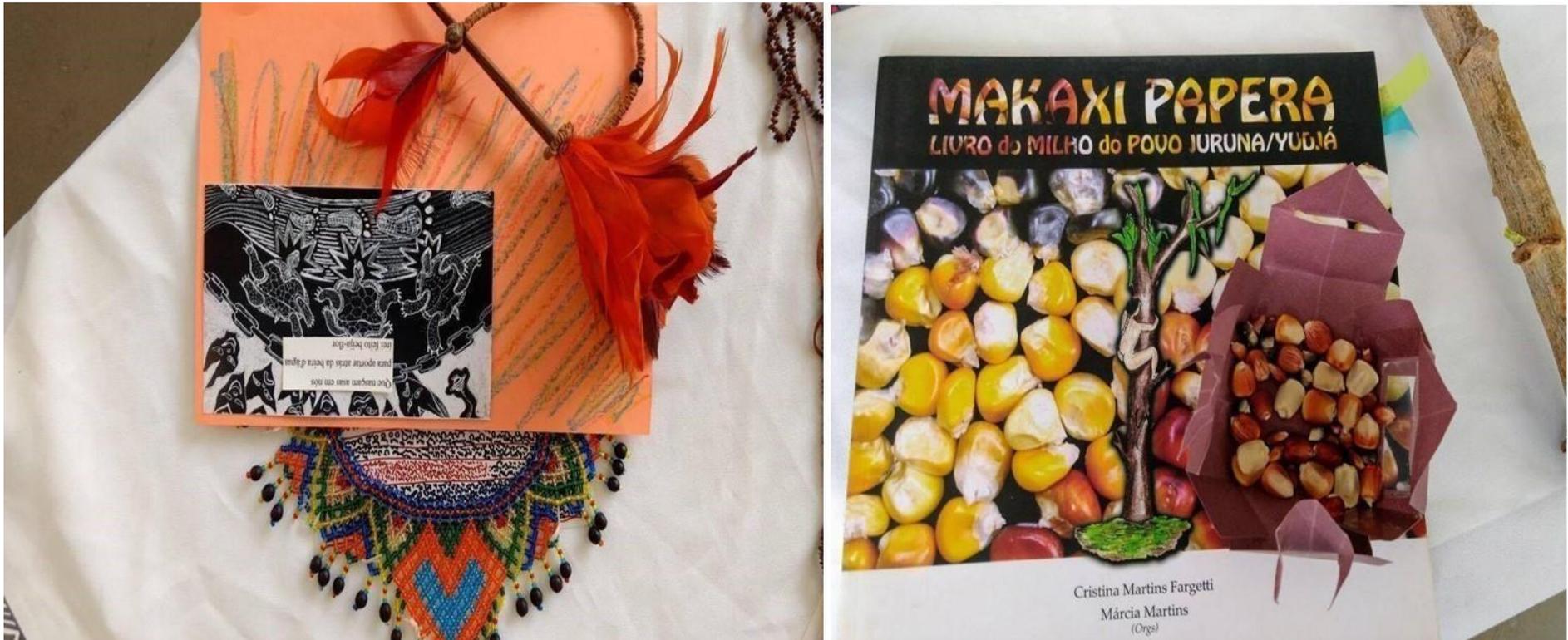
Pode por gravetos

**Alguém me empresta a
canetinha roxa**

Ninguém tem

Pode ser a rosa mesmo, então

Criação feito cheiro de infância, escola de criança, criação... todo mundo tem uma criança dentro de si, todo mundo tem uma cor no mundo, não tem nome, são coisas, sol, céu, mar, por que o coração tem de ser vermelho? Eu quero a cor da vida, que cor tem a vida?



Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Poéticas indígenas. Oficineiros: Alik Wunder.
Arquivo pessoal. 20/10/2017 21/10/2017.

RE(EXISTÊNCIA)- Povo só (r)existe no plural - povos. Um povo é uma

multiplicidade singular, que supõe outros povos, que habita uma terra

pluralmente

povoada de povos. Quanto perguntaram ao escritor Daniel Munduruku se ele

- enquanto índio etc., ele cortou no ato: - não sou índio; sou Munduruku. Mas se Munduruku

significa saber que existem Kayabi, Kayapó, Matis, Guarani, Tupinambá, e que esses não são Munduruku, mas

tampouco são Brancos. Quem inventou os - índios como categoria genérica foram os grandes especialistas

na generalidade, os Brancos, ou por outra, o Estado branco, colonial, imperial, republicano. O Estado, ao

contrário dos povos, só consiste no singular da própria universalidade.

Trecho do texto Eduardo Viveiros de Castro, Os Involuntários da Pátria.



Curso: Movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana. Módulo: Poéticas da escrita.
Oficineiros: Alda Romaguera e Rosana Faustino. Arquivo pessoal. 20/10/2017 e 21/10/2017.

Poesia

não

compra

sapato

Mas como **andar sem**

poesia?

Emmanuel Marinho

A linha dos começos

Já não é mais a mesma linha

Agora permanece entre os términos

Das direções outras, do fim, ou do começo
novamente

Depende do lugar em que você vê

Depende do que a linha fez em você

3.5 Curso Sesc 2018: Criança e Natureza

No ano de 2018, o Coletivo Ritmos de Pensamento em parceria com o Sesc desenvolve o segundo curso em Educação pelo Envolvimento, dessa vez, voltado para a formação de educadores ambientais com a temática principal Criança e Natureza, que acontece de agosto a dezembro, em 12 módulos de seis horas. Em um modelo mais longo e completo, o curso apresentou alta procura, atingindo um total de 100 inscritos em apenas três dias de divulgação, esgotando as vagas rapidamente.

Este ano, o curso aconteceu não apenas no Sesc, mas também na Floresta Cultural, Sítio Reino Animal e na Escola Municipal Maria Domingas Tótora de Góes, ampliando ainda mais as parcerias e conquistando espaços outros.

Outra diferença marcante presente nessa edição foi o público, dessa vez voltado para profissionais da Educação Infantil e Fundamental I, com novas oficinas e possibilidades de construção de pensamentos. O professor “polivalente” caminha sobre os trajetos da infância, das sensibilidades e se abre ainda mais para as novidades, buscando transportar as impregnações vivenciadas para seus cotidianos escolares, assumindo a dimensão estética do humano no trabalho com educação.

As oficinas andarilham o campo da infância dos próprios cursistas também, trazendo o devir criança e compartilhando suas memórias, detalhes e brincadeiras. É preciso deixar-se impregnar pela volta no tempo, do sentir, da saudade de brincar na rua, no sítio, trazendo sua própria história à tona, à roda.

É interessante observar como o curso está conquistando outros espaços. O público sugere levar as oficinas para outros locais e criar outras parcerias com a educação que resiste, existe e pulsa sobre novas perspectivas. Os cursistas convidam os ministrantes para irem em suas escolas, levarem essas práticas para dentro de seus próprios contextos

escolares. E os ministrantes também oferecem seus espaços possíveis de educação, como é o caso da proprietária do Sítio Reino Animal, Kátia Pereira, que ofereceu seu espaço para as educadoras levarem as crianças.

Além disso, os professores participantes também sugeriram a publicação de todo o material gerado nas oficinas em forma de exposição, se espalhando pelos espaços na cidade, como praças e outros locais públicos. Encontrando outras formas de espalhar esse cotidiano e abrindo novas possibilidades.

Nesse ano, o Coletivo adquiriu equipamento fotográfico e por esse motivo a intensidade dos registros de minhas escritas no caderno de campo diminuíram um pouco, me debrucei para os olhos da câmera, esse processo se iniciou quando Milton Hatoum veio a Sorocaba. A necessidade de aprender e trabalhar com algo desafiador me chamou a atenção. No início foi muito difícil conseguir capturar os ângulos, focos e melhores posições, mas com o tempo e prática pude descobrir outros olhares, os olhares dos pequenos detalhes, das mãos, dos pés, objetos estéticos utilizados nas oficinas e suas cores. Hoje, a minha visão fotográfica se ampliou com essa experiência, e o gosto pelos registros também.

O curso Criança e Natureza, assim como esse material fotográfico se encerrou em dezembro de 2018.

Tecendo cotidianos possíveis III: Caleidoscópio sensível Eder Proença

Buscar entender, de maneira diferente do aprendido (que já sabemos não dar conta do que buscamos), as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano de modo geral, exige que estejamos dispostos/as a ver além daquilo que outros já viram e muito mais: que sejamos capazes de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade, captando sutilezas sonoras, sentindo a variedade de sabores, tocando coisas e pessoas e nos deixando tocar por elas, cheirando os cheiros que estão em cada ponto de nosso caminho diário e aprendendo a ler o corpo, este desconhecido que tantos sinais incompreensíveis nos dá. (ALVES; GARCIA, 2002, p. 261)

Educar para envolver, dar continuidade a uma parceria que vem sendo estabelecida entre um grupo de estudos e o Sesc-Sorocaba. Dar continuidade, buscar modos conjuntos de criar e oferecer para a comunidade a educação do

fazer possível, do fazer acontecer, por meio de atividades alternativas diversas, do encontro entre meio ambiente e educação, criança e educação.

Criança, crianceria, habitar o chão e tatear os muros da escola, pés, mãos, ocupar os espaços escolares, ouvir o som das paredes, dos corredores, das lousas, bancos e carteiras, ir ao encontro de tantas outras pessoas, não apenas professores, mas ir ao encontro de todos aqueles que fazem parte desse movimento educação, merendeiras, bibliotecárias, estagiárias e assim por diante.

A escola pulsa, você consegue sentir? O curso de Formação para Educadores inicia novamente uma jornada de sensações. De início uma rica troca, alunos, alunos que contam histórias e dialogam com os educadores, os encantam, os captam pelos olhares sutis e sensíveis, coisa de gente pequena, coisa de envolvimento. Ver ou transver. Vestem roupas extremamente coloridas, delicadas, com sorriso no rosto transparecendo a alegria de estar ali, fazendo parte daquela ação, daquele dia. O tremor ocasional das mãos logo se esvai em uma piada e tudo vira gargalhada, tudo vira infância novamente. Guarda chuvas e fitas coloridas, tecido de chita no chão e algumas frases e perguntas para soltar pensamentos. Os barbantes carregados de imagens, também utilizados por Eder em sua defesa, manifestam uma tese pulsante de sensações profundas, no corpo pele que o habita, e que não exita em compartilhar seus atravessamentos, sua luta e modo de estar neste mundo. O artivismo para suportar o insuportável. O corpo como campo de batalha. A pedagogia do subterrâneo (PROENÇA, 2017) como provocação para ver e ouvir o cotidiano escolar, criar novas experimentações, dar outros sentidos e significados. Os olhares sensíveis para transver o mundo. Ou as micropolíticas que reinventam a forma de ser-em-grupo. Um Parque da Paz no meio da cidade, no meio da escola, 'A Floresta e a Escola e Ecologistas', de Marcos Reigota, 'As três ecologias', de Félix Guattari, 'A queda do céu', de Davi Kopenawa, entre outros, maneiras de dialogar com o fazer, o encontrar sentidos nas ações, de causar reflexões para novas formas de

viver em grupo na contemporaneidade.

O grupo de educadores, sempre muito coeso e dinâmico, se joga na roda e abraça todas as atividades propostas. Os professores-pesquisadores-artistas, sabem que podem ousar, inventar, criar em coletivo. Vivendo as questões do cotidiano escolar por um viés ético-estético-político. Cada pessoa é afetada e atravessada de uma forma pelos tantos estímulos que recebem e apresentam contribuições ímpares e muito significativas para a construção de um pensamento que se fortifica, que se consolida dentro e fora dos cursos, para que os olhares no espaço-tempo da escola sejam de alerta e valorização do que ali sugere. É o que Eder afirma em seu relato, e dá continuidade dizendo das sensibilidades dos encontros à flor da pele, por meio das poesias, fotografias, experimentações artísticas com o corpo.

Existe uma troca profunda e diálogos extremamente potentes se desenvolvendo a todo instante, os educadores se sentem à vontade para trazer e discutir seus cotidianos de escola. Os movimentos de força crescem a cada segundo, a cada emoção, a cada lágrima, a cada sentimento de gratidão que surge. É simples ouvir, ver abraços, que sabemos que continuarão reverberando para fora do curso, é simples ouvir, ver a exploração dos sentidos gerando tanto desejo, vontade de fazer acontecer, driblar as dificuldades cotidianas.

As perspectivas ecologistas de educação para criar práticas pedagógicas que possibilitem pensar a infância, pensar sobre construir uma educação outra, uma escola pulsante e possibilitadora.

No final de seu relato de experiência, Eder nos contempla com algumas perguntas que delineiam os movimentos das possibilidades:

Qual o sentido de oferecer às crianças de 4 e 5 anos sempre os mesmos materiais, chamados escolares? É possível inverter essa lógica, levando para a sala de aula outros objetos como carretéis de barbantes, caixas de papelão, canos de PVC, bobs de cabelo, pinhas de árvore, fitas coloridas? Outras construções podem ser observadas? O que, ou que olhares

pode ser capturado pela criança com uma câmera fotográfica na mão? Quais sentidos de paz as crianças podem construir a partir de um livro que não é infantil e o encontro com um professor doutor? Como perceber o corpo casa que nos habita? Que emoções podem ser resgatadas ao realizarmos uma imersão pela criança que carregamos em nós? O que cabe na linha de nossa existência? Quais as sensações que experimentamos ao produzir artefatos artísticos, ou quando caminhamos por uma floresta no meio da cidade? Conseguimos nos desconectar da vida ou do mundo que nos habita? O silêncio nos causa medo ou nos diz algo sobre a força da natureza e nos conecta com o universo? (Eder, relato de experiência, 2018).

É por meio desses questionamentos que o curso de formação para educadores, Criança e Natureza acontece, buscando o diferente, alternativo, educação que continua a reverberar por entre os espaços, ocupando, provocando, produzindo formas outras de se pensar educação, de se olhar para a educação. Estamos/somos impregnados de devires, devir infância, devir pássaro, devir árvore, entendendo que nunca nos tornaremos infância, pássaro ou árvore, mas que é possível extrair a força de seus movimentos de liberdade, e de tudo aquilo que os fazem transcender, existir, assim como é possível também extrair a força de cada encontro e experiência vivida nesse curso.

Tecendo cotidianos possíveis III: Exercícios de rianceira Ana Cristina Baladelli

Devir-criança não é tornar-se uma criança, infantilizar-se, nem sequer retroceder à própria infância cronológica. Devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, entidades, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas, algo sem passado, presente ou futuro; algo sem temporalidade cronológica, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (DELEUZE; PARNET, 1988, p. 10-15)

Imagens, pinhas de árvores, pedras, tintas, massinhas, bobs de cabelo, bolinhas de gel, botões, guarda-chuva colorido, fitas dependuradas no teto, conchinhas, almofadas brilhantes, lápis de variadas cores, poema 'Vai já pra dentro, menino', de Pedro Bandeira.

Nessa oficina, vou além do narrador, me entrego, decido deixar-me ir mesmo querendo registrar todos os

movimentos, inclusive os meus. É como se dentro de mim existisse um embate entre registrar e viver, mas também sinto que talvez, o registrar é viver - em meio aos registros também faço parte das vivências, talvez de um modo diferente, mas faço. Aqui, procuro deixar a câmera de lado, literalmente, tento chegar mais cedo para registrar todos os artefatos utilizados, que sei que são incomuns, mas penso comigo, agora quero sentir, quero voltar a ser criança, de novo.

Um pedaço de papel é entregue a todos os educadores presentes e recebemos a proposta de desenhar, utilizando lápis de cor, a infância que nos remete, o que lembramos de nossas infâncias, de nossa criança que tanto ainda nos habita, mas que muitas vezes parece estar engessada, escondida, com medo de vir à tona. Um balanço no meio do sítio, uma bola, uma menina pulando corda, ou amarelinha, um sítio de vô em Riversul, uma árvore, câmera, videogames. Para cada adulto, um ser criança. Escolho fazer um desenho que sempre me vêm à memória, mas não tanto ao coração, devo ter aprendido quando era pequena e ficou automático, mecânico, um menino e menina feitos de palitinhos, uma casa com as duas portinhas e a fumacinha saindo da chaminé, as aves no céu, as nuvens, e o sol. Foi proposital, esta é a imagem que talvez querem que tenhamos, mas sabemos que o que sentimos ao falar infância, ou criança, vai muito além.

Cada professor fala um pouco do que sente, do que trouxe para o papel, muitos se emocionam, declaram saudades, os olhos se enchem de água, é como se estivéssemos todos brincando de voltar para um tempo a partir das sensações.

“É como se eu estivesse escolhido ser professora, pra viver a infância alheia.”

“Criança é aquela pessoa preocupada em criar, independente da forma.”

“O tema gera dor, a tempestade de ideias estão nas nossas frentes.”

“Criança é artista, é ultrapassar a palavra, inocência, ser livre criança é ser natureza.”

“Criança, bagunça, presença, inocência.”

“Sensibilidade, somos todos crianças”

Nós nos entregamos a essa vinda, brincar no teatro, de teatro, de pintar, criando. Saímos despojados da rigidez adulta, tomamos um banho de cores, todos pintados, nos jogamos, imersos ao entrar na brincadeira. Há quanto tempo não nos permitíamos “entrar na brincadeira”, nos sujarmos, mas mais do que isso, utilizar elementos diferentes para conversar / pensar a educação, sair do comum.

Nesta oficina, Ana traz objetos extremamente alternativos para serem explorados, experimentados, criados, registrados, brincados, inventados, em todas as possibilidades, para em seguida gerar um ambiente de diálogo sobre essas experimentações e sua importância significativa no cotidiano infantil. Além disso, existem os registros feitos pelas próprias crianças. Que imagens surgem quando você deixa uma câmera na mão delas? Quais são os ângulos explorados? E quais não são explorados? E quando você deixa uma câmera nas mãos de professores de educação infantil?

Abaixo, palavras escritas por Ana Cristina, ministrante, que escreveu uma poesia como forma de contar seu relato.

Essas palavras resumem a minha observação e experiência com os adultos em minha oficina, o desejo e a vontade de experimentar tudo, sempre com os limites que as crianças insistem em quebrar, resistindo as forças que vivem, infelizmente dentro do adulto.

**Vivenciar...
Experimentalar...
Adultos num momento de paz interior
Encontro com a alma
Dita,
infância...
Será que “adultizamos”?
E como num pirlim pim pim...
Esquecemos a infância?
Conjunto de
tantas coisas...
Sensações,
Sabores,
Odores,
Cores,
Flores,
Lembranças...**

**Não, não esquecemos
Existe isso de esquecer?
Ela está lá...
Num cantinho seu,
coração...
paladar...
olfato...
Memória
E num momento assim,
Vivenciando...
Experimentando...
Outras possibilidades...
A infância respira,
Aliviada,
De dentro de você,
Criança!!!**

Tecendo cotidianos possíveis IV: Cenas sensíveis Renata Ferreira

Nós também somos forças que atuam em outras forças. Quando atuam em nós lhes atribuímos, na medida em que sofremos suas ações, um sentido singularizado. Há encontros que nos forcem a desorganizar modos conhecidos de viver e pensar. Isto nem sempre é tranquilo, pode ser estranho e angustiante. Eis a vida. Um movimento, uma sequência de enfrentamentos sem paradas. A vida acontece aí, de forma complexa, onde os dados podem ser tomados como forças que afetam o sujeito de diferentes maneiras e perturbam a conhecida organização que denominamos "eu". (SANTOS; SILVA, 2015)

Corpo no palco. Em gerúndio cênico, em processos criativos, em montagens de solos. Feliz, muito feliz, extremamente feliz, feliz até se cansar. Triste, muito triste, extremamente triste, triste até se cansar. Exercícios de movimentos para conhecer o espaço novo em que se toca, habitar o espaço, dançar, se movimentar, andar rápido, e depois devagar, percorrer o palco vida. A narrativa se perpassa pela capacidade de o corpo exercer alturas, começando debaixo, do chão e subindo, subindo, até se des(enrolar), ou enrolar-se uns com os outros em uma dança contínua de subir e descer em cinco tempos. Um, o corpo começa a acordar, sentindo as pequenas necessidades de movimento. Dois, o corpo começa se movimentar, olhando para os lados, reconhecendo o ambiente. Três, o corpo vai se desenrolando, feito novelos de linhas se abrindo e se soltando de outras parceiras linhas. Quatro, o corpo está quase normal, mas ainda existe algo que o segura e diz, não, ainda não é chegada a hora, paciência, deixa existir paciência. Cinco, finalmente, o corpo sabe que pode crescer e se jogar na sala, no espaço tempo, sabe que pode se acomodar em sua amplitude normal, ufa. E agora por ordem decrescente, cinco, quatro, três, dois, um, chão, terra, duro, impacto, fim ou começo.

Improvisar, inventar com a mímica em jogo, não planejar, deixar vir, escuta, jogo, comunicação não verbal. Educadores em cena, um palco para teatrar, um filme para representar com os olhares e expressões, um filme para se

doar. Uns riem, outros choram, outros não conseguem se concentrar na ação, todo mundo te olhando e fitando cada gesto, tentando desvendar o que se passava na cena. Mas não são apenas de encenações somos feitos, Renata traz o conceito de afetos por entre as improvisações, por meio do teatro, fazendo pensar e pulsar pensamentos de possibilidades com o corpo inteiro. Dos afetos que potencializam a força de fora e dentro, dada as provocações, durante o percurso de per(formar), o ato artístico é expressão, entre as narrativas por meio de gestos, dramaturgidas em silêncios, presença na cena educativa.

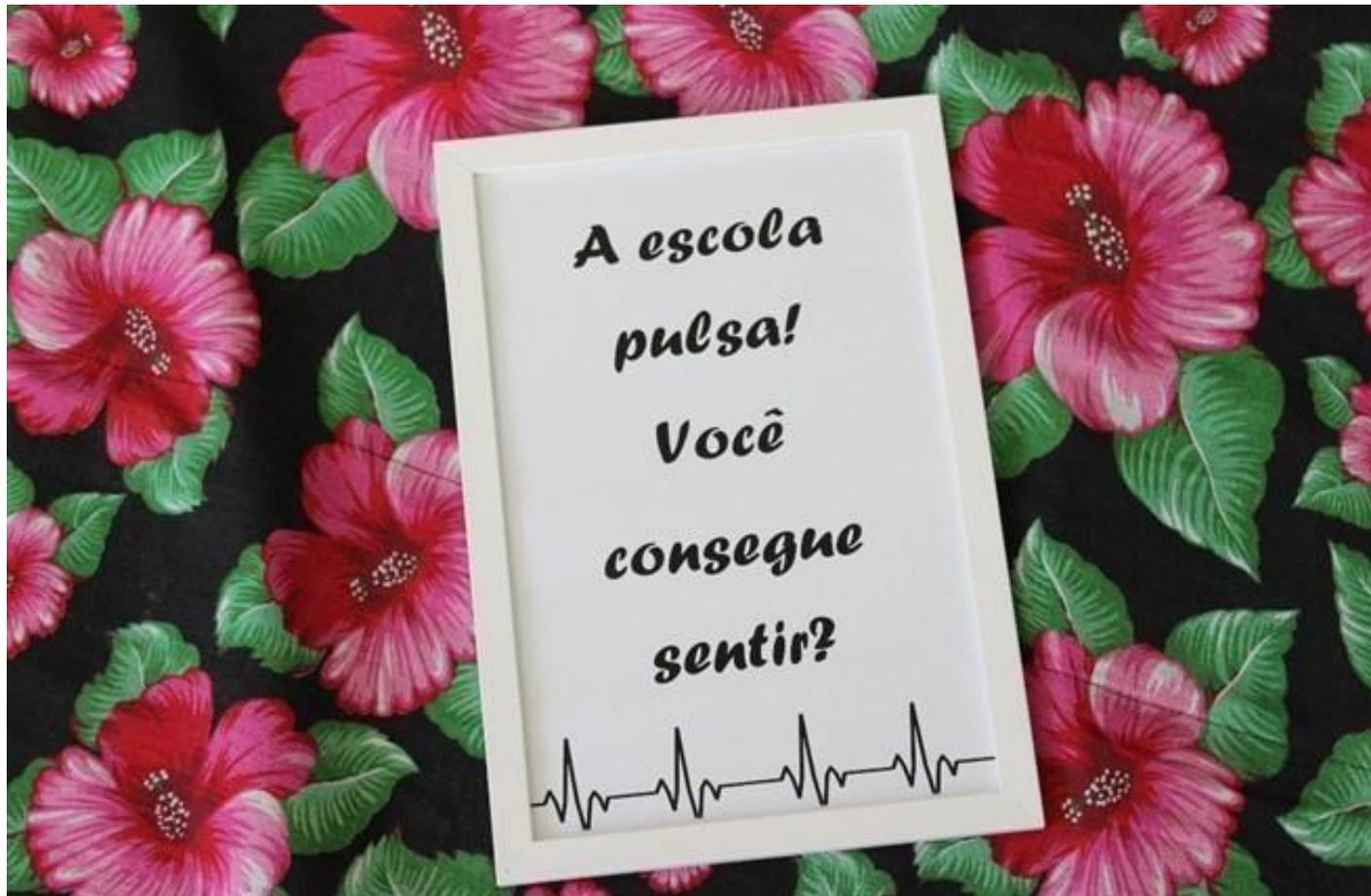
De acordo com Renata Ferreira em seu relato de experiência, escrito em 2018:

Trabalhar com este grupo foi muito especial. Pude experienciar um grupo muito afirmativo, ou seja, que não foca na "lamúria" ou na "falta", mas sim na alegria da afirmação da vida. Participar no meio do processo já é colher um pouco do que vem sendo construído.... Percebi um diferencial... uma abertura para o novo, para a experimentação, inclusive para mover o corpo... o que muitas vezes é muito difícil. Optei por trabalhar o gesto a partir da mímica. Eu me perguntei após uma vida ligada à educação o que restava de tantos professores e professoras que encontrei na longa jornada como estudante. Cheguei numa espécie de ruína, fragmentos de modos de ser e mover, gestos. "Nós somos o produto dos gestos que nos carregaram, ninaram, olharam, e que nos constituíram num dado ambiente" (LAUNAY apud LIMA, 2013, p.108) assim como também as ausências destes gestos. Falar em gestos é falar de relações, desejos, perspectivas e contextos. Meu interesse é uma mudança de perspectiva sobre coisas que são muito próximas e familiares: Quando olhamos nossos professores vemos, de fato, uma forma de ser e ocupar o espaço. Como olha? Como se endereça? Como toca? Como "dá" a aula? Afinal, o que pode um gesto de um(a) professor(a)? (Renata, relato de experiência, 2018).

E o que pode um gesto de um professor formador? E o que pode um encontro com o Coletivo Ritmos de Pensamento? E o que pode o mundo nos oferecer para o mundo voz, sim, voz das crianças, língua de brincar, estudantes.

Pode um muro rígido ser desconstruído por meio de encontros e desencontros na educação, como formas outras de se vivenciar o cotidiano escolar.

Curso de formação para educadores 2018



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Infância e artes visuais. Oficineiro: Eder Proença.
Arquivo pessoal. 17/08/2018 e 18/08/2018



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Infância e artes visuais. Oficineiro: Eder Proença. Arquivo pessoal.

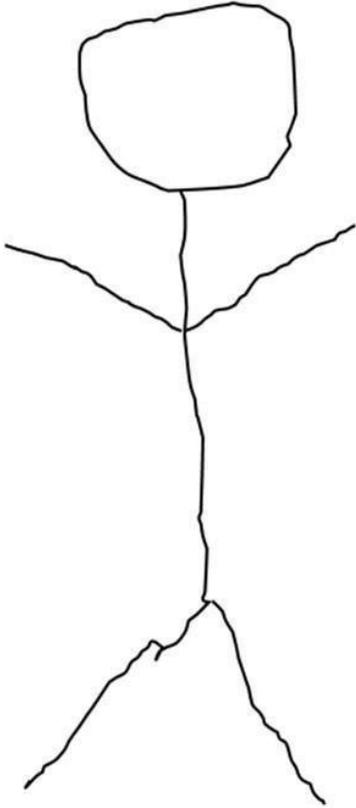
crianceiras,
Caleidoscópio poético,
ideias arroladas nos encontros,
captação de querereres, passagem de
um espaço comum para o outro,
origamis, pontes, reinvindicação,
mensagem política e pedagógica e
estética e.
Multiplicar possibilidades,
multiplicar pensamentos, cotidianos.



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Infância e artes visuais.
Oficineira: Ana Cristina. Arquivo pessoal. 24/08/2018 e 25/08/2018

**ONDE MORA O BRINCAR DENTRO DE
NÓS?**

**MORA DENTRO DE MIM, UÉ
MORA LÁ NA MINHA INFÂNCIA
MORA NA ZONA RURAL
OU NO SÍTIO DA VOVÓ
OU DO TITIO
MORA EM MINHA INQUIETAÇÃO**



MORA EM MINHA SENSACÃO DE LIBERDADE

NA VONTADE DE MAR

MORA EM MEUS DESENHOS E PINTURAS

NAS CORES DOS OBJETOS

MORA NO ABACATE

MORA NA PARTILHA

E NA COLHEITA TAMBÉM

MORA EM MIM

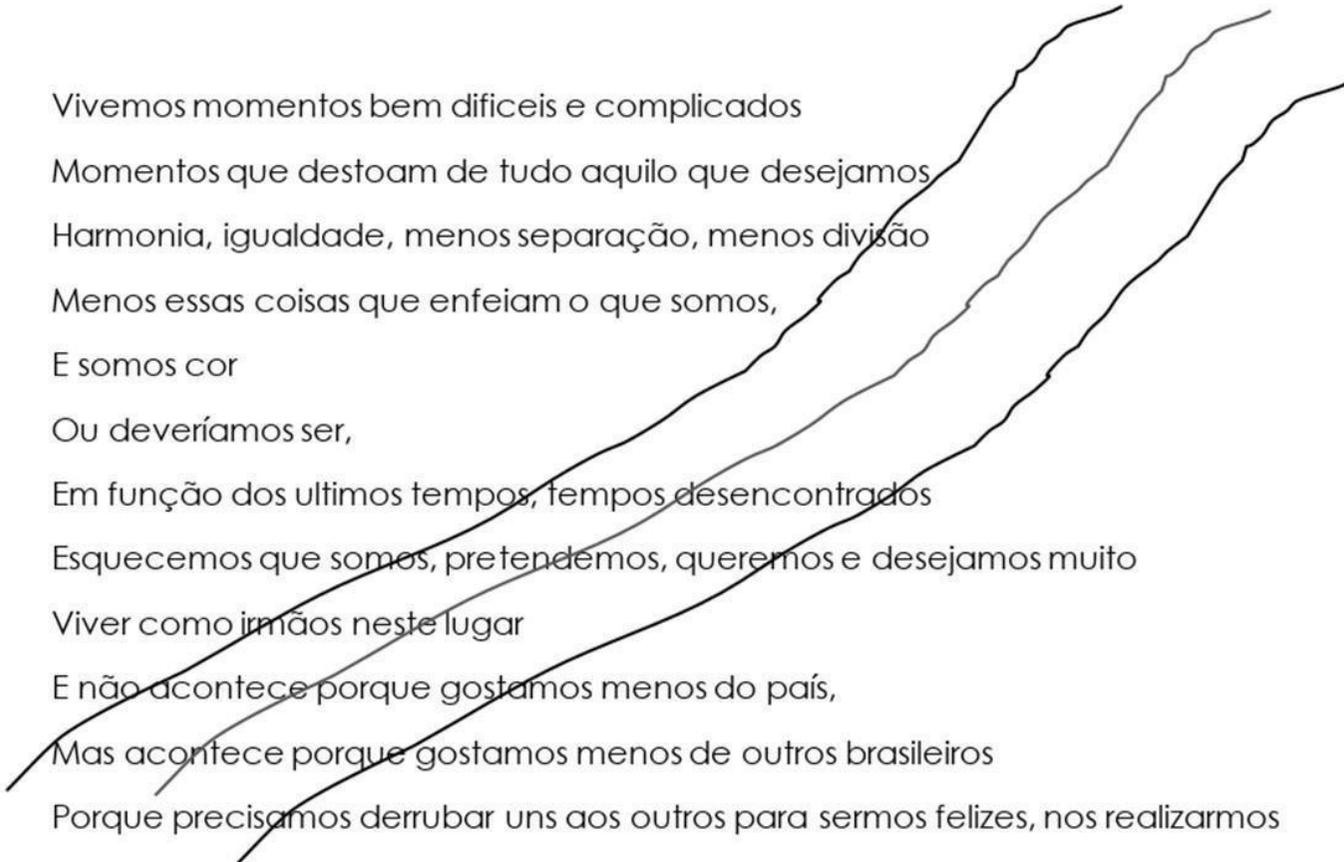
EM NÓS

MORA EM TODOS NÓS.



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Imagens, natureza e cotidianos escolares.
Oficineira: Alik Wunder. Arquivos pessoais. 31/08/2018 e 01/09/2018.

Somos um coletivo ou não seremos nada



Vivemos momentos bem difíceis e complicados
Momentos que destoam de tudo aquilo que desejamos
Harmonia, igualdade, menos separação, menos divisão
Menos essas coisas que enfeiam o que somos,
E somos cor
Ou deveríamos ser,
Em função dos últimos tempos, tempos desencontrados
Esquecemos que somos, pretendemos, queremos e desejamos muito
Viver como irmãos neste lugar
E não acontece porque gostamos menos do país,
Mas acontece porque gostamos menos de outros brasileiros
Porque precisamos derrubar uns aos outros para sermos felizes, nos realizarmos
Não pensamos como coletivo, pensamos como indivíduos
Porque caímos nos contos da individualidade,
Meritocracia

O conto de lutas, disputas, pessoas brigando umas com as outras

Para provar quem é mais competente

E nós, conseqüentemente, entendemos esse discurso que de fato uns são melhores que os outros, merecem mais que os outros,

~~Mas isso é uma enganação, é um engoto~~

~~Mas o que buscamos não se dá pela concorrência, poder mais, ser mais,~~

~~Trata-se de manutenção de poder, luta de classe, de uns que possuem muito,~~

~~Contra aqueles que não têm nada, e que são mantidos lá embaixo~~

~~Precisamos parar de nos perceber como não iguais, não irmãos, não fraternos~~

~~Precisamos criar coletivos, potentes, fortes.~~

Palavras de Daniel Munduruku



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Eco/poéticas da natureza. Oficineira: Amanda Leite.
Arquivo pessoal. 31/08/2018 e 01/09/2018

Como habitar a casa do ser menor?

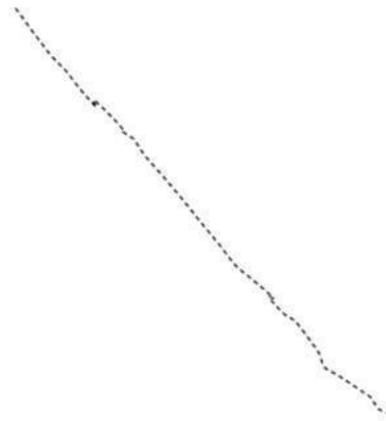
A casa das micropolíticas

A casa das micro *ações*

Das micropotências

A casa das micro possibilidades

Micro resistências



Penso eu, que é na casa do ser menor

Que os grandes brotam na terra

Os campos estão bem semeados

Há chuva para aguar pensamentos

E encontrar outras possíveis ações

Não é preciso ser grande para fazer acontecer

Fazer pensar

Fazer crescer

Mas cê tem certeza?

Como pode ter tanta

certeza disso?

Meu colega, eu tô vivendo disso

Da luta

não tá fácil não

Mas nem por isso eu vou desistir

Tem que ser firme

E não deixar cambalear

Nem pensar, nem pensar



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Experiências outras na educação infantil. Oficineira: Carmem Machado.
Arquivo pessoal. 14/09/2018 e 15/09/2018

(CARTOGRAFIA) **DO (CORPO)** (CASA) Substantivo feminino

1. Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas.
2. Descrição ou tratado sobre mapas.

(Corpo) ô/ Substantivo masculino

1. ANATOMIA GERAL: Estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal), englobando suas funções fisiológicas.
2. ANATOMIA HUMANA: Na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros.

Por Extensão: tronco, parte central da estrutura anatômica de um homem ou de um animal.

3. COMPLEIÇÃO FÍSICA: "era ainda um rapaz, mas já tinha c."
(Casa) substantivo feminino

1. Edifício de formatos e tamanhos variados, ger. de um ou dois andares, destinado a habitação.
2. Família; lar.
3. Conjunto dos membros de uma família.



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Construção de subjetividades. Oficina: Veronica Hoffman.
Arquivo pessoal. 26/10/2018 e 27/10/2018.

AS MARCAS QUE O OUTRO DEIXA EM MIM, NÃO FICA SÓ EM MIM, PASSA PARA OS OUTROS, PARA AS MARCAS QUE DEIXO NOS OUTROS, CADA UM TEM SUA FORÇA, CRENÇA, RAÍZES, MINHA ESSÊNCIA É PRIMAVERA, A GENTE NÃO SE COLOCA COMO SE A GENTE FOSSE DA NATUREZA, A GENTE SE ENVOLVE POR UM PERTENCIMENTO, ESTAMOS AQUI, AGORA, SÚTIS, NOS CAMPOS E ESPAÇOS, NAS RELAÇÕES COM OS OUTROS, E COM NOSSOS PRÓPRIOS OUTROS TAMBÉM, CONHECENDO GENTE, E CONHECENDO A GENTE, VIVOS, CAMINHANTES, TERRENOS, CONECTADOS ENERGÉTICAMENTE PARA ALÉM DA MATÉRIA, PARA A ALMA CAMINHANTE, PARA DENTRO CAMINHANTE, SEGUIMOS FIRMES.



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: A natureza na e da criança. Oficineira: Kátia Pereira.
Arquivos pessoais. 30/11/2018 e 01/11/2018.

**Re(construção) de práticas
educ(ativas) Sensibilização,
auto(conhecimento)
Tempo/espço cotidiano escolar
Tempo/espço natureza
Ess(ên)cia
de(vida) Dos
humanos**



Curso: Educação pelo envolvimento – criança e natureza. Módulo: Experiências outras na educação infantil.
Oficineira: Renata Ferreira. Arquivos pessoais. 19/10/2018 e 20/10/2018.

Qual o lugar do gesto na educação infantil?

Aquecimento

Escuta, Jogo e comunicação não verbal Criação a partir de Dramaturgias do silêncio O corpo como potência

expressiva Aquecimento

Unidades de ação, máscara facial e dinâmicas do movimento.

Criação a partir de Dramaturgia do silêncio Partilha

REGISTRO DO FIM, E SERIA RECOMEÇO, E SERIA, O COMEÇO...



Os recomeços do começo. E. M. "Profª. Maria Domingas Tótor de Góes" Arquivos Ritmos do Pensamento. 02/12/2018.

Ritmos de Pensamento

Ritmar

Ritmar, repensar, respeitar, ressignificar

Pulsar vida e amor por onde passar

Se permitir, me permitir, questionar, áíáíáíá

Ritmar

O indígena, o quilombo a lutar

A transformar Oooh Pedra Branca, me deixa passar,

deixa a energia das pedras no ar, deixa no ar, deixa no ar

Ritmar

É Bené é Brandão elaiá

É a arte no rio a pulsar, ondas do mar aiá yemanjá

Poesias, poemas, estrofes a movimentar

O fim do mundo a se adiar, deixa adiar, deixa adiar, eixa aiá

Ritmar

É se sentir onde se deveria estar

É pensar no pensar, no viver

É se conectar

Com a natureza, com a vida, com os ancestrais, os artistas

Ooh, Ritmar gratidão

Se encontrar, se inspirar, se identificar

Educar para libertar⁴

⁴ Música de minha autoria criada em 2017, disponível na leitura e voz de Bené Fonteles, no pen drive.

3.6 Ritmos de outrar-me

Me encontro sobre começos poéticos e artísticos de ser, com olhar dançante, que vibra perante as experiências, movendo-se sempre em direção a uma metamorfose própria de pensamentos e comportamentos, constituindo-me, construindo-me, incorporando-me e criando uma aproximação mais íntima com meu campo de estudo, mas também, comigo mesma, minha vida, o eu como sujeito em resistência e minha perspectiva de mundo.

Ritmos de pensamento, orquestra pulsante de cordas, tambores, harpas, notas, jongos, timbres, percussões, sinfonias, clarinetes, apitos, flautas, polifonias e sons melódicos da natureza que criam dimensões outras e ressoam por onde passam, realizando rasgos sonoros. Paleta de cores vibrantes, pincéis, quadros e aquarelas, luscos fuscos que pincelam ritmares sob os seres o qual toca. Coreografia do corpo e da alma, compondo a sincronia de danças ritualísticas, cênicas, que preenchem os espaços inocuados do ser. Fotografias interventivas expostas carregadas de significares e histórias, registros de sintonias, emoções, sobre uma superfície preparada ou tela, captando o existir de vidas singulares. Artes cênicas da vida cotidiana, diálogo entre as dimensões da pesquisa acadêmica e diferentes áreas de cultura, arte e educação, criando encenações com os pensamentos ecologistas. Conexões outras, expressões multidisciplinares da arte no contexto acadêmico, hiatos afetivos, rizomas no andarilhar sobre locais distintos cartografando e criando com o ser-em-grupo, desenvolvendo assim produções diversas.

Percebo uma sonolência em meus antigos trajetos, sonolência para arte, cultura, educação e a enorme conexão existente entre esses seres repletos de significados. Agora, desperta, dentro de um grupo de pesquisas, transmuta em toques, interações, matéria, tecendo um ressignificar incessante.

Em uma universidade comunitária, sou apresentada a conhecimentos teóricos, autores e estudiosos relevantes, desenvolvendo o pensar sobre o fazer, sobre a prática, sobre as nossas práticas.

Caminho assim dentro de outra dimensão, uma dimensão estética, composta por expressões, sentimentos, sonhos; caminho sobre mim mesma e me vejo em cada tom. Sinto-me simples, humana, à vontade, sinto que me torno eu, um pouquinho mais a cada obra, música, dança, ritual e apresentação. As palavras sobre as cores tomam ainda mais vida, atribuem mais significado. Que significado? Que sentido? O que você vê quando está diante de uma arte? Vejo aquilo que existe dentro de mim, do meu ser, minha alma, interpreto de acordo com os meus sentimentos, minha história, minha vida e principalmente minhas relações. Ver não somente com os olhos, mas ver com o interior, ver com amor, não são apenas cores passageiras de uma tarde de inverno, não são apenas cores passageiras. São cores que se comunicam com aquilo que há dentro de mim, de nós como grupo.

Encerro esta narrativa com uma citação de Bené Fonteles:

Quando encontro algo que me alumbra, ele deixa de ser um objeto e ganha aura transcendente. Sinto um pertencimento antigo como se aquilo sempre tivesse sido parte de minha história. Deixo-o guardado em algum lugar e muito mais na memória afetiva, até que ele amadureça e possa ressignificar-se e ressignificar uma situação vivida intensamente e que preciso transmutar. (FONTELES, 2017).

Vivências, ressignificações, ciclos, afetações, memórias, encontros, trocas, afetos, descobertas etc. A todo momento esta pesquisa andarilha por estes acontecimentos, reforçando a potência de seus caminhos. Jacques Derrida (2001 apud CARVALHO, 2016) caracteriza o acontecimento como algo separado do possível controlável, aquilo que ocorre surpreendendo, que ocorre sem prévia de expectativas e toda a planificação possível, faz pontes de pensamentos e conexões com a maioria

dos eventos desta pesquisa, uma vez que aconteceram de modo inesperado, por meio da experimentação.

Barcena (2004, apud CARVALHO, 2006), afirma que todo acontecimento rompe com algo anterior, surgindo dessa ruptura uma novidade radical, um certo começo. Em segundo lugar, o acontecimento se passa sempre no aqui e no agora, o que irrompe, por surpresa e de modo imprevisto, numa situação particular.

Odo Marquard (apud CARVALHO, 2006) sublinhou um aspecto central do acontecimento: sua dimensão narrativa. Ele defende que como humanos, temos de narrar nossas histórias, porque somos as histórias as quais somos feitos, e elas precisam ser narradas. No meio de um imprevisto também surge uma história e digamos que elas não são predizíveis, quando algo inesperado não ocorre, elas são predizíveis, e trazer narrativas com elas cereceria de interesse.

Assim sendo, vivendo e configurando o imprevisto desta pesquisa, juntamente com a utilização de narrativas, podemos dizer que o acontecimento pode ser objeto de narração, e não de explicações dos fatos. (MARQUARD, apud CARVALHO, 2006).

4 IDAS E VINDAS: ENCONTROS COM OS OUTROS

Dou início a este capítulo por meio de uma passagem:

A palavra Ubuntu possui diversos significados, mas dois deles são os mais citados nos mecanismos de pesquisa, são eles: "Humanidade para os outros" ou "Sou o que sou pelo que nós somos". É uma palavra paroxítona, que se pronuncia uBUNtu (de forma figurada seria algo assim: ubúntu). Ubuntu é uma antiga palavra africana e tem origem na língua Zulu (pertencente ao grupo linguístico bantu) e significa que "uma pessoa é uma pessoa através (por meio) de outras pessoas". (MUNDO UBUNTU, 2012)

Encontrar com os outros não é apenas sobre corpos que espontaneamente se esbarram na leveza da coincidência e do estado de ir e vir. É que cada encontro gera algo, sempre irá gerar. Não se pode fugir da realidade transcendente dos encontros, eles fazem parte de nós, como nós fazemos parte deles. Pode ser que eu nunca mais encontre, pode ser que eu encontre, pode ser que.

Como parte de caminhos de um cartógrafo, apresento, costuro, desenho alguns de diversos espaços em que pude estar, presenciar, aprender, e que de certa forma colaboraram para a pesquisa e não deixam de ser potências para a a mesma.

4.1 Perspectivas ecologistas: mundos possíveis

No primeiro semestre de 2018, participei de uma disciplina chamada "Cultura, meio ambiente e educação escolar I", com profissionais de diversas áreas, o que tornou o grupo ainda mais enriquecedor e significativo, por ter uma maior

diversidade de pensamentos e afetações diante do que nos era apresentado. Durante esses encontros, éramos **provocados** o tempo todo a trocar nossas experiências, apresentando as ideias e questionamentos. Os assuntos eram discutidos, investigados e explorados por todos os colegas, independentemente da quantidade de pessoas presentes no momento. Nos seminários em que estive presente, pude ouvir/dialogar com as teses e dissertações que eram apresentadas, buscava escrever tudo em meu caderno para não perder nenhum detalhe e dialogar futuramente, com o pensamento de minha própria pesquisa, a todo momento uma palavra pulsava em mim, cotidiano.

Uma das características ímpares da disciplina de Marcos Reigota é o momento das conversas, diálogos com a pesquisa do outro. A cada dia um de nós apresentava sua pesquisa, contava os trajetos pelos quais caminhou e todos os presentes tinham que desenvolver perguntas sobre o que fora apresentado. Tais perguntas não precisavam ser respondidas naquele momento, o pesquisador que estava apresentando poderia responder depois, ou responder dentro de sua própria pesquisa. A cada movimento de ir e vir nesse coletivo, sentia como minha visão sobre a educação mudava, ficava maior, e percebia ainda como isso impactava minha relação com as perspectivas ecologistas.

Nesse sentido de ir ao encontro de pesquisas outras, pude entrar em contato com os estudos e pesquisa do professor Kleber Trevisan, que finalizou seu mestrado em 2010 na Universidade de Sorocaba e atualmente é aluno de doutorado, orientado por Marcos Reigota. Ele desenvolveu a pesquisa "A trajetória de um curso em Sorocaba: da Escola Superior de Educação Física à Faculdade de Educação Física da ACM, Ano de Obtenção: 2010.", lembro-me das palavras que mais me marcaram em sua trajetória, quando ele diz: "Eu não queria estudar, queria qualidade de vida, queria dinheiro". Esse foi um dos motivos que levaram Kléber a fazer o mestrado. Neste momento lembrei-me de uma fala de Marcos Reigota em uma das primeiras aulas que nos encontramos, "Vocês não estão aqui para ter alguns zeros a mais na conta, se vieram aqui para isso, estão no lugar errado." A partir disso se inicia uma discussão sobre os marginais ou aqueles que

vêm das margens e o modo em que a pesquisa e o pesquisador se aproximavam dos pensamentos de Paulo Freire.

Marcos Reigota sempre tem sido um disparador de questionamentos para todos os pesquisadores e estudantes, por mais que eu não tivesse apresentado minha pesquisa por ela estar em andamento, conseguia sentir que todas as suas contribuições, questionamentos / diálogos com a pesquisa do outro, também servia e muito para meus pensamentos. Dizia da trajetória de cada pesquisador, o ponto de partida, o princípio do porvir como potência para atribuir força ao pesquisar, o "eu" como sujeito, as minhas próprias vozes, os limites da narrativa e suas tantas provocações, o movimento de tornar-se algo a partir do movimento de aproximar-se de outro algo e a condição de não ser o mesmo após isso suceder, como exemplo estão as leituras que são feitas e que nos marcam e guiam para esse processo de tornar-se pesquisador, ético. Sabia que ao final da apresentação do colega tínhamos um momento de perguntas, por isso sempre fui dialogando internamente com a narrativa da pesquisa que o outro apresentava.

Partindo do princípio de que Kleber está em contato com alunos que na maioria das vezes chegam exaustos fisicamente por trabalhar o dia todo, pensei no que dificulta o manter da atenção e foco em um único espaço e lugar. Perguntei ao Kléber como ele se via em seus próprios alunos, e como não se via. Quais seriam as relações afetuosas com os mesmos e o que essas relações provocavam nele.

Outro trabalho cuja apresentação tive a oportunidade em presenciar foi o de Carmem Machado, intitulado "Inspiração, conteúdo e leveza: Pina Bausch adentra o cotidiano escolar.", o qual deixou forte em mim um único sentimento, resistência, que inclusive me inspirou a escrever o texto "Resistir para existir" que também se encontra nesta dissertação. Percebi que a resistência faz parte de Carmen como pesquisadora e, naquele período, como Secretária da Cultura.

Em minhas anotações divago em pensamentos, resistir já faz parte dela, de sua vida, ir contra, nadar, ou melhor,

dançar contra a corrente e o sistema já é sua prática. Depois, corriji, decidi nadar com a corrente, a corrente das pedagogias impostas, é neste ambiente que esbarramos em visualizações outras, de nos encontrarmos no nosso espaço de luta. E finalizo escrevendo em letras maiúsculas e grifadas, essa é a pedagogia freiriana, aqui estamos, aqui decidimos estar. Ouvi falar ainda da pedagogia dos desencontros e que às vezes é preciso desencontrar-se para encontrar.

Nas minhas questões para Carmem pergunto, como, quando, e onde ela consegue encontrar frestas e brechas no cotidiano escolar para realizar suas resistências em suas práticas, digo de quando era aluna e precisava preencher as apostilas, cumprir certos prazos que engoliam o pouco tempo que tínhamos. Hoje, ao escrever esse mundo-possível, vou ao encontro de muitas respostas para minhas perguntas, e perguntas para minhas respostas. Percebo o quanto minha visão de cotidiano escolar se aprimorou quando decidi ser levada pelas tantas experiências, dentro e fora da universidade, e percebo ainda que é exatamente onde estamos neste momento, vivenciando tais questões éticas, políticas e pedagógicas, no encontro entre lutas, no grupo de estudos Ritmos de Pensamento, na disciplina Perspectivas Ecologistas, que criamos uma educação capaz, possível, partindo das micropolíticas. Carmem termina sua apresentação dizendo, práticas pedagógicas é arte, sim.

Em seguida ouvimos Thereza Utsunomiya, quando começou a dizer sobre sua pesquisa, senti um amor genuíno diante de tudo que vivia e sentia no espaço Parque Três Meninos - Floresta Cultural. Logo identifiquei como o Ritmos de Pensamento também tinha e tem esse mesmo significado.

Na época, ela desenvolvia trabalhos como agente de transformação, incorporando em si tudo que se passava na floresta, as ocupações, alagamento do local, pessoas, guardiões, descaracterização de nascentes, os condomínios, tubulações, etc. Percebi que Thereza estava muito conectada com todos os acontecimentos do espaço, estava imersa de corpo e alma, mas ao mesmo tempo, não conseguia definir um único objeto de pesquisa porque eram

muitas possibilidades.

Houve um tempo em que me aproximei dos guardiões da floresta, me encantei com seu trabalho e luta, participei dos mutirões de limpeza, reuniões, e fiz grandes colegas no Parque Três Meninos, mas acredito que os ritmos que pulsavam em mim eram outros. No momento das perguntas, questiono qual ou quais temáticas Thereza trabalharia de modo que a envolvesse com os cotidianos-escolares, e de que modo a participação em tantas conquistas proliferavam em sua vida. Aproveitei ainda para dizer da incerteza, daquilo que parece que tira nossos pés do chão, nos deixa estagnados, mas logo em seguida complementei dizendo que estar na incerteza também traz potências de pesquisas e que algumas vezes precisamos viver disso.

Marta Catunda, me fez ficar cada vez mais atenta para o canto dos pássaros, e para os silêncios, nos quais também se tem muito a ouvir. Ela apresenta a arte institucionalizada, dentro das normas do que pode ou não ser feito, e que, em alguns casos é preciso diminuir muitos trabalhos que são extremamente valiosos ao artista, para poder expor. Pergunto a ela como trabalhar com essas possibilidades sonoras dentro da escola e, automaticamente, Marcos me lança outra pergunta em resposta, sobre como eu, graduanda em ciências biológicas utilizaria essas possibilidades dentro da sala de aula.

A junção das pesquisas apresentadas, provocações de Marcos, e as leituras e trabalhos sugeridos fizeram pensar, refletir sobre/com as perspectivas ecologistas, a todo momento que dialogava com as pesquisas dos colegas, fazia o mesmo com a minha, me perguntando, tateando as situações outras, nos olhares cotidianos, sempre buscando novas respostas a novas perguntas. Penso que essa disciplina foi intensa e muito importante para esta dissertação, uma vez que, como já dito anteriormente, foi por meio dela que encontrei e decidi me aventurar nas narrativas ficcionais, trazendo-as para a pesquisa posteriormente.

4.2 Munduruku e eu, Munduruku em mim

No primeiro semestre de 2018, tive a oportunidade de frequentar uma disciplina eletiva, – Temática Indígena na Escola na Faculdade de Educação da Unicamp ministrada por Daniel Munduruku. Toda sexta-feira acordava às cinco horas da manhã, chegava no município de Campinas e depois pegava mais uma hora de ônibus até a universidade.

Um certo dia minha mãe me perguntou se valia a pena, “Vale a pena fazer todo esse trajeto de ir e vir apenas para ouvir as falas de um índio?” Eu ri e logo respondi, “Vale, e como vale”.

Comprei o livro de um índio, indígena na verdade, ele não gosta de ser chamado de índio, não gosta nem da palavra –índio. Segundo ele, porque é genérico demais e no dicionário índio é um elemento da tabela periódica, cê sabia disso? Assim sendo, prefere a palavra indígena, que quer dizer origem e ancestralidade, palavra que cabe para pessoas que valorizam sua descendência, mas cê sabe o antônimo de indígena? Extraterrestre. Quando comecei a ler o livro dele, me senti na floresta viva e pulsante com aqueles contos de vivências e experiências de um mundo desconhecido por mim, o mundo floresta e vida na visão de um ser indígena, um ser que é descendente de uma nação, povo, tribo ou comunidade. Me encantei com o tatear indígena em cada espaço da mata, mata que reconheço dentro de mim e também encontrei e reencontrei pelos olhos da criança interior que me habita, pés no chão, o alto da árvore, banho de rio e pesca, lembranças de uma infância de interior, de sítio.

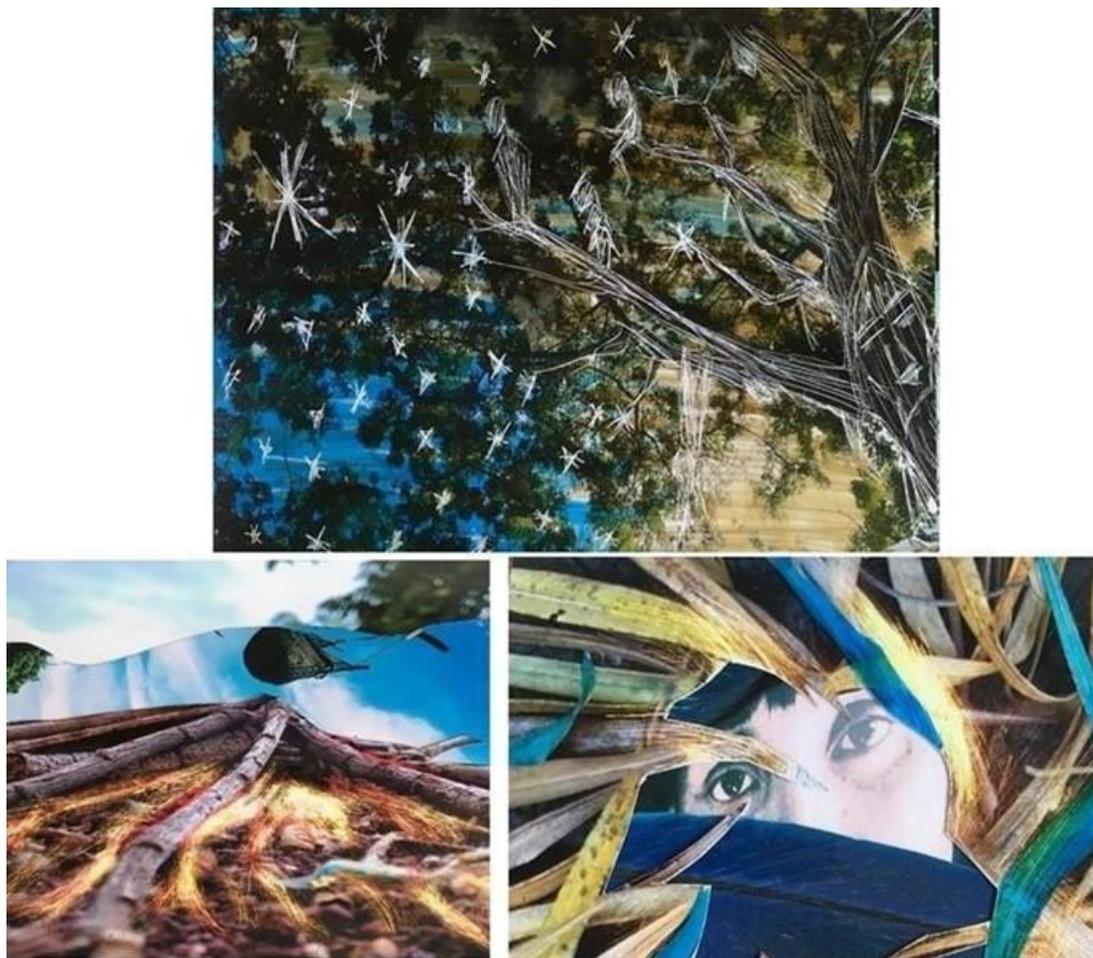
Os contos iam vindo e indo, passageiros e sensíveis, me guiaram para uma terra em que eu já conhecia, a terra do ser menor, marginal, do estranho e diferente. Falo isso, porque me senti assim em algumas situações durante minha vida, me senti inferior, ainda me sinto às vezes, e o Munduruku também se sentiu assim durante muito tempo quando estava na escola, era um indígena humilhado pelos

colegas.

Porém a minha história é diferente, estudei a vida inteira em escola pública e enfrentei muitas dificuldades na faculdade, seja nos conteúdos ou na convivência com os alunos outros. Mas aqui, o sentimento é o mesmo, pensei comigo, sei bem como é sentir assim, ao devorar cada palavra do descendente Munduruku. Eu o vi em mim, e me vi nele, de modo simples e significativo. Sentir de modo simples e reconhecer-se no outro gentilmente, foi assim. Já não sou a mesma, ainda bem.

Não caminho sobre o mesmo chão, meus pés já não são mais os mesmos, meus rastros, meus rituais, minhas mãos, corpo. O ritmo afeta as veias e escorre sob a pele derramando tons de existir, o movimento das danças se conectam com os ancestrais, chamamento para o (agora), o (presente), são conversas sobre vidas e modos outros de estar no mundo, ver o mundo, sentir o mundo. Silêncio, cuidado, ouça o som da mata, ouça o silêncio, que barulho pode ter um silêncio? Que silêncio pode ter um barulho? A semente cai de uma árvore, esbarrando por entre os galhos, a presa corre depressa, o rio segue seu fluxo, as rochas se fixam no solo, a chuva vem, silêncio, há de ser silêncio? Pessoas passagens, pessoas mensagens, como pode o outro me influenciar e afetar sobre aquilo que me habita, causando caos e desordem, para olhar-se, olhar (para) si, repensando e ressignificando aquilo que se é, que se era. Ver o mundo em outros olhos, scutar. Velhos sábios somos quando entendemos nossos tempos e os tempos do mundo, mudamos. Mundurukando pelas ruas, pelas ruas que me habitam.

Figura 15 - Oficina imagética de Alik Wunder, disciplina de Daniel Munduruku.



Fonte: Arquivos ClimaCom, disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9684>.

sou **povo** outro / pedra cachoeira
criança /em beira de rio.

meu **sensível** nasce de outros mundos
possíveis. /céu, teto, casa, rede, /

LUTA.

criação, invenção, **resistência.**

texturas novas sob a pele adorme-
cida, **despertar para conectar.**

terra ou ar.

Ou.

Os Kariri - Xocó em Sorocaba

Meus pensamentos, minhas mãos, sinto que preciso contar, e dizer, e cantar, e orar com / para:

Como vocês vivem na floresta?

Vocês tomam banho no rio?

As crianças têm uma escolinha por perto?

Quem é o maior chefe dos índios?

Por que vocês têm que andar pelados?

Como é a música da dança da chuva pra eu ensinar minha mamãe, quando ela disser que precisa chover?

Cheguei, eles já estavam todos se arrumando, colocando suas roupas, pintando o rosto, iniciando os rituais. Caminham pela escola como se já fizessem parte dela, como se estivessem sempre ali, e estão, eles sabem que estão. É quase como uma floresta escola, é trazer para dentro da escola a floresta, o grito, a dança de chegada, de ida, de trocas, daquilo que se formou após esse encontro. As crianças os olhavam sem piscar, de cima abaixo, não, não era uma apresentação de teatro, era real, era único.

A todo momento minha criança interior gritava, ficava imaginando essa experiência em minha antiga escola, ou com as crianças de minha família, ia ser um "fervô" só, ou "fuzuê", como costumam dizer nas terras do "pé vermelho". Pé vermelho justamente por isso, terra de indígena, de conquistas, valores, transmutações.

Mais tarde, depois dessa experiência enriquecedora, almoçamos juntos na casa de nossa querida anfitriã Vê, e seguimos para o Parque Três Meninos - Floresta Cultural, onde eles iriam fazer uma performance e conversa com o público.

Chegamos cedo, o Coletivo Ritmos de Pensamento estava extasiado com o alcance de suas ações, com essas ações. O Coletivo somos nós, o Coletivo somos nós.

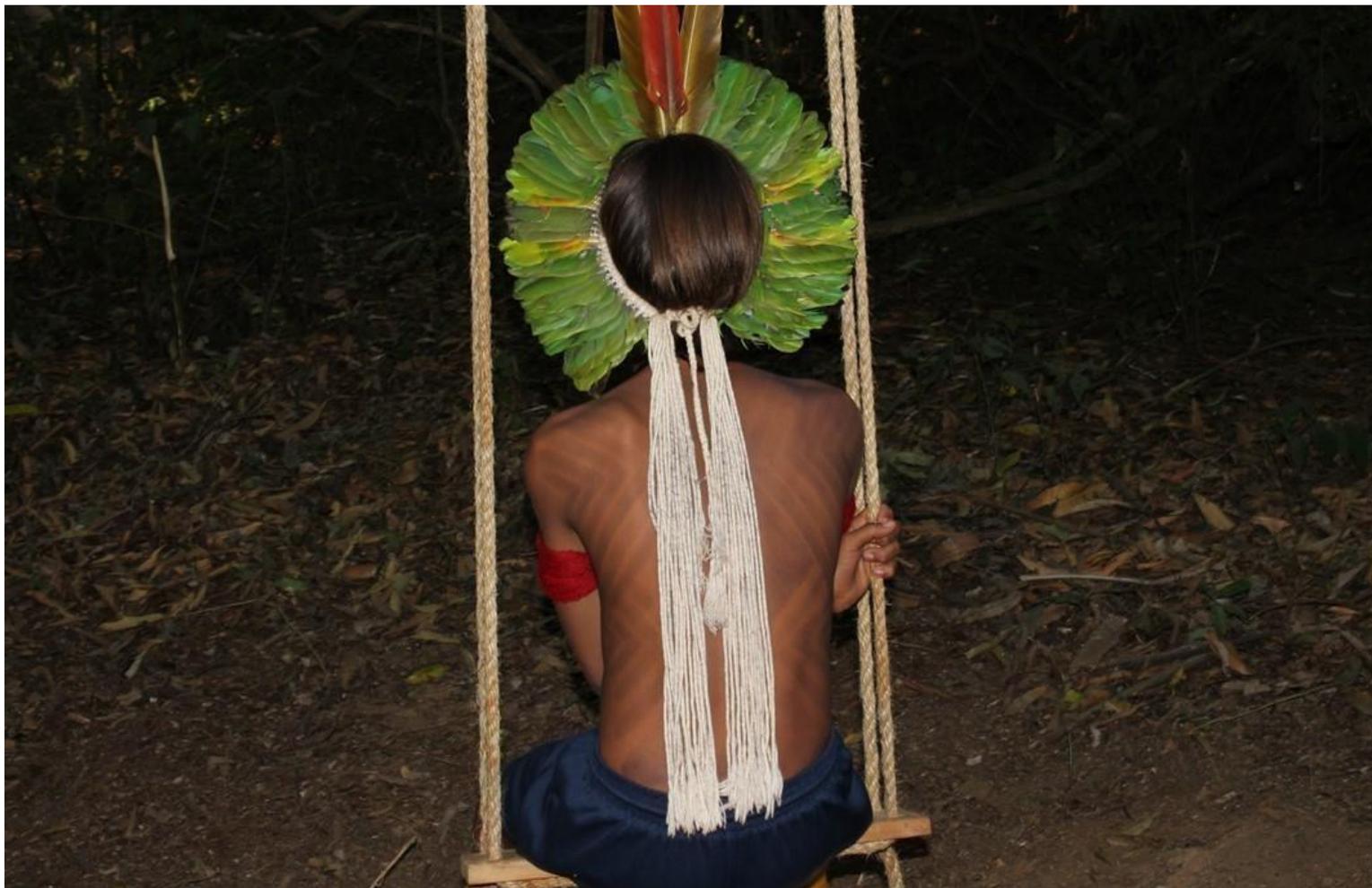
Pé no chão pé no chão, a areia vai subindo, pintando o ar, o chamamento ancestral vem do corpo, emana suas forças pelos gritos de voz, gritos de guerra, força, guerra, força, de mãos dadas, uma forma circular nasce do meio da terra, nos preparando para saudar a mãe terra, mãe natureza, estabelecer contato, sentir sensível a floresta no meio da cidade.

Cantamos, dançamos, gritamos, e eu me sentia de um modo que não conseguia explicar, talvez esta dissertação parta disso, dos inexplicáveis, daquilo que chega e contagia, daquilo que envolve, cura, faz pensar, faz ver e até transcender. Mas, não é sobre como eles chegam, como eles vão. Mas, uma forma de existir em meio ao caos, as dificuldades que lhes são impostas. Trazer a floresta de si para dentro do cotidiano-escolar, isso é cotidiano-escolar, isso é existência.

Ainda posso ouvir os cânticos dentro de mim, ainda posso ouvir as palavras de Daniel Munduruku dentro de mim, encontros ressoantes. Por isso digo que já não sou mais a mesma, depois de uma experiência dessas, depois de todas essas experiências.

Se fosse a mesma, estaria errado, estaria errado.

Figura 16 - Amigo, abraço, rei



Fonte: Arquivo pessoal. 16 maio 2018

O eu: devir artista

Locais: Campinas, São Paulo, Santos, Sorocaba, Fartura, Poços de Caldas, Rio de Janeiro, Pocinhos, Belo Horizonte, Sorocaba, São Paulo, Campinas, Rio de Janeiro, Pocinhos, Poços de Caldas, Belo Horizonte.

Materiais utilizados: tecidos (chitas), botões, lápis, tintas e fitas coloridas. Espaço: sala de aula, chão, superfície, terra, solo.

Trilha sonora: Música celta, piano, flauta, inspirar, estudar, focar, tranquilizar, relaxar, calma. (<https://www.youtube.com/watch?v=2dVyPvdMtwg>)

Performance: Devir

Caminho por entre a sala com os pés descalços, consigo captar o calor, ou o frio que vem do chão, janelas abertas, escancaradas, natureza gritante. Começo a me despir do humano, ocidental, concreto, sólido, duvidoso. O jeans apertado se esvai, juntamente com as camisetas fechadas, adaptadas para entrar no padrão sério de apresentação. Os cabelos soltos, lisos, escorridos com a regra de nada de fios saltando, começa ir ao alto, alto no ponto certo de um coque, recolho e o puxo para trás, prendo, utilizo grampos. Toco e acaricio as meias a ponto de prepará-las corretamente, me dispo, para vesti-las, aos poucos, os toques leves e suaves levam o sentir, estou com elas, estou, me preparando para fazer o que os pássaros fazem quando percebem que é hora de partir, que é hora de habitar outros mundos. Mas antes das meias, acerto o corpo, endireito o collant, esquerda, direita, costas confortáveis, respiração alta, suspiro de quase prontidão. O tule está distante, preciso então percorrer por entre os corpos presentes, distantes do vazio, à

beira da linha de trem, mas também está próximo às sapatilhas, que delicadamente escolho entrar, ocupar. Agora existe algo entre, entre nós, solo e pele, o tecido. Na ponta dos pés caminho recitando escritas inventivas, posição e colunas eretas, nariz empinado, quase uma bailarina pronta, quase uma bailarina pronta, se não fosse o porvir. As tintas alocadas ao chão gritam, pedem socorro, quase como luminescências em um escuro quarto, enfio as mãos sobre a cor, como um corpo em banho de cachoeira, quando dizem que lava a alma, quando dizem que banha o espírito. Delicadamente, drasticamente, passo sobre meu corpo nu, agora nu de mim mesma, nu do certo e errado e das suas conclusões precipitadas sobre mim, ou não. Várias, várias cores, vários, vários lugares, uma cor, um lugar, lugar. Meu corpo também é lugar, não é para ter definição, podia eu ser colorida? Braços, pernas, pescoço, olhos, boca, costas, pés, dedos. Várias cores, em vários lugares, do corpo, do mapa, do mapa. As cores representam os lugares. Os lugares representam as cores. E o corpo, ah, o corpo, o mapa em branco, limpo, sem nervuras ou rabiscos. Até então, até o momento agora.

Deito sobre o tecido colorido, o pinto, o ergo.

Através desta apresentação no final da disciplina, para representar, ou tentar representar as minhas sensações com o Coletivo Ritmos de Pensamento, busquei trazer recursos utilizados dentro do próprio Coletivo, tecidos, tintas, corpo, lugares dentro de um corpo.

Movimento *Plié*

Em cada contato, em cada experiência, a bailarina fica maior, em cada contato, em cada experiência, ela deixa um pouco de si, deixa uma fita colorida na alma do outro, deixa um rastro de tinta, e continua por caminhar pelos terrenos afora, se revelando, Minas Gerais, Campinas, São

Paulo, Santos, Sorocaba, Fartura, em cada canto de mundo, um alguém, um nós, um adeus ou quem sabe um até logo. Ela dança no palco da sua própria existência e traça suas jornadas aos poucos, é impermanente demais para estacionar, parar de dançar, não consegue, por onde se lança, reverbera.

Sem público algum, em coletivo de muitas danças, a bailarina vai crescendo, se vestindo, se tornando, e sabe que os deslocares não têm fim.

Será que algum dia vou parar de dançar? Será que algum dia vou estacionar?

Pergunta a bailarina, e continua: *grand plié, de-mi plié, grand plié, demiplié.*

Figura 17 - Apresentação final de disciplina Educações em conexões-poético-político-estéticas



Fonte: Arquivo pessoal. 11/12/2017

Figura 18 - Apresentação final de disciplina Educações em conexões-poético-político-estéticas



Fonte: Arquivo pessoal. 1/12/2017.

Minha vez, minha prática (Oficina sensorial)

Não estava me sentindo muito bem naquela manhã, mas ainda assim preferi não adiar, conversei com Éder, que me convidou para dar essa experiência às crianças, combinamos o horário e eu estava lá, entre os preparativos. Massinha, bolinhas de gel, amoeba, bobs de cabelo, folhas de árvores, tintas, cascalhos de árvores, pedras.

O que tem aí tia?

Uma surpresa, que vocês vão ver com os pezinhos e com as mãos, sentindo.

Mas vai demorar muito?

Logo menos é sua vez.

Pulos pulos pulos, saltos de ansiedade alegria e sensações de corpo.

Quero ir logo, quero ir logo.

Vamos, agora você vai viver uma aventura, está preparado? Mas essa aventura tem algumas regrinhas, não pode olhar, vamos vendar bem os olhos.

Ah, tia, mas eu quero ver eu quero ver eu quero ver.

Você verá, mas não tire a venda, vamos lá?

Sentir, sentir, pulsar, pulsar, toque pele em movimento, cheiro, textura, superfícies, folhas, peles, tecidos, experimentação ecologista de encontros e impermanências. Instalação no espaço físico escola, encontro e reencontro com o cotidiano, ressignificação de conceitos, ressignificação de certezas. Pensar a infância em cria(ações) de outros mundos, espaços.

Nota: No pen drive, anexo, segue arquivos "Sentir", sinta, com os vídeos, as imagens, e o sensível das crianças.

Figura 19 – Sentir, sentir



Fonte: Arquivo pessoal. 29/11/ 2018

5 CONCLUSÃO: POR UM OUTRO MODO DE EDUCAÇÃO

[...] o cotidiano é, ao mesmo tempo, um dia e todos os dias. Engloba, assim, tanto o instantâneo como o duradouro, o transformador e o repetitivo. Na busca de uma resposta inicial, podemos entender cotidiano como aquilo que está dentro da gama normal de possibilidades. Rotinas são partes das possibilidades, porém, ao contrário do que alguns continuam pensando, o cotidiano não é sinônimo de rotina. (SPINK M; SPINK P, 2017, p. 594).

Fujo de definições prontas e categóricas diante da existência de todas as experiências díspares e deslocamentos andarilhos como fontes do conhecer, viver e pesquisar como modo de estudo. Muito se resulta de andar, muito se percebe ao andar, vê-se o entre das coisas, das vidas e seus rituais diários, modos de existir, não há segurança para quem caminha no incerto, perpasso a força de buscar lugares outros, e em, ou seja, dentro, de lugares outros. De mim só reconheço a origem, de resto, em outros locais, sou imigrante, desconhecida, buscadora de encontros e desencontros, vidas nômades. Não custei a entender essa cartografia dos afetos, cartografia da educação, pois elas também vieram ao meu encontro e talvez já existissem. Encontro, palavra forte e imponente dentro desta dissertação, por meio deles nasceram muitas reverberações, pulsações, coisas que acontecem no espontâneo, do espontâneo.

Percebo que todas as minhas concepções prévias do pesquisar foram extintas, ou melhor, ressignificadas por novas realidades, cotidiano-escolar é bem mais que cotidiano, dia a dia. Cotidiano-escolar é a resistência que habita todos os educadores que vivem incessantemente para com a educação, fazendo pontes fortes com pensamentos e conceitos que potencializam e dão valor a esse resistir, existindo. A educação resiste, resiste quando educadores universitários decidem estabelecer um coletivo, um conjunto de pessoas em prol de um mesmo objetivo. Resiste quando se buscam diferenças, afetos, sentimentos, ações que estabeleçam novos sentidos e pensamentos, e que isso seja disparador para todos que se encontram no mesmo caminho. Ou quando utilizamos novas perspectivas como potência

para criar outros modos de fazer educação. Resiste ainda, quando decidimos habitar praças, parques públicos, espaços de arte. Quando decidimos utilizar as forças das criações artísticas para fazer / gerar pensamento, contribuindo para a ressignificação de novos cotidianos possíveis, novas maneiras de enfrentar as dificuldades impostas, novas maneiras de existir com a educação.

Esses pensamentos só foram possíveis devido às contribuições recebidas ao longo deste caminho. Marcos Reigota com as suas disparações e as perspectivas ecologistas de educação, Alda Romaguera e seu cotidiano político pedagógico, idas e vindas com o coletivo Ritmos de Pensamento, e principalmente com os Cursos de Formação para Educadores que aconteceram nos anos de 2017 e 2018, e o encontro com autores e bibliografias que enriqueceram minhas concepções e contribuíram no encontro para as respostas das indagações tanto da pesquisa, quanto as minhas próprias. Permitindo assim que surgisse uma pesquisadora caminhando ao encontro dos diálogos com o cotidiano-escolar e provando ainda que aqueles que vêm das margens, dos mares ou dos interiores, também podem fazer acontecer.

A partir desse cotidiano vivenciado, visualizo práticas e resistências como possibilidades na educação, por meio de micropolíticas, microações.

Não há ponto final, não há fim, as caminhadas não acabaram, muito pelo contrário, estão começando. Andarilhar é superfície, é tato, é início.

Quase como um caleidoscópio, que nunca está igual, sempre mudando e fazendo vir novas formas de si, cores, sons, e que por mais que volte ao mesmo lugar, nunca será o mesmo. Aprender, ensinar, educar, formar.

5.1 Resistindo para existir

A resistência faz parte da existência, da escolha de existir e resistir cotidianamente em suas práticas educacionais e políticas. Entre mortes e sobrevivências, lutas e glórias, sistemas opressores e manifestos públicos, insiste, resiste, existe. Penso, logo, existo, resisto, logo, existo. Insistir em uma educação de qualidade para os alunos, batalha diária, luta diária que muitas vezes envolve se opor contra seus próprios colegas de trabalho, a direção, coordenação, nadar contra a corrente se torna perigoso, atravessa nossos limites, o corpo no espaço de luta cansa, descansa, continua, respira, inspira, não para.

A existência é marcada no encontro do ser que busca incansavelmente frestas entre paredes e regras impostas, brechas do agir e fazer acontecer, teoria e prática em ação. O conteúdo precisa ser trabalhado como está apresentado no material didático, que precisa estar devidamente preenchido até o final do bimestre, as aulas precisam ser divididas entre carga horária, que precisam acontecer dentro da sala de aula, sem mais, direção e coordenação. É preciso cuidado, o contexto ocidental suga, limita, te coloca sentado atrás de todos, lá no fundo, sozinho, e ainda assim é preciso seguir as regras, ou você está fora, passa fome, não trabalha. E então como o artista que se limita para expor em espaços institucionalizados, o professor faz o mesmo, será?

Resistir habita o corpo, os batimentos cardíacos, a corrente sanguínea, resistir faz parte de nós, do cotidiano, do humano, integra os nossos mundos a lutas e batalhas diárias buscando encontrar modos e movimentos de inventar potências e forças, em ações artísticas ou não, seja no quilombo, na aldeia indígena, nos espaços não formais, praças, universidades e sim, dentro de nossas próprias casas, com nossas famílias, resistir. Sentar de modo circular, olhar nos olhos dos companheiros,

conversar, ouvir o outro, o que ele pode dizer, o que ele pode acrescentar à minha luta, sua história, seu caminho, suas indagações, intimamente estar presente e sentir outros modos de ser, de estar no mundo. Nos esquecemos de ouvir o outro quando ouvimos tantos gritos e sentimos lágrimas sobre nós, nos esquecemos dos afetos. Os balanços do vai e vem no cotidiano muitas vezes nos afastam de nós mesmos, nós mesmos.

Bené Fonteles e Daniel Munduruku dizem que é preciso silenciar a mente, desconectar-se do mundo conectado, dos diversos megas de internet e redes sociais, nos conectarmos com o espaço que habitamos, as pessoas neles, a natureza, o balançar das redes, escutar os conselhos dos mais velhos, desenhar arte, dançar, cantar, criando assim uma outra dimensão de vida. Silenciar o dentro, para poder vivenciar o fora, gerando outros modos de existir, coletivamente, ou não.

Re (existo)

e quando resisto

existo

busco frestas e brechas

entre minhas forças

significativas

experiências

rompendo opressões

eu

re (existo)

insisto, **não** DESISTO

5.2 Registros insignificantes, ou, potentes, ou sem foco, ou, fortes, ou...

Processos, para finalizar, recorro mais uma vez aos processos. Aqui, trago alguns poucos dentre muitos registros que não foram utilizados na dissertação, digo, não entraram nos diálogos. Reforço a ideia de vermos potências em imagens que nem sempre estão com ótima qualidade ou resolução, imagens dizem, conversam, dialogam, têm algo a declarar, são manifestos. Até mesmo os registros de pessoas, inclusive os registros de pessoas. Que essas imagens lhe sirvam de atravessamentos. Que possamos caminhar nesses atravessamentos, sobre elas, com elas, por muitas e muitas vezes, até encontrarmos nossos próprios sentidos outros.

Figura 20 – Banquete de imagens



Fonte: Arquivo pessoal. 12 abril 2018.

Figura 21 – Bené na escola



Fonte: Arquivos Ritmos de Pensamento, 10 de Agosto de 2017.

Figura 22 - Exposição Osso – Tomie Ohtake



Fonte: Arquivo pessoal. 30 jul. 2017

Foto 23 - Cânticos Minas



Fonte: Arquivo pessoal. 18 a 20 ago. 2017

Figura 23 - Claudio Mello e Luís Serguilha - Corpo, relações-afetivas no cotidiano



Fonte: Arquivo pessoal. 16 maio 2017

Figura 24 - Vamos bater uma foto? Não é selfie – Quilombo Cafundó



Fonte: Arquivo pessoal. 23 maio 2017

Figura 25 - Marcos Reigota, Leandro Belinaso e Bené Fonteles



Fonte: Arquivo pessoal. 24 maio 2017 – Sesc Sorocaba.

Figura 26 - Rodrigo Barchi e Luís Serguilha



Fonte: Arquivo pessoal. 17 maio 2017 – Sesc Sorocaba.

Figura 27 - Movimentos de pensar com Marcos Reigota



Fonte: Arquivo pessoal. 01 jun. 2017

Figura 28 - Defesa do “doutorzinho”



Fonte: Arquivo pessoal. 13 nov. 2017

o que vivemos no **mundo**, o que somos no **mundo**, é conteúdo potencial pra nos entendermos e nos conhecermos como **humanos, racionais, emotivos, vivos!** não há separação entre as experiências, tudo se conecta

universalmente dentro de **nós**,

somos mais que pele preenchendo espaços vagos,

promovendo peso, volume, somos mais, porque escolhemos **significar** mais! somos nossas

relações e afetos, decisões, expressões! há

flores esperando a primavera, terras esperando o plantio, riachos buscando o trajeto do mar, fogo queimando o ar, dentro de nós, onde devemos

habitar, onde devemos estar, é ali que devemos

habitar, é ali que você vai se encontrar, não há fora, há **dentro**, interno pronto pra ser

preenchido... é preciso

preencher-se de **si...** preencher-se de

si...

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 23, p. 62-74, 2003.
- ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite. **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ARTE LONDRINA. 5. Published on Jan 29, 2018. Catálogo da 5ª Edição do edital Arte Londrina da Divisão de Artes Plásticas da Universidade Estadual de Londrina.
- CARVALHO Adalberto Dias de (ORG). **Dicionário de filosofia da educação, acontecimento**. Porto – Portugal: Porto, 2006.
- BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BONFIM, Raiça; MEDEIROS Vânia. **O que é uma casa**. Bahia: Baobá Artes impressas, 2012.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria - vol. 7, n.2, p. 66-77 - mai./ago.2014.
- COUTO, Mia. Escrever e saber. In: Fundação Bienal de São Paulo. Incerteza Viva. Material educativo. **Caderno Narrativa e Incerteza**. Bienal de São Paulo. 32. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 3-6. Disponível em: <http://materialeducativo.32bienal.org.br/>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. L'abécédaire de Gilles Deleuze, entrevista feita por Claire Claire Parnet, filmada e dirigida por Pierre-André Boutang. Paris: Vidéo 202 Éditions Montparnasse, 1996. (Transcrição sintetizada, em inglês, por Charles J. Stivale, http://www.langlab.wayne.edu/CStivale/D-G/ABC_1.html, e traduzida para o português por Tomaz Tadeu, <http://www.ufrgs.br/faced/tomaz/abc.htm>). Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. DROIT, Roger Pol. Deleuze comme musique et comme monde. In: **Le Monde des livres**, 12 de abril de 2002.
- FAUSTINO, Rosana. **A poética de Emmanuel Marinho adentra o cotidiano-escolar em Pilar do Sul – SP**. Dissertação (Mestrado em Educação). Pro-reitoria de pós-graduação, pesquisa, extensão e inovação. UNISO. Sorocaba, 2017.
- FONTELES, Bené. Transmutação da realidade. Incerteza Viva. Material educativo. **Caderno Narrativa e Incerteza**. Bienal de São Paulo. 32. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. p. 7-14. Disponível em:

<http://materialeducativo.32bienal.org.br/>. Acesso em: 20 nov. 2017.

GARCIA, Regina Leite. Do baú da memória: histórias de professora. In: ALVES, N. e GARCIA, R.L. (Orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 43-64.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21 ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOPES, Ana Maria Vieira. A linguagem poética com ilustrações como forma de incentivo à leitura e produção textual. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. **Cadernos PDE**. Curitiba. v. 1. 2013. p, 6-15.

Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_port_artigo_ana_maria_vieira_lopes.pdf. Acesso em: 22 ago. 2018.

MATUCK, Rubens. **Cadernos de viagem**. Texto Norval Baitelo Junior; apresentação Edgar da Silva Ramos. São Paulo: Terceiro Nome, 2003.

MUNDO UBUNTU. Origem da palavra Ubuntu. Disponível em: <http://www.mundoubuntu.com.br/sobre/curiosidades-do-ubuntu/63-origem-da-palavra-ubuntu>. Acesso em 12 out. 2018.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática S.A., 1988.

PASSOS Eduardo e BARROS Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PIZZIMENTI, Cris. Poema. **Sou feita de retalhos**. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/cris_pizzimenti/. Acesso em: 10 out. 2018.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Pedagogia do subterrâneo: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares**. 2018. Tese (Doutorado em Educação). Pro-reitoria de pós-graduação, pesquisa, extensão e inovação. Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2017.

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 1999.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Barbara H. S. do (Orgs.). **Educação Ambiental**: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

ROMAGNOLI, Roberta. Cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia & Sociedade* [online], Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p.166-173, 2009.

ROMAGUERA, Alda R. T. .e? e escrita e(m) educação. In: AMORIM, Antonio Carlos et al. (Orgs). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2011.

ROMAGUERA, Alda R. T.; WUNDER, Alik. Políticas e poéticas do acontecimento: do silêncio a um risco de voz. **Rev. Bras. Estud. Presença**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 124-146, jan./abr. 2016.

SANTOS, B. T.; SILVA, R. F. Uma atriz, uma encenadora e um solo ou como se dá um processo de criação cênica? In: Jornada de pesquisa em Artes PPG IA/ Unesp 2015- Edição Internacional: Processo criativo, 2015, São Paulo. **Anais**. São Paulo: Instituto de Artes, 2015. p. 1258-1271.

SHÖRNER, Ancelmo. Experiências (com)partilhadas: os ?fios? da vida: mulheres migrantes no Morro da Pedra, em Jaraguá do Sul - 1980/2000. Seminário Internacional Fazendo Gênero. 7. **Gênero e Preconceitos**. 2006. (Seminário). p.1 - 7. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Ancelmo_Schorner_41_A.pdf. Acesso em 3 nov. 2018.

SILVA, Adriana; BUFALO, Joseane. O espaço na pedagogia da educação infantil: fábula, perversidade e possibilidade. In: SILVA, Adriana et al. **Culturas infantis em creches e pré-escolas estágio e pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 9-34.

SÓ DEZ POR CENTO É MENTIRA. Biografia oficial de Manoel de Barros. 2009. Filme. Direção e roteiro Pedro Cezar. Produtora: Artezanato eletrônico. (1h21min10s.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VG4P_mWWAI0. Acesso em: 15 jun. 2018.

SPINK, Mary Jane Paris; SPINK, Peter Kevin. Pesquisar o/no cotidiano na pesquisa social: reflexões sobre a noção de lugar, território e redes de associação. **Quaestio**. Sorocaba, SP, v. 19, n. 3, p. 591-605, dez. 2017

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, v. 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008.

TAMBOUKOU, Maria. Aventuras da pesquisa narrativa. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (Orgs.). **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: CRV, 2016, p. 67-81.

ANEXOS
ANEXOS

ANEXO A – CURSO DE FORMAÇÃO 2017

SESC SOROCABA EDUCAÇÃO PELO ENVOLVIMENTO

Curso de formação de educadores – 2º semestre de 2017

RITMOS DE PENSAMENTO: movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana

Concepção: Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (**GREeCE**)

Coordenação: Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera

RELATÓRIO

1. APRESENTAÇÃO:

Este curso se insere no Programa de Educação pelo Envolvimento do SESC Sorocaba, coordenado por Alexandre Anézio e Marcos Bravin, em parceria com o Programa de Pós Graduação em Educação/UNISO. Contempla as dimensões humanas da ética e da estética em sua relação com a Educação, por perspectivas ecologistas que enfatizam a cidadania em relação ao ambiente pela via dos agenciamentos eco/estético e político. Apresenta, em 10 encontros, conceitos inerentes aos estudos da “subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado” (GUATTARI, 2017, p.55). Busca por “novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro”(idem), através do corpo, da palavra, do pensamento, criando interfaces com a poesia, a literatura, a música, a psicanálise. Uma pergunta, comum a todos os módulos, moverá cada um dos nossos encontros: é possível experimentar outros modos de “ser-em-grupo”?

2. OBJETIVO:

Oferecer aos profissionais da educação, uma formação que contemple questões relacionais no contemporâneo, numa perspectiva ecologista.

3. JUSTIFICATIVA

Ritmos de Pensamento pretende problematizar espaçostempos (Alves, 2003) de diversidades e transformações socioambientais e culturais, em conexões com a Educação. Surge da reunião e confluência de várias áreas de pensamento e criação, aqui representadas pelo meio artístico e acadêmico em perspectivas ecologistas. Diante de manifestações humanas nas quais não nos reconhecemos, pretende-se problematizar: O que nos move? O que nos toca? Com quais pensamentos e artefatos artístico-culturais nos fortalecemos para enfrentar situações de poder e destruição?

4. METODOLOGIA

Desenvolver dez encontros em módulos de três horas de duração. Provocar educadores ao deslocamento do espaço formal escola-sala de aula, rompendo com o modelo-aula e imprimindo aos encontros o movimento rítmico do palco, das vivências e oficinas; o fio teórico que nos une tece o conceito de subjetividade na perspectiva ecologista de Guattari, Reigota, Ana Godoy e suas conexões.

5. CRONOGRAMA

Datas	Profissionais	Conteúdo Programático
15/09/2017	Kátia Regina e Éder Proença	Movimentos ecologistas: experiências outras na educação
16/09/2017	Mauro Tanaka	Ritmos e sonoridades corporais
22/09/2017	Verônica Hoffmann e André Yang	Movimentos ecologistas e construção de subjetividades
23/09/2017	Carmem Machado	Movimentos ecologistas e dança
29/09/2017	Leandro Jesus	Movimentos ecologistas: cartografias urbanas
06/10/2017	Marta Catunda e Rodrigo Reis	Movimentos ecologistas: paisagens sonoras e vida cotidiana

07/10/2017	Adriana Lima e Raquel Fayad	Cartografia do ambiente e processos criativos
20/10/2017	Alik Wunder, Davina Marques e Thereza C. Itsunomiya Alves	Sarau -oficina poéticas indígenas
27/10/2017	Alda Romaguera e Rosana Faustino	Ritmos de pensamento: poéticas da escrita
28/10/2017	Márcio José Andrade e Leonardo Rodrigues dos Santos	Ritmos de pensamento: Imagens e cotidianos escolares

6. DESENVOLVIMENTO

Este curso, que resulta em experiência para o nosso Grupo de Pesquisa, inaugurou uma parceria inédita e promissora entre a pós-graduação em Educação da Universidade de Sorocaba e o Sesc de Sorocaba. Tal aproximação teve início com a proposta de um laboratório de ações, em maio de 2017, que trouxe convidados para iniciar as discussões que desenvolvemos em setembro e outubro de 2017.

Na noite de 17 de maio recebemos o poeta português Luis Serguilha e o prof. Dr. Rodrigo Barchi para conversar sobre “Ritmos de pensamento: poéticas com as ecologias infernais e ruidosas”; em 24 de maio, Marcos Reigota, Leandro Belinaso Guimarães e Bené Fonteles, ofereceram a mesa redonda “Movimentos de pensar: dimensão estética, ecológica e política da vida cotidiana”.

Os dez módulos que compõem o curso foram desenvolvidos conforme cronograma divulgado no item 5 deste relatório, e geraram os seguintes documentos, de acordo com modelos oferecidos pelo SESC:

- Ementa, com título, proposta e referências bibliográficas;
- Ritmo do encontro, com o plano de ação, sugestões e contato dos ministrantes, oferecido no início do encontro;
- Relatório de módulo, com reflexões sobre o desenvolvimento do módulo, com espaço para avaliação e sugestões feitas após o término da atividade.

Todos estes procedimentos, bem como os contratos e documentos

solicitados, foram entregues ao setor responsável.

7. AVALIAÇÃO

Como coordenadora do GREeCE e das atividades propostas ao SESC, a saber, Laboratório de Ações e o curso RITMOS DE PENSAMENTO: movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana, avalio os seguintes aspectos desta parceria:

Estrutura e apoio técnico: Fomos atendidos e ficamos plenamente satisfeitos com a estrutura e o atendimento técnico que recebemos dos funcionários. Tivemos todo o material solicitado e fomos prontamente atendidos para contornar pequenos contratemplos. Como sugestão para próximos cursos, sugerimos adaptação temporal ao horário de entrada principalmente aos sábados.

Divulgação: Tivemos pouca divulgação tanto das atividades de maio quanto do curso, sugerimos que este aspecto esteja mais conectado às ações para garantirmos um público diverso.

Realização: Foram garantidas com seriedade e comprometimento as condições, tanto estruturais quanto financeiras, o que garantiu a qualidade dos eventos realizados.

Consideramos importante este vínculo com a cidade e com o SESC Sorocaba, por sua importância na cena cultural e artística da cidade garantindo à população local e da região o fluxo de eventos e apresentações relevantes para a construção da personalidade no contemporâneo.

8. DIVULGAÇÃO



**SESC SOROCABA
SET/OUT**

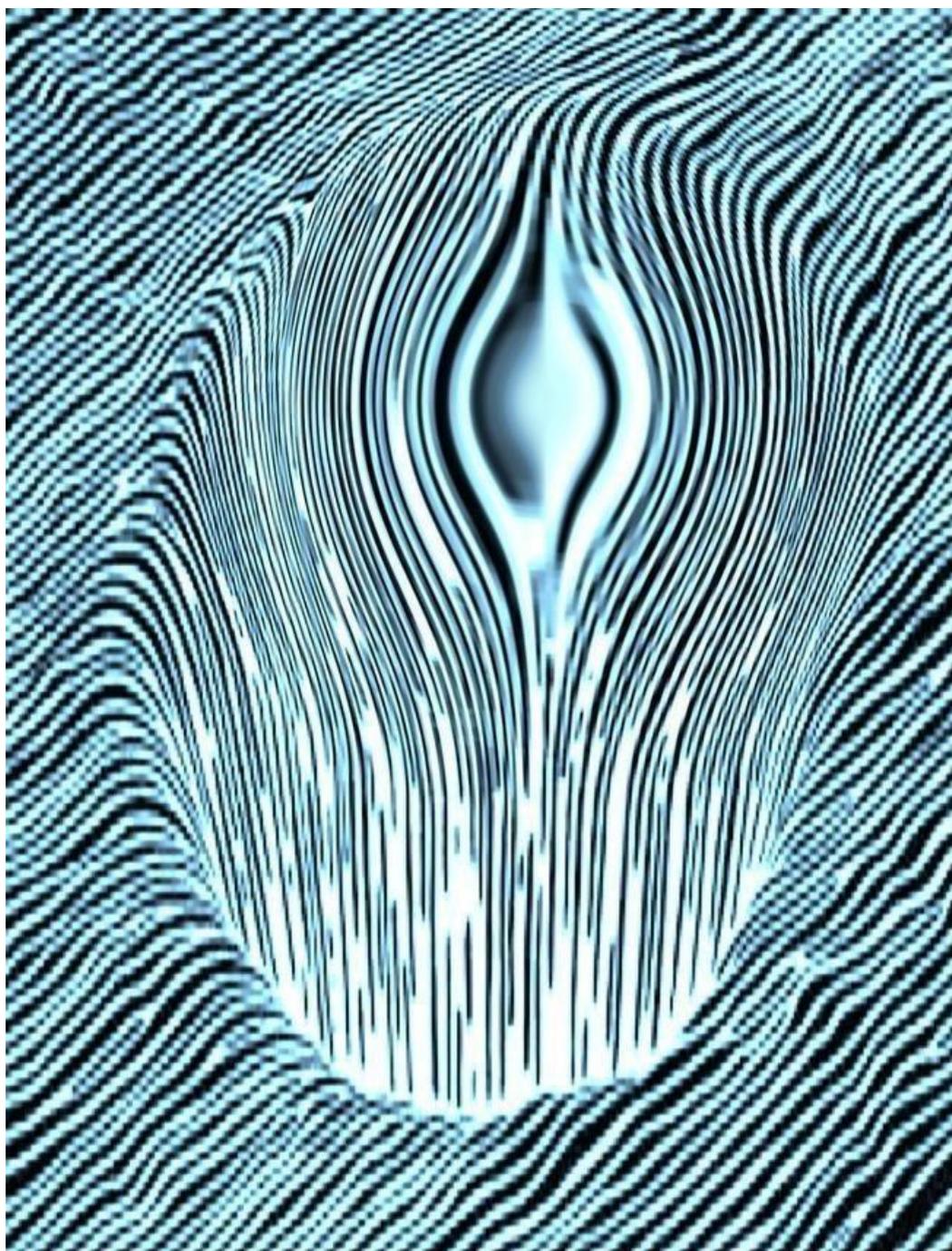
COLETIVO GREeCE Grupo RITMOS: ESTÉTICA e Cotidiano ESCOLAR

movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana linha de pesquisa em Cotidiano Escolar PPGE UNISO

é possível experimentar outros modos de “ser-em-grupo”?

Encontros	Local /hora	Educadores
Sexta 15/09	Sala de Oficina	Eder Proença e Kátia Pereira
Práticas educativas	9h às 12h	
Sábado, 16/09	Teatro	Mauro Tanaka
Sonoridades corporais	9h às 12h	
Sexta, 22/09	Sala de Oficina	Verônica Hoffmann e André Yang
Construções Subjetivas	9h às 12h	
Sábado, 23/09	Teatro	Carmem Machado
Corpo e Dança	9h às 12h	
Sexta 29/09	Sala de Oficina	Leandro Jesus
Cartografias Afetivas	9h às 12h	
Sexta, 06/10	Sala de Oficina	Marta Catunda e Rodrigo Reis
Ecologia Sonora	9h às 12h	
Sábado 07/10	Sala de Oficina	Raquel Fayad e Adriana Lima
Processo de Criação	9h às 12h	
Sexta 20/10	Sala de Oficina	Allk Wunder, Davina Marques, Teresa Itsunomi
Poéticas Indígenas	9h às 12h	
Sexta 27/10	Sala de Oficina	Alda Romaguera e Rosana Faustino
Poéticas da escrita	9h às 12h	
Sábado 28/10	Sala de Oficina	Marcio Andrade e Leonardo Rodrigues
Imagens e cotidiano escolar	9h às 12h	

ANEXO B – CURSO DE FORMAÇÃO 2018 COLETIVO RITMOS DO PENSAMENTO



**Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera Sorocaba
2018**

RITMOS DE PENSAMENTO: movimentos ecologistas de pensar educação e vida cotidiana

Apresentação

Somos integrantes do **Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GRECE)**, que se insere na Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar, no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade de Sorocaba.

Exercitamos *Ritmos de Pensamento em espaçostempos* (ALVES, 2003) entre a pesquisa acadêmica e diferentes áreas de cultura, arte e educação, enfatizando a ecosofia nos “três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana” (GUATTARI, 2012, p. 8), pela via dos agenciamentos eco/estético e político.

Interessa-nos pensar multiplicidades na singularidade numa perspectiva ecologista de educação. Trabalhamos com conceitos inerentes aos estudos da “subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado” (GUATTARI, 2012, p.55). Buscamos por “novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro” (idem), através do corpo, da palavra, do pensamento, criando interfaces com a poesia, a literatura, a música, a psicanálise.

O grupo se desenha como um coletivo que, ao estudar, pesquisa e produz pensamentos e artefatos culturais, movido por uma pergunta: é possível experimentar outros modos de “ser-em-grupo”?

Proposta de parceria com o SESC Sorocaba:

O Projeto *Ritmos de Pensamento* apresentado acima deseja realizar parcerias com o SESC Sorocaba, por sua importância na cena cultural e artística da cidade garantindo à população local e da região o fluxo de eventos e apresentações relevantes para a construção da personalidade no contemporâneo.

Desenha esta parceria propondo um **laboratório de ações** com a produção intelectual e artístico cultural que o Coletivo Ritmos de Pensamento desenvolve em seus projetos.

Laboratório de ações para o ano de 2018:

✓ Movimentos ecologistas

Ressoam nessa proposta, uma diversidade de experiências metodológicas e expressões de pensamento que trabalham com as inquietações socioambientais e culturais de um contexto conturbado e complexo, que se convencionou chamar de crise de civilização. Este fenômeno contemporâneo ressalta a necessidade de metodologias de integração dessa diversidade de públicos e formas de coagulação nos espaços coletivos de expressão artística e cultural vivas.

Para contribuir com os aspectos que nos mobilizam a pensar e agir na sociedade por movimentos coletivos e rítmicos oferecemos nossa experiência com trabalhos em parceria com o Coletivo Floresta Cultural, o Quilombo Cafundó. Participamos também de atividades de residência artística na Floresta Nacional de Ipanema.

✓ Ritmos de pensamento

Estabelece conexões entre a pesquisa acadêmica e diferentes áreas de cultura, arte e conhecimento, de modo a sintonizá-las num ritmo próprio com várias combinações. Tal ritmo deseja pensamentos em composições líteromusicais, em combinações da imagem com a teatralidade, em expressões possíveis do corpo que dança e canta e gestualiza e resinifica

subjetividades.

Pretende ressaltar a potência estética dessas combinações, criando zonas de vozes com artistas, pensadores, críticos, psicanalistas, educadores, para imprimir outras conexões afetivas.

Proposta de ações para o projeto Educação pelo envolvimento – Criança e Natureza

Coletivo RITMOS de PENSAMENTO: Movimentos ecologistas de pensar educação, infância e vida cotidiana

Abertura

Conversa com o escritor Milton Hatoum, mediada pelo ecologista Marcos Reigota. Haverá o lançamento do livro “A noite da espera” de Milton Hatoum (Cia das Letras, 2017).

07/03/2018, 19 às 21 horas.

Local: Teatro do SESC Sorocaba.

Título da mesa redonda: Literatura e vida cotidiana por uma educação **com** envolvimento

Proposta: Aproximar a contribuição literária e o apurado olhar para a vida cotidiana deste premiado escritor, das perspectivas ecologistas em educação. Abrir espaços de pensamento para uma educação com envolvimento que contribua na formação das dimensões éticas e estéticas das pessoas na contemporaneidade.

Palestra com o pesquisador Wenceslao de Oliveira Junior (Unicamp), que conversa com artistas e educadores.

20/06/2018, 19 às 21 horas.

Local: Teatro do SESC Sorocaba.

Título: Cinema e escola: encontro entre crianças e naturezas urbanas

Proposta: A reinvenção da escola por meio do encontro da criança e natureza em um diálogo sobre as possibilidades de estímulo à (re)descoberta da paisagem urbana e seus potenciais a partir de construções cinematográficas.

Curso de formação de educadores ambientais Período do curso: agosto a novembro de 2018

Organização: 12 módulos de **seis** horas cada, distribuídos em **seis** eixos temáticos (conforme descrito no conteúdo programático), para os encontros com educadores nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2018. Pretende-se que tais módulos sejam distribuídos da seguinte forma: a cada três sessões de dois encontros no SESC Sorocaba, que o quarto se dê em um dos espaços da cidade que tenham envolvimento com a educação ambiental (Floresta Cultural Parque Três Meninos; FLONA; UNISO, etc).

Metodologia: oficinas, ateliês e vivências oferecidas por pesquisadores que trabalham com educação ambiental, cultura e artes.

Objetivo: contribuir para uma formação de educadores da infância e de cidadãos envolvidos com processos educacionais, na perspectiva ecologista de educação.

Conteúdo Programático: o curso desenvolver-se-á de acordo com seis eixos temáticos

MÓDULO I - Movimentos ecologistas, infância e artes visuais

MÓDULO II - Ritmos de pensamento: Imagens, natureza e cotidianos escolares

MÓDULO III - Ritmos de pensamento: eco/poéticas da natureza

MÓDULO IV - Movimentos ecologistas: experiências outras na educação infantil

MÓDULO V - Movimentos ecologistas e construção de subjetividades

MÓDULO VI - Ritmos e sonoridades na infância

Cronograma - 2018

Encontro	Módulo	Data e horário	Organização do espaço	Materiais	Profissionais sugeridos
1	Movimentos ecologistas, infância e artes visuais	Sexta, 17/08 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Eder Proença
2	Movimentos ecologistas, infância e artes visuais	Sábado, 18/08 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Eder Proença
3	Movimentos ecologistas, infância e artes visuais	Sexta, 24/08 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Ana C. Baladelli
4	Movimentos ecologistas, infância e artes visuais	Sábado, 25/08 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Ana C. Baladelli
5	Imagens, natureza e cotidianos escolares	Sexta, 31/08 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Alik Wunder
6	Imagens, natureza e cotidianos escolares	Sábado, 01/09 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Alik Wunder
7	Imagens, natureza e cotidianos escolares	Sexta, 14/09 09h30min às 12h30min	Espaço floresta cultural	equipamentos multimídia	Thereza C. U. Alves

8	Imagens, natureza e cotidianos escolares	Sábado, 15/09 10h00min às 13h00min	Espaço floresta cultural	equipamentos multimídia	Thereza C. U. Alves
9	eco/poéticas da natureza	Sexta, 21/09 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Alda Romaguera
10	eco/poéticas da natureza	Sábado, 22/09 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Alda Romaguera
11	eco/poéticas da natureza	Sexta, 28/09 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Amanda Leite
12	eco/poéticas da natureza	Sábado, 29/09 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Amanda Leite
13	experiências outras na educação infantil	Sexta, 05/10 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Carmem Machado
14	experiências outras na educação infantil	Sábado, 06/10 10h00min às 13h00min	Teatro	equipamentos multimídia	Carmem Machado
15	experiências outras na educação infantil	Sexta, 19/10 09h30min às 12h30min	Teatro	equipamentos multimídia	Renata Ferreira
16	experiências outras na educação infantil	Sábado, 20/10 10h00min às 13h00min	Teatro	equipamentos multimídia	Renata Ferreira
17	Movimentos ecologistas e construção de subjetividades	Sexta, 26/10 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Veronica Hoffmann
18	Movimentos ecologistas e construção de subjetividades	Sábado, 27/10 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Veronica Hoffmann

19	Movimentos ecologistas e construção de subjetividades	Sexta, 09/11 09h30min às 12h30min	Teatro	equipamentos multimídia	Mauro Tanaka
20	Movimentos ecologistas e construção de subjetividades	Sábado, 10/11 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Mauro Tanaka
21	Ritmos e sonoridades na infância	Sexta, 23/11 09h30min às 12h30min	Espaço Escola	equipamentos multimídia	Marta Catunda
22	Ritmos e sonoridades na infância	Sábado, 24/11 10h00min às 13h00min	Espaço Escola	equipamentos multimídia	Marta Catunda
23	Ritmos e sonoridades na infância	Sexta, 30/11 09h30min às 12h30min	Oficina	equipamentos multimídia	Tania Aversi
24	Ritmos e sonoridades na infância	Sábado, 01/12 10h00min às 13h00min	Oficina	equipamentos multimídia	Tania Aversi

DIVULGAÇÃO

**EDUCAÇÃO PELO
ENVOLVIMENTO**

**criança
&
natureza**

com o coletivo Ritmos de Pensamento, Uniso

**INÍCIO EM 17/8
SEXTAS ÀS 9H30
SÁBADOS ÀS 10h**

**VOLTADO PARA EDUCADORES
SALA 1. VAGAS LIMITADAS. GRÁTIS**

CLIQUE AQUI E FAÇA SUA PRÉ-INSCRIÇÃO

Sesc Sorocaba
Rua Barão de Piratininga, 555
CEP 18030-160
TEL.: (15) 3332.9933

sescsp.org.br
/ sescsorocaba

Sesc

Georgina de Lora